



**PPGH- FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL**

ANA PAULA PELLEGRINO GOTTARDI

**DE PORTO A PORTO: O ELDORADO BRASILEIRO NA
PERCEPÇÃO DOS IMIGRANTES HAITIANOS EM
PORTO VELHO-RO**

Porto Alegre/ RS

2015

ANA PAULA PELLEGRINO GOTTARDI

**DE PORTO A PORTO: O ELDORADO BRASILEIRO NA
PERCEPÇÃO DOS IMIGRANTES HAITIANOS EM
PORTO VELHO-RO**

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História da
Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul. Orientador: Prof^o. Dr^o.
Klaus Peter Kristian Hilbert.

Porto Alegre/ RS

2015

Gottardi, Ana Paula Pellegrino
“DE PORTO A PORTO: o Eldorado Brasileiro na percepção dos imigrantes haitianos em Porto Velho-RO”./ Ana Paula Pellegrino Gottardi. Porto Alegre, 2015.
116 f.

Orientador: Klaus Peter Kristian Hilbert
Dissertação(Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História.

1. História das Sociedades Ibéricas 2. Imigração haitiana I. Hilbert, Klaus Peter Kristian
II. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em História III. Título

CDD – 972.4

"As migrações alargam o conceito de pátria para além das fronteiras nacionais, fazendo do mundo a pátria dos homens".

Scalabrini

Caminhos do coração- (Gonzaguinha)

Há muito tempo que eu saí de casa
Há muito tempo que eu caí na estrada
Há muito tempo que eu estou na vida
E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente
vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense
estar...

Às minhas filhas, amor maior e eterno, que
estarão em mim por onde quer que eu vá!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade e pelo fortalecimento nos momentos difíceis.

Aos meus pais (in memoriam), pelo apoio e incentivo ao estudo que sempre dispensaram aos filhos apesar do pouco estudo que tiveram. Meu amor incondicional e gratidão eterna.

Ao meu esposo Ricardo e minhas filhas Victoria e Giovanna pelo apoio, pelo entendimento e superação dos momentos em que estive ausente (que não foram poucos), o que somente foi possível pelo grande amor e respeito que me dispensam. Obrigada pela paciência. Retribuirei cada momento perdido com a devida atenção que merecem.

Aos meus irmãos, cunhados e sobrinhos que, mesmo distantes, estiveram todo o tempo presentes através das vibrações de amor e carinho emanadas, torcendo por mim.

Aos amigos que, mesmo não sendo muitos em quantidade, superam em qualidade. O incentivo e a presença de vocês foram fundamentais e muito valiosos.

Ao meu orientador, professor Klaus Hilbert, pelos direcionamentos teóricos, pela atenção e paciência com que me conduziu ao longo desta pesquisa.

Ao Governo do Estado de Rondônia, na pessoa do governador Confúcio Moura, pela iniciativa e preocupação com a formação continuada do professor, proporcionando, através da parceria com a FCR- Faculdade Católica de Rondônia, na pessoa do professor Fábio Rychечи Hecktheuer, a bolsa de estudo com a qual fui contemplada.

Aos colegas e professores do Mestrado Interinstitucional- PPGH- Programa de Pós-graduação em História/PUC-RS pelos excelentes momentos de reflexão através das leituras e discussões realizadas, os quais contribuíram muito para o meu aprendizado e fazer pedagógico.

RESUMO

No Brasil, foram vários os fluxos migratórios que ocorreram ao longo de seu desenvolvimento econômico, desde a colonização até a atualidade. Imigrantes de várias partes do mundo já adentraram nossas fronteiras em busca de trabalho; europeus, asiáticos e, recentemente, uma grande leva de bolivianos, senegaleses e haitianos. Os haitianos são o objeto deste estudo, que visa analisar a inserção migratória desses sujeitos em termos de expectativas e experiências no município de Porto Velho-RO; traçando o perfil desses sujeitos; identificando os fatores que os levaram a sair do Haiti; descrevendo os elementos que constituíam a sua expectativa pelo Brasil e a verificação da relação entre a expectativa inicial e a experiência atual da migração por eles empreendida. O interesse por este assunto se deu em virtude da crescente onda migratória de haitianos que teve início após o terremoto que assolou o Haiti, em 2010; agravando ainda mais os problemas enfrentados por esse país. Neste sentido, a temática se justifica porque é de suma importância para uma discussão que poderá contribuir para com o aprimoramento da política de imigração no país, visto que a legislação atual se encontra defasada, dificultando um melhor acolhimento dos imigrantes em território nacional, bem como sua inserção social. Um breve panorama histórico do Haiti é resgatado para compreender a situação sócio-econômica e política, historicamente construída no país e suas relações com o processo migratório. As principais correntes e fluxos de imigração de haitianos para diversos destinos do globo foram pesquisados; a fim de evidenciar a frequência dessas práticas e a recente rota para o Brasil. A pesquisa foi realizada numa abordagem qualitativa, de cunho exploratório, com análise documental e levantamento de campo, com entrevistas semiestruturadas a 05 sujeitos haitianos, de ambos os sexos, imigrantes, moradores de Porto Velho, RO em que a história oral foi utilizada como metodologia de apreensão e registro das narrativas dos sujeitos participantes; as emissões verbais foram tratadas pela Análise de Conteúdo. Os relatos colhidos tanto entre imigrantes quanto por meio das mídias, além de pesquisas e dados de órgãos públicos serviram de embasamento para a compreensão do processo de chegada e de inserção da comunidade haitiana no Brasil, seus principais destinos e condições de vida e trabalho.

Palavras-chave: Imigração. Teorias Imigratórias. Fluxos Migratórios. Haitianos.

ABSTRACT

In Brazil several migratory flows have occurred, over the progression of its economic development, since the period of colonization until today. Immigrants from various parts of the world have found their way crossing our borders in search of work such as Europeans, Asians, and, recently, a great wave of Bolivians, Senegalese and Haitians. The Haitians are the subject of this study, which aims to analyze the migratory insertion of these persons in terms of expectations and experiences in the city of Porto Velho-RO; profiling these people; identifying the reasons that forced them to leave Haiti; describing the elements that constitute its expectation in Brazil and the verification of the relationship between initial expectations and the current experience of migration they had undertaken. The interest in this matter is related to the increasing migratory wave of Haitians that began after the earthquake that struck Haiti in 2010; further exacerbating the problems faced by this country. In this sense, the subject is justified because of the utmost importance for a discussion that may contribute to the enhancement of immigration policy in Brazil, as the current legislation is wrong, making a better reception of immigrants in national territory, as well as their social insertion. A brief historical overview of Haiti is redeemed to understand the situation and socio-economic policy historically constructed in the country and its relations with the migration process. The main currents and flows of immigration of Haitians to various destinations of the globe were surveyed; in order to show the frequency of these practices and the recent route to Brazil, the research was carried out in a qualitative, exploratory, with documentary analysis and field survey, with semi-structured interviews the 05 Haitians, of both sexes, immigrants, residents of Porto Velho, RO, in that oral history was used as methodology of apprehension and record the narratives of the participants. The verbal emissions were handled by Content Analysis; the reports collected among both immigrants and media, in addition to research and data from government agencies served as a basis for the understanding of the process of arrival and insertion of the Haitian community in Brazil, its main destinations and conditions of life and work.

Keywords: Immigration. Migratory Theories. Migratory Flows. Haitians

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Quadro Representativo de Refugiados no Mundo.....	20
FIGURA 02: Gráfico Representativo de Imigração para o Brasil.....	24
FIGURA 03: Mapa das Províncias e Charge sobre o Mapa do Haiti.....	37
FIGURA 04: Diagrama do Fluxo Migratório de Haitianos pelo Mundo.....	38
FIGURA 05: Infográfico sobre o Terremoto no Haiti.	41
FIGURA 06: Diagrama Representativo dos Valores da Escala Richter.....	42
FIGURA 07: Mapa-Diagrama do Trajeto dos Haitianos até o Acre.	44
FIGURA 08: Quadro demonstrativo do Deslocamento de Haitianos no Brasil.	53
FIGURA 09: Mapa-Diagrama da Localização do Novo Contingente de Imigrantes no RS.....	56
FIGURA 10: Mapa-Diagrama da Rota dos Haitianos no Brasil.....	57
FIGURA 11: Gráficos para Caracterização do Perfil dos Imigrantes Haitianos I (Sexo e Escolaridade)	63
FIGURA 12: Gráficos para Caracterização do Perfil dos Imigrantes Haitianos II (Profissão e Faixa Etária)	63
FIGURA 13: Mapa Representativo das Fronteiras Terrestres do Brasil.	76
FIGURA 14: Alojamentos de Imigrantes Haitianos no Brasil.....	80
FIGURA 15: Centro de Recepção de Imigrantes Haitianos.....	84

LISTA DE TABELAS

TABELA 01 – Perfil dos Sujeitos.....	72
TABELA 02 – Causa da Saída do País de Origem.....	73
TABELA 03 – Motivo da Escolha do Brasil como Destino.....	75
TABELA 04 – Aspectos Positivos para se Viver no Brasil.....	77
TABELA 05 – Aspectos Negativos de se Viver no Brasil.....	78

SIGLAS

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
AHPB Associação dos Haitianos Progressistas do Brasil (Porto Velho)
CNIg - Conselho Nacional de Imigração
CNPJ - Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados
CPF - Cadastro de Pessoas Físicas
CTPS - Carteira de Trabalho e Previdência Social
FGTS - Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IOM - Organização Internacional para as Migrações
MHAVE – Ministério dos Haitianos que Vivem no Exterior
MINUSTAH - Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti
MJ Ministério da Justiça
MRE- Ministério das Relações Exteriores
MTE Ministério do Trabalho e Emprego
OEA - Organização dos Estados Americanos
ONU - Organização das Nações Unidas
PF – Polícia Federal
PIB – Produto Interno Bruto
PNH- Polícia Nacional Haitiana
PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
SEAS Secretaria de Estado de Assistência Social (Rondônia)
SEDUC - Secretaria Estadual de Educação
SENAC - Serviço Nacional do Comércio
SENAI - Serviço Nacional da Indústria
SINE Serviço Nacional de Emprego
SPM Serviço Pastoral do Migrante
UFAM - Universidade Federal do Amazonas
UNIR Universidade Federal de Rondônia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – IMIGRAÇÃO	14
1.1 TEORIAS MIGRATÓRIAS: AS MIGRAÇÕES E SEUS DETERMINANTES	14
1.2 AS PRINCIPAIS CORRENTES E FLUXOS MIGRATÓRIOS PARA O BRASIL	24
CAPITULO 2 – IMIGRAÇÃO HAITIANA	30
2.1 UM BREVE PANORAMA HISTÓRICO DO HAITI.....	30
2.1.1 AS MISSÕES DE PAZ NO HAITI.....	34
2.2 AS MIGRAÇÕES HAITIANAS.....	36
2.2.1 A VIAGEM E A CHEGADA AO BRASIL.....	42
2.2.2 OS REFUGIADOS: ACOLHIDA E INSERÇÃO.....	48
2.2.3 A DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DESSES IMIGRANTES NO TERRITÓRIO BRASILEIRO	54
2.2.4 O PERFIL DOS HAITIANOS EM PORTO VELHO	62
2.2.5 A INSERÇÃO SOCIAL DO HAITIANO ATRAVÉS DO TRABALHO.....	64
CAPITULO 3 – METODOLOGIA	66
3.1 TIPOS DE PESQUISA (QUALITATIVA, EXPLORATÓRIA, DE CAMPO)	68
3.2 AMOSTRA (QUANTOS, PERFIL, CRITÉRIOS DE INCLUSÃO, ETC.).....	70
3.3 MATERIAIS E PROCEDIMENTOS.....	70
CAPITULO 4 – RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	72
4.1 MOTIVOS DA MIGRAÇÃO	73
4.2 DECISÃO PELO BRASIL	74
4.3 INSERÇÃO.....	77
4.3.1 ASPECTOS POSITIVOS DE SE VIVER NO BRASIL.....	77
4.3.2 ASPECTOS NEGATIVOS DE SE VIVER NO BRASIL.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS.....	88

INTRODUÇÃO

A cidade de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia, vem nos últimos anos recebendo elevado número de haitianos que são vistos comumente nas ruas, nos estabelecimentos comerciais e “engrossando” as filas do SINE - Sistema Nacional de Emprego; sendo facilmente reconhecidos pelas características físicas diferenciadas e pelo sotaque e língua desconhecida pela população local¹.

Desde o terremoto que devastou o Haiti em janeiro de 2010, milhares de haitianos chegaram ao Brasil pelas fronteiras da região Norte do País; espalhando-se, posteriormente, para outros estados, em busca de trabalho. O Brasil, segundo o Banco Mundial, ocupa o 7º lugar no ranking das maiores economias do mundo; com uma economia aberta e globalizada cujo PIB alcança 2.246 trilhões de dólares. Encontra-se, portanto, num momento de expansão, chamando a atenção no exterior como terra de oportunidades.

Nesse pressuposto, as políticas sociais e de redistribuição de renda por meio de programas como: bolsa família, o combate à fome e à miséria, a imagem carismática e otimista do então presidente brasileiro transmitidas na mídia internacional e os eventos esportivos de 2014 e 2016, têm contribuído para com a disseminação da ideia de um país em ascensão econômica e com investimentos na área social.

Desse modo, o Brasil vem se tornando uma rota interessante para pessoas que encontram dificuldades em seu país natal, especificamente, no caso dos haitianos cujo país, além da situação histórica de pobreza, encontra-se devastado pelo terremoto de 2010.

Dessa forma, vale ressaltar que o desenvolvimento econômico brasileiro, de um modo geral, e particularmente no Estado de Rondônia, na cidade de Porto Velho; a partir da construção das Usinas Hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio, iniciadas em 2008, tornou-se um grande atrativo para os imigrantes haitianos, pois visualizam oportunidades de emprego com salário mais digno e acesso a serviços sociais inexistentes em seu país.

Nesse sentido, Patarra (2006), com a teoria da migração internacional na perspectiva neoclássica, destaca a desigualdade na distribuição internacional do capital e a mão de obra como fator principal de movimentos populacionais em nível macroeconômico. Nessa perspectiva, o Brasil, para os haitianos representa área abundante de capital, tornando-se polo de atração migratória. Por outro lado, sua terra natal tornou-se consequência dos fatores

¹ A maioria dos haitianos fala o crioulo, o francês e o espanhol.

políticos e dos fenômenos naturais das últimas décadas, região com escassez desse fator de produção no qual ou os salários são baixos ou inexistem. Impelidos por essas forças negativas, milhares de haitianos objetivam trabalhar nesse Brasil dos sonhos, pois imaginam que nele não exista crise econômica. Mas, entre o sonho e a realidade há longa distância, e o país idealizado nem sempre corresponde aos anseios dos imigrantes.

Diante desses aspectos surgem as indagações acerca das formas de assegurar o direito legal de estar no Brasil; assim como a existência de empregabilidade e o oferecimento de melhores condições sociais e econômicas em território brasileiro a esses imigrantes.

Nesse cenário de desagregação social do Haiti, e sugestionada opulência do Brasil, em que a exportação da população se torna um negócio rentável; surge a figura emblemática do traficante de pessoas, sendo que, tanto no país de origem quanto no país que acolhe, estabelece-se o lucro sobre a desagregação populacional do primeiro.

Diante desse contexto, enuncia-se o nosso problema de investigação: como tem sido a inserção migratória de sujeitos haitianos, em termos de expectativas e experiências no Município de Porto Velho/RO? Assim temos como objetivo geral analisar o processo de inserção migratória de sujeitos haitianos, em termos de expectativas e experiências no município de Porto Velho/RO; traçando o perfil desses sujeitos; identificando os fatores que os levaram a sair do Haiti; descrevendo os elementos que constituíam a sua expectativa pelo Brasil e a verificação da relação entre a expectativa inicial e a experiência atual da migração por eles empreendida.

Por conseguinte, ao investigar a comunidade haitiana e o seu processo de imigração para o Brasil, pretende-se ouvir e conhecer histórias de vida, as dificuldades enfrentadas no processo migratório e na chegada ao Brasil; expectativas, experiências vividas nesse processo, bem como analisar o processo de inserção dessa comunidade em Porto Velho. Busca-se verificar quem são essas pessoas; de onde vieram, por que vieram, como chegaram aqui, o que deixaram para trás e como estão reestruturando suas vidas.

Nesse sentido, a temática se justifica porque é de suma importância para uma discussão que poderá contribuir para com o aprimoramento da política de imigração no país, visto que a legislação atual se encontra defasada², dificultando um melhor acolhimento dos imigrantes em território nacional, bem como sua inserção social.

² A lei que define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil e cria o Conselho Nacional de Imigração é a Lei Nº LEI Nº 6.815, de 19 de agosto de 1980.

Assim, esta dissertação sustenta-se de tal método que foi integrando a coleta de dados por meio de pesquisa bibliográfica, documental (midiática) e de campo, sendo que os dados coletados foram submetidos à análise qualitativa.

Nessa perspectiva, é válido saber como foi realizada a estruturação desta pesquisa. O presente trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos, os quais foram instituídos de acordo com o desenvolvimento do estudo. No primeiro capítulo, a discussão pautou-se em torno de uma revisão sobre as teorias migratórias a fim de compreender os fatores que determinam este processo. Ao discutir aspectos relativos à imigração, são lembrados os principais fluxos migratórios ocorridos ao longo da história de nosso país, suas causas e consequências.

No segundo capítulo, especificamente sobre a imigração haitiana, a retomada dos aspectos históricos do Haiti é feita a fim de compreender os fatores que contribuíram para com o estabelecimento das precárias condições econômicas e políticas do país e que levam os haitianos a buscarem melhores condições de vida e trabalho. A partir de relatos colhidos por meio de materiais de diferentes mídias, foram verificadas as condições de viagem desses imigrantes, sua acolhida em território brasileiro e sua distribuição espacial após a chegada ao Brasil. O estudo, além dos elementos anteriormente citados, pautou-se também com base em dados oficiais para traçar um perfil desses imigrantes.

O terceiro capítulo trata do desenvolvimento metodológico aplicado ao longo deste estudo, com especificação do tipo de pesquisa que foi utilizada; assim como a caracterização da amostra em termos de quantidade, perfil e critérios de inclusão. Concluiu-se este capítulo com a apresentação dos materiais e procedimentos utilizados ao longo da pesquisa. Com esses dados pretendeu-se possibilitar uma melhor visualização das etapas desenvolvidas ao longo de todo o processo.

No quarto capítulo, encontram-se as análises das entrevistas, distribuídas por categorias, subcategorias e discutidas à luz das teorias apresentadas no capítulo 1, o qual mostra o embasamento teórico desta pesquisa.

Deste modo, nas considerações finais desta pesquisa, finalizamos não por termos esgotado o assunto, pois muito ainda se tem a estudar e investigar sobre a imigração haitiana para o Brasil; mas considerando que, por se tratar de um fenômeno recente, pode desdobrar-se em consequências ainda desconhecidas.

CAPÍTULO I

IMIGRAÇÃO

Este capítulo estrutura-se, primeiramente, em torno de uma revisão sobre as principais teorias migratórias a fim de possibilitar ao leitor uma melhor compreensão dos fatores que determinam este processo. Após esta revisão teórica, ao discutir sobre imigração, serão lembrados os principais fluxos migratórios ocorridos ao longo da história de nosso país, bem como suas causas e consequências.

1.1 Teorias migratórias: migrações e seus determinantes

Segundo o dicionário Aurélio (2008 p. 554), “migrar” é mudar de país ou de região, assim como “migração” (idem) é a passagem de um país para outro, de um indivíduo ou povo. A partir dessa definição, migrar, trocar de região, país, estado ou até mesmo de domicílio pode ser entendido como um ato que ocorre desde o início da história da humanidade, quando os homens nômades se deslocavam de uma região a outra, em busca de sua sobrevivência. O homem tornou-se sedentarizado, mas continuou migrando, por variados motivos. Desse modo,

[...] a imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço, e antes de mais nada no espaço físico [...] mas o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente. (SAYAD, 1998, p. 15)

A América, ao longo de sua história, foi alvo constante de migrantes. Exploradores europeus, aventureiros, pessoas que foram expulsas de sua terra de origem perseguidas por sua opção religiosa ou política e, então, atraídas pela busca de melhores possibilidades. Outros, como os africanos, por exemplo, foram forçados a migrar e servirem de mão de obra escrava.

Dentre os movimentos migratórios estão os movimentos internacionais que ocorrem entre os países; os que ocorrem dentro do mesmo país, ou seja, internamente; os definitivos, nos quais o migrante passa a ter residência permanentemente no local para o qual migrou; os temporários, que podem ser observados nos movimentos dos boias-frias, por exemplo, que residem por um período pré-determinado no local para o qual migraram.

Essas migrações ainda podem apresentar um caráter espontâneo, ou seja, independentemente de um motivo específico, por exemplo, a ocorrência de catástrofes naturais; ou podem ser forçadas quando o migrante se vê obrigado a sair de seu lugar de origem como foi o caso dos nordestinos que, por causa da seca que atingiu a Região do Nordeste no final do século XIX, foram forçados a se deslocarem para várias regiões do país. É o que confirma Facó ao afirmar que esse processo

[...] em larga escala se inicia com a grande seca, de 1877 a 1879, a qual deixou memória em toda a região até os dias de hoje. Três anos seguidos sem chuvas, sem semeaduras, sem colheitas, os rebanhos morrendo, os homens fugindo para não morrer. É verdade que, em secas anteriores, haviam-se registrado emigrações para além das fronteiras da província que era a principal vítima da falta de chuvas, o Ceará. João Brígido afirma que, na seca de 1792, emigrações houve das fronteiras do Ceará para as terras úmidas do Piauí, e que o êxodo dos sertanejos adquiriu maiores proporções em 1825, estendendo-se até o Pará. Reconhece, porém, que só se torna intensa “intensíssima” - depois de 1877. (FACÓ, 2009, p. 26-27)

Sendo assim, o termo “migração” caracteriza o movimento ou a realocação de pessoas de uma região para outra, ou seja, o deslocamento de indivíduos num determinado espaço geográfico e que pode ocorrer de forma permanente ou temporária. Porém, mais importante que compreender o conceito da migração, é entender o processo pelo qual ela se dá.

Dessa forma, o processo ocorre relacionado a dois fatores: o de expulsão (*push factors*) e o de atração (*pul factors*). Fatores que são determinantes para que a decisão de migrar ocorra entre os indivíduos ou grupos; como atesta a teoria neoclássica.

Para os neoclássicos, o migrante calcula o custo e o benefício da experiência migratória e é isso que influencia e determina a sua decisão, sendo que a migração é entendida aqui como simples somatória de indivíduos que se movem em função do diferencial de renda (HARRIS; TODARO, 1970 *apud* SASSAKI; ASSIS, 2000, p. 2-10)

Conhecer este processo é fundamental para que sejam criadas políticas públicas que visem tanto a um melhor aproveitamento do espaço quanto à equalização econômica e social entre as diversas regiões.

Na última década, o panorama migratório, em nível mundial, tem se tornado objeto de análise não apenas dos intelectuais, mas ainda dos governos preocupados com os impactos sociais, tanto nos países de origem dos migrantes, como nos países escolhidos por eles para se estabelecerem.

Para Ravenstein (1885), um dos autores considerados clássicos desse tema, as migrações se dão a partir de variáveis, tais como: condições econômicas, distância,

tecnologia, sexo, dentre outras. Um exemplo dessas variáveis é o desenvolvimento tecnológico que melhora as formas de transporte; facilitando, assim, o deslocamento entre as regiões. Esses são elementos que incentivam o processo migratório, muito embora os fatores econômicos ainda constituam-se como a principal causa desencadeadora desse processo.

Essas variáveis, segundo Ravenstein (1885), podem ser traduzidas em algumas “leis da imigração”:

- 1 – Migração e Distância – A maioria dos migrantes deslocam-se para curtas distâncias e os que se deslocam para mais longe preferem fazê-lo para grandes centros de comércio e de indústria.
- 2 – Migração por etapas – O processo de atracção de migrantes para uma cidade em rápido crescimento começa pela periferia e gradualmente estende-se para lugares mais remotos. O processo de dispersão é inverso ao de atracção.
- 3 – Correntes e contracorrentes – Cada corrente migratória produz uma contracorrente compensadora; os fluxos migratórios seriam caracterizados pela existência de movimentos populacionais de ida e de volta, ou seja, para todo o grupo de migrantes que se deslocasse em determinada direcção (corrente) existiria um movimento na direcção contrária e de menor intensidade (contracorrente), que poderia ser representado pelo grupo dos chamados migrantes de regresso.
- 4 – Propensão relativa das populações rurais e urbanas para a emigração – A população rural é mais propensa a migrar do que a urbana.
- 5 – Preponderância do contingente feminino nas migrações de curta distância.
- 6- Relação da tecnologia com as migrações – O desenvolvimento dos meios de transporte e a expansão da indústria e do comércio induzem o aumento dos fluxos migratórios.
- 7 – Motivos económicos – Leis opressivas, climas pouco atractivos, agravamento de impostos, foram, e continuam a ser, responsáveis pelas correntes migratórias. Mas nenhuma destas correntes supera as que estão na origem do desejo intrínseco à maioria dos homens de melhorar as suas condições materiais de existência. (RAVENSTEIN³, *apud* GONÇALVES, 2009. p. 25)

Essas leis podem ser explicadas a partir de várias abordagens teóricas que se caracterizam por uma heterogeneidade de enfoques; como afirma Jansen ao comentar que:

A migração é um problema demográfico: influencia a dimensão das populações na origem e no destino; é um problema económico: muitas mudanças na população são devidas a desequilíbrios económicos entre diferentes áreas; pode ser um problema político: tal é particularmente verdade nas migrações internacionais, onde restrições e condicionantes são aplicadas àqueles que pretendem atravessar uma fronteira política; envolve a psicologia social, no sentido em que o migrante está envolvido num processo de tomada de decisão antes da partida, e porque a sua personalidade pode desempenhar um papel importante no sucesso com que se integra na sociedade de acolhimento; e é também um problema sociológico, uma vez que a estrutura social e o sistema cultural, tanto dos lugares de origem como de destino, são afectados pela migração e, em contrapartida, afectam o migrante. (JANSEN. (1969 p. 60)

³ Vol. 48, Journal of the Royal Statistical Society (1885:710); Ravenstein (1885:198) e Lee (1969:286-7).

Para Jansen (1969), existem diferentes abordagens que podem ser utilizadas na explicação do processo migratório.

Numa das abordagens, a decisão de migrar ou não migrar é ponderada a partir dos custos e benefícios esperados pelo indivíduo em relação ao local de origem e destino; ou seja, é concebida a partir de uma visão micro.

Esse modelo baseado na relação custo e benefício, segundo Massey (1990), pauta-se pela equação que leva em conta os custos que serão empreendidos no processo migratório e o retorno de ganhos esperados na região de destino. A migração ocorrerá sempre que o retorno esperado for positivo. No entanto, estes ganhos individuais carregam certa subjetividade, pois o peso dado aos custos e aos benefícios esperados cabe apenas ao indivíduo e podem variar de um indivíduo a outro. Assim, alguns fatores podem apresentar mais dificuldade para uns e serem mais fáceis de lidar para outros. Por exemplo, o distanciamento de familiares e amigos, a adaptação às condições climáticas ou a dinâmica social do local para o qual se dirigiram.

Outro modelo semelhante é também sugerido por Mincer (1978), só que baseado em decisões e ganhos familiares, argumentando que famílias tendem a migrar menos que indivíduos, pois o peso da decisão passa a ser de um número maior de pessoas, em que os ganhos familiares se diferenciam dos ganhos pessoais. Desse modo, a decisão passa de independente a interdependente.

A decisão de migrar também pode ser vista como decorrência de uma conjuntura econômica, social e política, concebida numa visão macro, em que a migração se daria devido à desigualdade econômica entre as diversas regiões. Regiões onde a mão de obra é escassa tenderiam a oferecer salários mais elevados, tornando-se polo de atração de migrantes. Áreas mais prósperas tenderiam a atrair migrantes de regiões menos abastadas, numa relação de oferta e demanda de capital e trabalho.

De acordo com essa abordagem, denominada histórico-estrutural, para Singer (1973) as migrações estariam ligadas a processos historicamente condicionados às mudanças estruturais promovidas pela industrialização; em que o crescimento populacional e a alteração das relações de produção influenciariam a determinação da dinâmica migratória a partir de novas técnicas de produção, intensificadas pelo modelo capitalista, reduziriam o número de vagas de emprego, levando os trabalhadores a migrarem.

A dominação da economia e das técnicas industriais é imperativa e universal. A indústria só se estabeleceu solidamente em 10% da superfície dos continentes, mas colocou o mundo inteiro em estado de mobilização para o seu uso. (GEORGE, 1971, p. 100)

Assim, para Castles & Miller (1998, p.20), a "[...] migração internacional é frequentemente causa e efeito de várias formas de conflitos e não um fenômeno isolado".

Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em relatório sobre o desenvolvimento humano feito em 2009, cerca de 195 milhões de pessoas residem fora de seus países de origem (3% da população mundial); sendo que cerca de 60% desses imigrantes fixaram-se em países ricos e industrializados. Em decorrência da estagnação ou até mesmo da crise econômica instaladas em alguns países desenvolvidos, a partir de 2010, 60% das migrações passaram a ocorrer entre países em desenvolvimento.

Para Salt (1987) as migrações surgem como uma resposta à diversidade espacial em termos de desigualdade do desenvolvimento econômico.

Já, segundo Patarra (2006), as novas modalidades migratórias demandam, no cenário da globalização, a necessidade de reavaliação de paradigmas para conhecer o processo das migrações internacionais pelo mundo; bem como a própria definição do fenômeno migratório deve ser revista. Fatores como a globalização e novo reordenamento político e econômico dos países devem ser avaliados; pois “[...] há que se considerar que os movimentos migratórios internacionais constituem a contrapartida da reestruturação territorial planetária intrinsecamente relacionada à reestruturação econômico-produtiva em escala global”. (PATARRA, 2006, vol.21). Por conseguinte:

As redes migratórias compõem um conjunto de laços sociais que ligam comunidades de origem a específicos pontos de destino nas sociedades receptoras. Tais laços unem migrantes e não migrantes em uma complexa teia de papéis sociais complementares e relacionamentos interpessoais que são mantidos por um quadro informal de expectativas mútuas e comportamentos predeterminados. (SASAKI; ASSIS *apud* MASSEY, 2000, p.164)

Surge, então, uma relação dialética entre o individual e o coletivo, o interno e o externo; um movimento marcado pela saída do presente, ida ao passado e retorno ao presente. Para o imigrante contemporâneo,

Seu horizonte é o mundo – vislumbrado no cinema, na televisão, na comunicação entre parentes e amigos. O migrante vive num mundo onde a globalização dispensa fronteiras, muda parâmetros diariamente, ostenta luxos, esbanja informações, estimula consumos, gera sonhos e, finalmente, cria expectativas de uma vida melhor. (MARTINE, 2005, p. 03)

Os migrantes constituem-se como agentes ativos no processo de “expulsão” do “lugar de origem” e “atração” ao “lugar de destino” (CORREA, 2002, p. 275). A crescente

interdependência entre nações faz com que a oferta e procura de mão de obra no Brasil se entrelacem com a economia mundial. Assim, existe a expectativa que a imigração continuará como um fenômeno significativo nos próximos anos (FERNANDES, 2009).

O indivíduo migra porque espera um retorno financeiro que supere os gastos com a mudança e com investimentos em capital humano (FUSCO, 2005, p.16). Segundo Brito (2002), as migrações são parte integrante de um processo socioeconômico e possuem uma regularidade que pode ser observada sob a forma de fluxos, alguns dos quais, devido à sua importância para a dinâmica espacial da economia, assumem caráter estrutural e transformam-se em trajetórias desenhadas de acordo com as necessidades nacionais.

Desse modo, compreende-se que uma parcela de imigrantes, antes de deslocar-se do seu país, empreende cálculos mediante a avaliação racional estabelecida a partir das suposições migratórias a que são levados a acreditar; buscando o novo local não só para sair do estado de pobreza em seu país de origem, mas ainda para melhorar a qualidade de vida anterior à migração. Um dos países de destino é o Brasil, marcado por uma trajetória de contínuas migrações internacionais e nacionais.

Populações advindas de países marcados por perseguições políticas, religiosas ou étnicas; assim, como originárias de terras com intensos conflitos armados ou vitimados por catástrofes naturais são ocorrências marcantes, desde o século XIX e a globalização do fim do século XX e início do século XXI. Sendo que, tornadas acessíveis as informações, contatos e até mesmo panoramas atraentes; mas sempre condizentes com a realidade sócio-econômica de determinadas partes do globo que se reflete na tomada de decisão daquele que objetiva restabelecer-se em terra produtiva e que o acolha na condição de refugiado.

A Agência de Refugiados da ONU (ACNUR)

[...] registra mais de 50 milhões de refugiados e deslocados no mundo em 2013. Em entrevista, o alto comissário, Antônio Guterres, disse que havia 10,7 milhões de novos deslocados em 2013 e 2,5 milhões de novos refugiados, o que caracterizou como "aumento colossal". No fim do ano passado, o número de deslocados fora ou dentro dos seus países atingiu 51,2 milhões, entre eles 16,7 milhões de refugiados. Esse total representa um aumento de 6 milhões de pessoas deslocadas em relação aos 45,2 milhões de 2012, que incluíam 15,4 milhões de refugiados. (ACNUR, 2014, s/p.)⁴

Para Cunha (2007), o refugiado é, antes de tudo, uma vítima da violação de seus direitos humanos.

⁴ <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2014-06/acnur-registra-mais-de-50-milhoes-de-refugiados-e-deslocados-no-mundo>

O Afeganistão ainda responde pela emissão do maior número de refugiados no mundo, e o vizinho Paquistão é o país que abriga o maior contingente, com cerca de 1,6 milhão deles. Pessoas em condições classificadas pela ONU como situação de refúgio "prolongada" incluem mais de 2,5 milhões de afegãos. Em todo o mundo, milhares de refugiados de crises ausentes do noticiário têm passado boa parte de suas vidas em campos. Na fronteira entre a Tailândia e Mianmar, cerca de 120 mil integrantes da minoria karen, de Mianmar, vivem em campos de refugiados há mais de 20 anos. Refugiados não devem ser removidos à força, segundo a ONU, e não devem retornar aos seus países ao menos que seja seguro e que tenham para onde voltar. Para muitos, entre eles os mais de 300 mil refugiados somalis no campo de Dadaab, no Quênia, esta é uma perspectiva distante. (ACNUR, 2014, s/p.)⁵

Esse pressuposto justifica o crescente número de refugiados nas últimas décadas, como é possível visualizar no quadro abaixo:

FIGURA 01: Quadro Representativo de Refugiados no Mundo.

Ano	1975	2012
Total de refugiados	3,52 milhões	10,5 milhões
Proporção	1 entre 417	1 entre 665
Países de origem	60	164
País com mais refugiados	Angola - 502 mil	Afeganistão - 2,5 milhões
Outras regiões críticas	Guinéa, Congo, Etiópia	Síria, Somália

Fonte: <https://demografiaunicamp.wordpress.com/2014/02/03/site-traz-mapa-com-todos-os-refugiados-no-mundo-desde-1975/>

Esse quadro se distancia da voluntária migração dos anos 1980, principalmente dos latinos em fuga da crise econômica mundial que contrastava com o desenvolvimento econômico de países como Japão e Estados Unidos da América. A condição do migrante da década de 1980 era a de quem promove um investimento com possibilidades de ganho financeiro. Conforme Ferreira (2007), o refugiado abandona sua cultura, o agrupamento familiar, os haveres, mínimos que sejam; em busca da sobrevivência, em princípio.

No Brasil, a condição de refugiado é definida juridicamente pela Lei nº. 9.474, instituída em 22 de Julho de 1997, que decreta:

Art 1º Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que:

⁵(http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/06/140619_refugiados_entrevista_hb)

- I – devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;
- II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;
- III – devido à grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país. (BRASIL. Lei nº 9.474, 1997)

No Estatuto Internacional dos Refugiados de 1951, criado pela ONU, o dever em acolher refugiados está explicitado no seguinte artigo:

Artigo 3. Proibição de expulsão ou de rechaço. §1. Nenhum dos Estados Membros expulsará ou rechaçará, de maneira alguma, um refugiado para as fronteiras dos territórios sem que a sua vida ou a sua liberdade seja ameaçada em virtude da sua raça, da sua religião, da sua nacionalidade, do grupo social a que pertence ou das suas opiniões políticas. §2. O benefício da presente disposição não poderá, todavia, ser invocado por um refugiado que, por motivos sérios, seja considerado um perigo para a segurança do país no qual ele se encontre ou que, tendo sido condenado definitivamente por crime ou delito particularmente grave, constitui ameaça para a comunidade do referido país. (CONVENÇÃO DE 1951)⁶.

Dessa forma, para que o refugiado venha se encontrar novamente numa situação estável de reconhecimento de sua humanidade, não deve ser necessário que tenha de retornar a pátria quando a situação que o forçou a sair tenha cessado, mas é preciso que seja também reconhecido quando estiver em território de acolhimento.

De acordo com a lei nº. 9.474, instituída em 22 de Julho de 1997; a condição de refugiado para o haitiano não poderia ser designada. No entanto, considerada a condição de instabilidade política, econômica e social presentes naquele país, o CONARE – Comitê Nacional para Refugiados, com base no art.2º. da RN 97/12, apoia-se na base humanitária para a concessão de Residência Permanente; visto que, a migração dos haitianos insere-se em casos omissos e especiais.

Como procedimentos, as autoridades da fronteira registram os pedidos de refúgio e os encaminham ao CONARE para análise. Os imigrantes recebem documentos provisórios: CPF e Carteira de Trabalho. Por não atenderem aos requisitos estipulados pela Convenção de 1951,

⁶Adotada em 28 de julho de 1951 pela Conferência das Nações Unidas de Plenipotenciários sobre o Estatuto dos Refugiados e Apátridas, convocada pela Resolução n. 429 (V) da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 14 de dezembro de 1950. Entrou em vigor em 22 de abril de 1954, de acordo com o artigo 43. Série Tratados da ONU, Nº 2545, Vol. 189, p. 137.

no que tange ao conceito de refugiado; o CONARE não encontra amparo legal para conceder os vistos. O caso passa para o CNIg (Conselho Nacional de Imigração) que, por meio da Resolução, concede vistos de permanência baseados em razões humanitárias.

Com esta medida, o fluxo de migrantes aumentou consideravelmente, colocando inclusive, os municípios fronteiriços em situação de calamidade por falta de infraestrutura para receber os migrantes. Brasileia, cidade acreana, é um exemplo a ser considerado:

No início de 2014, a situação na cidade de Brasília mostrou-se caótica com a presença de mais de 1.200 imigrantes, em sua maioria haitianos, aguardando o atendimento para a regularização da sua situação migratória ou uma oportunidade de trabalho, via contratação por alguma empresa que chegue à cidade em busca de trabalhadores. (FERNANDES, 2014. p. 15)

Porém, somente assinar o Estatuto, não significa garantir o amparo aos refugiados. Os direitos dos refugiados não podem ser restritos à segurança de recepção. Além de terem sua vida preservada, devem ser tratados como concidadãos, segundo a opinião de TEIXEIRA (2009, p. 29). Isso porque seu valor não reside em determinada nacionalidade, mas no fato de ser humano. Afinal, o direito não pode estar associado a um local ou tempo, mas à condição humana e, supostamente, às desigualdades enfrentadas (BANDEIRA DE MELLO, 2006, p. 21-22).

Para que os direitos humanos dos refugiados sejam de fato respeitados, não é preciso que estes sejam só recebidos, mas também que estejam inseridos na comunidade (TEIXEIRA, 2009). Apesar deste cenário pessimista, os refugiados que se encontram no Brasil recebem auxílio jurídico e assistência social da parceria de ONGs com o governo e com a ACNUR. (MOREIRA, 2007).

Em se tratando dos migrantes haitianos, esse grupo maximiza suas necessidades, pois sequer a condição de minimizar o risco econômico lhes cabe, num país de economia destruída pelos eventos narrados anteriormente. Se considerarmos que o principal recurso da unidade familiar é o trabalho, especialmente nas unidades familiares pertencentes a esferas economicamente mais pobres, à maioria dos haitianos esse “esteio sócio-familiar” ruiu com as ocorrências naturais naquele país. Dessa maneira, a diversificação característica da minimização do risco econômico deixa de significar que; na família, “[...] alguns membros emigram para obter emprego no exterior, oferecendo um alternativo fluxo de renda para toda a unidade, por meio de remessas monetárias” (STARK; BLOOM, 1985, p.173-8) e passam a ser não uma alternativa, mas a única alternativa para a subsistência dos membros que

permanecem no país de origem. Nesse contexto, o Brasil passa a significar não somente a subsistência daquele que migrou, mas a sobrevivência dos que ficaram.

Segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2009, elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD (2009), as pessoas migram porque têm a necessidade de buscar melhores condições de vida.

Para a professora Carolina Moulin (2011), da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; “Uma em cada cinco pessoas no mundo se encontra em situação migratória. Cerca de 740 milhões circulam dentro de seus próprios países de origem, enquanto 200 milhões se movimentam internacionalmente”.

Com o *boom* econômico, o Brasil tornou-se uma rota de interesse para milhares de pessoas que encontram dificuldades em seu país natal.

A partir de 2008, considerando o desenvolvimento econômico brasileiro, e as projeções internacionais, o Brasil tem atraído imigrantes estrangeiros de vários locais do globo que vêm em busca de melhores condições de vida e oportunidades de trabalho. Entre janeiro e junho de 2012, de acordo com o Ministério da Justiça (BRASIL, 2012), profissionais estrangeiros (temporários e permanentes) obtiveram permissão para trabalhar no país. Em contrapartida, o número de imigrantes ilegais ainda é grande. A BBC Brasil divulgou que havia, em 2008, um número em torno de 600 mil estrangeiros clandestinos no Brasil. Grande parte desses imigrantes, segundo a Polícia Federal (BRASIL, 2012), é de haitianos que entram no Brasil pela fronteira com a Bolívia e o Peru, chegando ao Acre e espalhando-se por vários estados.

Além dos haitianos, entra no país um contingente de estrangeiros vindos da África Subsaariana e de países do sul da Ásia, dados que podem ser observados no Relatório da Organização Internacional de Migração de 2011, que aponta o aumento considerável do fluxo migratório para o Brasil.

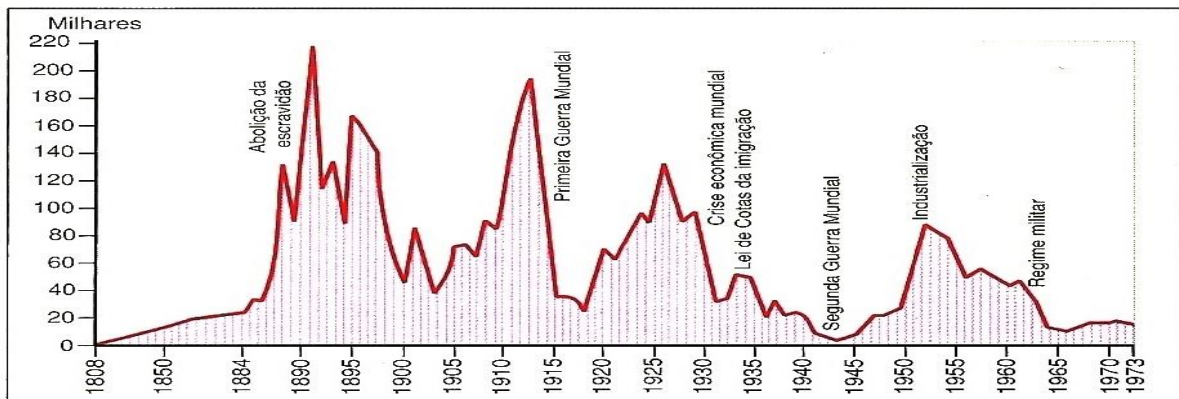
O Brasil não dispõe de políticas públicas para integrar esses imigrantes que se tornam vulneráveis a exploração e constrangimentos.

Um dos desafios do Brasil é o de regularizar os imigrantes ilegais, o impedimento da entrada clandestina e a inserção desses imigrantes que invadem diariamente o país em busca de oportunidades e condições dignas de vida.

1.2 Os principais fluxos migratórios para o Brasil

A história do Brasil é marcada por constantes fluxos migratórios, como pode ser observado na figura abaixo:

FIGURA 02: Gráfico Representativo de Imigração para o Brasil.



Fonte: Gráfico de Imigrantes entrados no Brasil. 1808/1973. Fonte: ADAS, Melhem. Panorama geográfico brasileiro. São Paulo: Moderna, 2004, p. 282.

Desde a chegada dos portugueses, que marcaram este processo, até os dias atuais, a figura do imigrante é comum em nosso país; mudam-se somente algumas condições, por exemplo, como se deslocam, o caminho que percorrem e a forma como se inserem na sociedade.

Os fluxos migratórios têm início a partir de 1530. Neste período, a exploração da nova terra passa a ser organizada e sistematizada por meio de expedições colonizadoras. Com a divisão do território em capitanias hereditárias, em 1534; efetiva-se a ocupação e o povoamento do país. Em 1549, é criado o governo-geral, atraindo os portugueses para o país, número que cresceu nos séculos XVII e XVIII; neste último, com a descoberta de ouro e diamantes em Minas Gerais, “[...] o afluxo de população para as minas é, desde o início do século XVIII, considerável: um rush de proporções gigantescas [...]”. (PRADO JR., 1990, p. 64). Em alguns decênios, povoa-se um território imenso até então desabitado. Desse modo,

Os africanos foram trazidos a ferro e fogo da África para o Brasil. Afonso Taunay estimou a entrada de 3.600.000 negros para o nosso território, assim distribuídos: século XVI, 100.000; século XVII, 600.000; século XVIII, 1.300.000; século XIX, 1.600.000. (ZAMBERLAN, 2004. p. 44)

Os negros africanos, através do tráfico negreiro do século XVI ao XIX, foram trazidos para o Brasil em número impossível de se precisar, algo em torno de cinco a seis milhões,

trazidos para trabalharem nas lavouras de cana-de-açúcar, plantações de café, extração mineral, em áreas rurais e urbanas; por conseguinte,

É escusado discutir sobre a data precisa em que começou a introdução de escravos negros no Brasil. De quase meio século antes do seu descobrimento datava o comércio de escravos africanos na Europa, e Portugal era a sua sede. A escravidão negra no Brasil é, pois, contemporânea da sua colonização. Somente ela guardou, nos primeiros tempos, a feição portuguesa de fenômeno secundário, limitado ao serviço doméstico. Surgiu como problema brasileiro quando, faltando o índio que sucumbia ou era protegido pelos jesuítas, e começando a escassear os braços para a lavoura e, mais tarde, para o trabalho das minas, se criou um comércio de escravos direto, entre a nova Colônia e a África. O grande tráfico iniciou-se pouco menos de uns 50 anos após a descoberta do Brasil com alguns navios, por particulares, enviados à África. (RODRIGUES, 2010, p. 20)

Durante a União Ibérica (1580-1640), período de união entre as coroas de Portugal e Espanha, a legislação, que antes proibia a entrada de estrangeiros no Brasil, foi alterada, abrindo as portas aos espanhóis, judeus, franceses, ingleses e holandeses.

A partir da chegada da Corte Portuguesa no Brasil, em 1808, pôde-se verificar o início de uma política de imigração propriamente dita, com a radicação de cerca de dois mil suíços e mil alemães que se estabeleceram nas colônias recém-fundadas de Nova Friburgo no Rio de Janeiro e a de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul (SEYFERTH, 1996).

No mesmo século, é possível observar a crescente imigração de açorianos para os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul; distribuindo-se, posteriormente, para os estados de Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Amazonas, Pará e Paraíba.

Entre o primeiro contingente, chegado em 1748, e o último, que chegou em 1756, desembarcaram em Santa Catarina, um total de cerca 6.000 açorianos (e madeirenses). O desembarque fez-se na ilha de Santa Catarina, mas, a partir da ilha, os casais açorianos irão gradualmente fixar-se em vários pontos do litoral catarinense. (LEAL, 2007, p. 14)

Com as pressões para o fim do tráfico negreiro, com medidas progressivas à extinção da escravatura, que ocorreu em 1888; o trabalho livre passa a ganhar expressão e o processo migratório cresce notavelmente em direção ao sul do país, principalmente para São Paulo, onde a lavoura cafeeira era expressiva e totalmente baseada na mão de obra escrava, agora extinta.

Após a abolição, o número de migrantes acentuou-se no país, caracterizado pela diversidade de nacionalidades e pela irregularidade nos períodos entre guerras.

Já, o Japão que passava por um crescimento populacional e crise econômica, num acordo com o governo brasileiro; enviou para o Brasil, em dez anos, cerca de quinze mil

japoneses. Com a Primeira Guerra, esse número aumentou consideravelmente, aproximadamente 160 mil japoneses que se espalharam pelos estados de São Paulo, Paraná, Amazônia e Pará. É o que atestam SPOSITO e BOMTEMPO, quando afirmam que

O Japão, no final do século XIX e início do século XX, passava por mudanças econômicas e políticas, que atingiram toda a sociedade [...]. O país transitava do período feudal para um Estado moderno pautado na industrialização e urbanização da sociedade. A crescente população urbana era um entrave para as novas formas de acumulação do capital japonês. Assim, o Japão para os pequenos produtores rurais, artesãos e comerciantes, era o lugar dos sonhos perdidos, o lugar das impossibilidades de ascensão econômica e social e, neste caso, a emigração era uma alternativa. (SPOSITO; BOMTEMPO, 2010, p. 65)

Não só os japoneses, mas também outros imigrantes passaram a fazer parte do cenário brasileiro, aumentando consideravelmente este contingente.

No período de 1887 a 1930 cerca de 3,8 milhões de estrangeiros entraram no Brasil. O período de maior concentração da imigração compreende 1887- 1914, quando aproximadamente 2,74 milhões de estrangeiros se mudam para o Brasil, ou seja, cerca de 72% de toda população imigrante durante a Primeira República (FAUSTO, 1998, p. 155)

A partir de 1930, houve uma desaceleração do processo migratório. Os motivos que teriam influenciado seriam a crise de 1929, que afetou a economia brasileira e uma série de medidas políticas; como por exemplo, o decreto 20.291 de 12 de agosto de 1931 que, em razão da crise econômica, determinava que dois terços das vagas de emprego deveriam ser reservadas à trabalhadores brasileiros, tanto no comércio como na indústria. Segundo o decreto:

Capítulo 1 – DA NACIONALIZAÇÃO DO TRABALHO – Art. 1º Todos os indivíduos, empresas, associações, sindicatos, companhias e firmas comerciais e industriais, que explorem qualquer ramo de comércio ou indústria, inclusive concessões dos Governos Federal, Estadual, Municipal, do Distrito Federal e Território do Acre, são obrigados a manter no quadro do seu pessoal; quando composto de mais de cinco empregados, uma proporção de brasileiros natos nunca inferior a dois terços, que deverá ser conservada durante o ano civil.⁷

A Constituição de 1937 continuou a política de restrições concedendo à União a competência de legislar sobre emigração e imigração; com direito de “limitar ou suspender, por motivos econômicos ou sociais, a entrada de indivíduos de determinadas raças ou origens, ouvido o Conselho de Imigração e Colonização” (art. 2º).

⁷ <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-20291-12-agosto-1931-514687-publicacaooriginal-1-pe.html>

Durante a Segunda Guerra, com a aliança brasileira feita com os países Aliados, contrários aos do Eixo; grupo ao qual pertenciam os japoneses, estes foram proibidos de entrar no país. Somente com o fim da guerra, as leis foram revogadas, fazendo com que o fluxo migratório voltasse a crescer.

Segundo o censo de 1950, os japoneses constituíam 10,6 % dos estrangeiros recenseados, representando, em número de imigrantes, a quarta colônia do país.

Observa-se, então, uma diminuição dos movimentos migratórios, já que

O período 1930-50 apresenta uma expressiva diminuição da participação dos movimentos migratórios internacionais: de 835 mil pessoas durante os anos 1921-1930, a imigração decresce para 285 mil e 130 mil, respectivamente, nas décadas de 40 e 50 do século passado. (PATARRA, 2003, n^o7)

Os principais grupos de imigrantes que vieram para o Brasil foram os portugueses, italianos, espanhóis, alemães e japoneses. As marcas desses povos podem ser percebidas na cultura e nas bases econômicas de duas das regiões brasileiras; Sudeste e Sul, onde antigos núcleos populacionais se transformaram em cidades com aspectos característicos observados na arquitetura, vestimenta, vocabulários, além de técnicas e atividades artesanais, na agricultura, nos hábitos, costumes e na industrialização.

Nas condições da industrialização brasileira, podem-se distinguir duas etapas relacionadas ao recrutamento da mão-de-obra fabril. Na primeira, de implantação do capitalismo industrial, o recrutamento da força de trabalho se fez mediante o recurso a fontes externas. Os imigrantes europeus constituirão a parcela mais importante da mão-de-obra paulista. [...] Posteriormente, após a Primeira Guerra Mundial, e principalmente na década de 1930, com o declínio das grandes correntes migratórias europeias, ocorrerá a rápida substituição do elemento estrangeiro pelo trabalhador brasileiro. [...]. [Entretanto] majoritariamente, a nova mão-de-obra é originária do setor rural e dos setores 'marginais' de serviços das grandes cidades. (RODRIGUES, 1970, p. 13)

Com o final da II Guerra Mundial, inicia-se uma flexibilização da política de imigração. O Decreto-Lei 7.967, de 18.09.1945, declarava ser “[...] necessário imprimir à política imigratória uma orientação racional e definitiva, que atenda à dupla finalidade de proteger os interesses do trabalhador nacional e desenvolver a imigração que for fator de progresso para o país”.

Com esta visão, acentua-se novamente o processo migratório; pois

A partir da década de 1960 deu-se início à fase da tolerância aos migrantes na América Latina, Caribe, África e alguns países da Ásia.

Acentuou-se a mobilidade humana em busca de sobrevivência provocada pelas perseguições políticas dos regimes militares, frutos da guerra fria e pelo tipo de ciclo de crescimento econômico, com suas obras faraônicas, como hidrelétricas, polos petroquímicos, rodovias transcontinentais. No período recessivo do ciclo gerado pela superacumulação de bens supérfluos, a partir de 1980, o liberalismo econômico impôs o endividamento externo e interno, a abertura das fronteiras e forçou as privatizações dos serviços essenciais, permitindo a entrada, quase sem tarifa, de produtos do capital internacional. Isso aumentou a concentração de renda e de riqueza.

Assim, milhares de brasileiros, argentinos, uruguaios, paraguaios, chilenos, bolivianos, equatorianos, colombianos, venezuelanos, peruanos, mexicanos e de países da América Central tiveram que sair de suas pátrias. Esse mesmo fenômeno ocorreu com países da África e da Ásia. Esse período é conhecido também como o de migrações entre nações limítrofes.

A partir da década de 1980, milhares de brasileiros emigraram para o exterior em busca de trabalho, especialmente para Estados Unidos, Japão e Paraguai. Hoje, para cada imigrante existente no Brasil, há três brasileiros (emigrantes) residindo no exterior. (ZAMBERLAN, 2004, p. 57)

Para Maria Adelina Henriques, mestre em Demografia e Sociologia da População pelo ISCTE-IUL - Instituto Universitário de Lisboa,

À medida que o mundo se moderniza, nomeadamente em matéria de transportes e redes de comunicação, também o fenômeno migratório ganha novas proporções e complexidade. A liberalização dos mercados e a abertura das fronteiras entre países tem contribuído para que os fluxos migratórios se tornem mais fáceis. A globalização fomenta grande permeabilidade de fronteiras, permitindo grande mobilidade aos cidadãos. (HENRIQUES, 2009 p. 17)

Ana Cristina Braga Martes, doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo e pesquisadora da FGV, afirma que a imigração recente para o Brasil obedece a quatro diferentes padrões:

- 1) Perseguição política (1970-1980): profissionais liberais. Predomínio de argentinos, chilenos e uruguaios, que representam as comunidades de maior nível de escolaridade (Censo, 2000);
- 2) Refugiados: africanos (Angola e Libéria), colombianos e asiáticos (Afeganistão);
- 3) Migração de profissionais (até hoje): empregados qualificados de multinacionais e transnacionais e profissionais liberais. Fluxos documentados no Ministério de Trabalho e Polícia Federal. Predomínio de europeus e latino-americanos (sobretudo argentinos);
- 4) Migração laboral (1970 até hoje): trabalhadores de baixa qualificação e nível de escolaridade. Fluxo voluntário, não-documentado. Predomínio de sul-americanos (chilenos, bolivianos, paraguaios, peruanos e haitianos) e também africanos (sobretudo Angola e Moçambique). (MARTES, 2009. p. 12)⁸

Para Castles e Miller (1998), as migrações continuarão a fazer parte da constituição das sociedades modernas, pois a globalização fará com que haja um fluxo de pessoas que

⁸ Cadernos Adenauer, 2009, vol.1.

circulam devido às necessidades econômicas e medidas políticas. Dessa forma, “[...] o fenômeno migratório constitui um dos traços dominantes da sociedade internacional no início do século XXI, tudo levando a crer que será um dos assuntos políticos mais importantes das próximas décadas [...]”. (MAXIME, 2003 apud. HENRIQUES, 2009).

Pela importância que vem tomando, a problemática das migrações constitui um desafio em vários aspectos: econômico, político, social e cultural.

A complexidade deste desafio, segundo Ana Cristina Braga Martes reside no fato de que:

A gestão dos deslocamentos populacionais no Brasil é multiministerial. Contudo, está sob a coordenação do Conselho Nacional de Imigração (CNIg). Os ministérios mais envolvidos e afetados são: do Trabalho e Emprego, das Relações Exteriores, da Justiça, da Educação, da Previdência Social, da Saúde, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República e Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. Por sua vez, o CNIg é integrado por nove ministérios, cinco centrais sindicais, cinco confederações de empregadores e um representante da comunidade científica. O CNIg está oficialmente incumbido de formular as políticas de imigração, sob coordenação do Ministério do Trabalho, responsável pelas autorizações de trabalhadores migrantes; do Ministério das Relações Exteriores, que concede o visto no exterior; e do Ministério da Justiça, que regula as condições de estadia no país e trata de ações como as prorrogações de estada ou transformações de visto. Adicionalmente, nas reuniões e fóruns do Mercosul o tema migrações é uma preocupação constante. Conclui-se, portanto, que a gestão pública das migrações internacionais envolve uma série de órgãos públicos, agências e organismos mundiais, o que a torna de enorme complexidade. Não obstante sua importância e complexidade, observa-se que as migrações estão apenas começando a entrar na agenda governamental e não se pode afirmar que exista uma política pública voltada para migrantes no Brasil. (MARTES, 2009, p. 24)⁹

O Brasil tem recebido grande contingente de migrantes que vêm adentrando as fronteiras do país, legal ou ilegalmente, nos últimos anos. Os desafios não estão somente em recebê-los, mas em acolhê-los e inseri-los socialmente. Para isso, faz-se necessário que o assunto saia das discussões teóricas e parta para o campo de sua efetivação, fato que requer vontade política e desburocratização.

Assim, o próximo capítulo trará uma contextualização histórica do Haiti e discutirá alguns fatores que, provavelmente, estejam causando a entrada maciça de migrantes no Brasil recentemente, notadamente de haitianos.

⁹ Ibid 8.

CAPÍTULO II

IMIGRAÇÃO HAITIANA

Neste capítulo pretende-se, a partir da contextualização, apresentar dados relacionados aos aspectos históricos, geográficos, políticos e sociais do Haiti na tentativa de compreender os fatores que vêm ocasionando a crescente onda migratória provocada pela necessidade da busca de melhores condições de vida e trabalho pelos haitianos. Os relatos colhidos por meio de material midiático junto aos quais se verifica as condições de viagem desses imigrantes, sua acolhida em território brasileiro e a distribuição espacial desses imigrantes após a chegada, foram obtidos através de diversas fontes, serão apresentados no subitem 2.2; porém não servirão de análise, que será realizada no Capítulo 4 a partir das entrevistas realizadas.

2.1 Um breve panorama histórico do Haiti

A República do Haiti é um país situado na região do Caribe, a oeste da ilha Hispaniola e a leste de Cuba. O Haiti divide a ilha Hispaniola com a República Dominicana. Ex-colônia francesa, foi o primeiro país das Américas, depois dos Estados Unidos a declarar sua independência. A República do Haiti tem por capital Porto Príncipe, e é dividida em nove departamentos. Segundo dados de 2005¹⁰, apresenta uma população de 8.121.622 hab. distribuídos numa área de 27.750 km². Ocupa a 153^a posição no IDH, Índice de Desenvolvimento Humano da ONU, que mede o desenvolvimento do país com base na expectativa de vida, no nível educacional e na renda per capita. A Noruega lidera a lista, e o Brasil está na 63^a posição. Tem um PIB de US\$ \$12,94 bilhões e uma renda "per capita" anual de US\$ 1.600. Sua taxa de analfabetismo é de 47,1%.

Colonizado pela Espanha, em 1492; após um século, sua população nativa encontrava-se quase que completamente dizimada em consequência dos males da colonização: extermínio, doenças desconhecidas, trabalho forçado nas minas, fome, entre outros. (JAMES, 2010, p. 19).

A partir de 1697, foi colonizado pela França e, em 1804, conquistou sua independência.

¹⁰ Os dados relatados constam no endereço: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u92211.shtml>.

Com a Guerra da Independência, arrasaram e eliminaram os brancos da ilha, conseguindo a primeira revolução e independência das colônias do sul e estabelecendo a primeira república negra do mundo: a revolução de negros e escravos contra os patrões brancos das plantações (GRONDIN, 1985 p. 38).

Esta rebelião, a que se refere Grondin (1985), ficou conhecida por Revolução Negra, e teve sua origem gerada na revolta ocorrida nas lavouras de cana-de-açúcar, ocupada por negros escravos. Nestas lavouras, assim como nas demais espalhadas pelas colônias americanas, movidas pelo trabalho escravo, a exploração era sistemática. Os negros eram açoitados, a alimentação era insuficiente e o tratamento, desumano, como nos informa SCHWARTZ:

[...] O trabalho em um engenho brasileiro era ininterrupto, sendo as tarefas pertinentes aos canaviais realizadas durante o dia e as atividades da moenda feitas à noite. A moenda ficava em funcionamento normalmente por dezoito a vinte horas, parando por apenas algumas horas para a limpeza do mecanismo. No século XVII, os engenhos baianos, iniciavam a moagem às quatro horas da tarde, prosseguindo durante a noite até as dez horas da manhã seguinte. Durante as poucas horas de folga os escravos tentavam dormir, mas às vezes passavam esses momentos procurando mariscos [...] os cativos faziam turnos dobrados. Seu trabalho era "incrível", e tão intenso que "um desses engenhos poderia ser chamado de inferno". [...] os senhores leigos argumentavam que dar folga aos escravos encorajava-os a ter maus hábitos, bebendo e dançando suas danças lascivas, uma espécie de argumentos do tipo "a ociosidade é mãe de todos os vícios" [...] como a cana tinha que ser cortada e moída efetivamente no verão, disse ele, todo esforço deveria ser feito para que se completasse a colheita antes das chuvas de inverno. Ademais, uma vez cortada, a cana tinha de ser moída dentro de um dia, caso contrário o líquido azedaria. Se o trabalho parasse aos domingos, a cana cortada no sábado ficaria ameaçada, e não haveria cana pronta para ser moída na segunda-feira. (SCHWARTZ, 1999, apud RISERIO 2007, p. 132)

A Assembleia Constituinte, na França, em 1791, decretou a igualdade de direitos entre todas as pessoas na ilha de São Domingos. Os negros ganharam o direito ao voto, mas estavam longe de alcançar a liberdade. Revoltados, movidos pelo ódio e o sentimento de vingança, gerados pela exploração que sofriam; os negros, influenciados pela Revolução Francesa, que disseminou valores de liberdade e igualdade mundo a fora, rebelaram-se. Diante da oportunidade, pequenas revoltas, lideradas por alguns negros mais esclarecidos começaram a ser organizadas e passaram a tomar forma de revolução. Toussaint L'Ouverture foi um dos líderes.

A França derrubou a Monarquia, proclamou a República e aboliu a escravidão em todos os seus territórios. Uma Constituição foi proclamada em São Domingos tornando-a uma província autônoma.

Louverture ocupa militarmente a cidade de São Domingos [...] e transforma-se no líder absoluto de toda a banda espanhola de ilha [...] redige uma constituição e atribui-se o título de governador e general vitalício. Primeira carta constitucional da América Latina dispõe em seu artigo terceiro: ‘A escravatura está para sempre abolida. Não podem existir escravos sobre este território’. (SEITENFUS, 1994, p. 30).

Louverture é morto. Dessalines, que em 1804 havia derrotado as tropas de Napoleão, proclamou a independência de São Domingos. Os camponeses continuaram sem acesso a terra e tendo seu trabalho explorado. Sendo assim, foi instalado um governo de medo e terror, em que os seus adversários e a população foram submetidos a situações de humilhação e violência. “Enforcamentos, chacinas, fuzilamentos eram métodos que os brancos julgavam necessários para o expurgo da desordem”. (SACARAMAL, 2006 p. 46).

Em 17 de outubro de 1806, Dessalines sofreu uma emboscada e foi assassinado por seus próprios soldados que depois lhe cortaram os dedos e tiraram os anéis das mãos, sua farda e espada. (LEYBURN *apud* SCARAMAL, 2006, p. 46).

Dessalines, fundador da República foi combatido e substituído pelo mulato Petion (1806-1820), ex-escravo negro que reinava na parte norte da ilha. A ascensão ao poder do mulato Boyer (1820-1843) marcou, juntamente com a presidência de Petion, o maior período de dominação mulata: 37 anos. Depois da guerra com a República Dominicana (1844-1846), sobe ao poder o presidente negro Soulouque (1847-1855), que estabelece uma política “negrista” apoiada pela massa negra e por um corpo de polícia paralela, os Zinglins, precursores dos Tontons-Macoutes de Duvalier (GRONDIN, 1985 p.42)

Entre os anos de 1915 e 1934, os Estados Unidos ocuparam o território do Haiti.

Os Estados Unidos invadiram o Haiti em 1915 e governaram o país até 1934. Retiraram-se quando conseguiram os seus dois objetivos: cobrar as dívidas do Citybank e abolir o artigo constitucional que proibia vender as plantations aos estrangeiros. Então Robert Lansing, secretário de Estado, justificou a longa e feroz ocupação militar explicando que a raça negra é incapaz de governar-se a si própria, que tem “uma tendência inerente à vida selvagem e uma incapacidade física de civilização”. Um dos responsáveis pela invasão, William Philips, havia incubado tempos antes a ideia sagaz: “Este é um povo inferior, incapaz de conservar a civilização que haviam deixado os franceses”. (GALEANO, 2010¹¹)

Durante os 19 anos seguintes, impostos pela Marinha dos Estados Unidos, conselheiros dos Estados Unidos governaram o país. A partir da construção do Canal do Panamá em 1904, o Haiti adquiriu importância estratégica para os Estados Unidos, justificando, assim, a invasão e a ocupação norte-americana, com o objetivo de assegurar o

¹¹ Artigo publicado em 2010, disponível em <http://www.ecodebate.com.br/2010/01/23/a-historia-do-haiti-e-a-historia-do-racismo-artigo-de-eduardo-galeano/>

controle da linha marítima que conduzia ao canal, o que foi possibilitado pela “[...] eliminação das forças rebeldes e através do apoio dos governos submissos ao seu poder hegemônico”. (GRONDIN, 1985, p. 46).

Segundo a historiadora haitiana Suzy Castor,

Sem se levar em conta a ocupação norte-americana é impossível entender o que acontece no Haiti hoje em dia. Por quê? Porque o Haiti adquiriu sua independência em condições muito singulares em comparação ao restante da América Latina. Foi um feito impensável na época, uma revolução, uma verdadeira revolução como nenhuma outra luta de independência. Em 1804 declaramos nossa independência e as potências estrangeiras sempre castigam aos povos que vão contra os caminhos que essas mesmas traçam. Em 1826 tivemos a honra de alcançar a primeira dívida externa da América Latina. Contraíu-se uma dívida com a França para poder romper um pouco o cerco que havia sido imposto ao Haiti para estrangulá-lo. Esse montante representou o orçamento da França por cinco anos. Foi uma dívida grande, mas, apesar disso, no século XIX o país se constituiu. Caminhou com problemas, mas também com conquistas. Pode resistir, pode avançar. Depois da Revolução Industrial, o Haiti, como muitos outros países da América Latina, entrou na crise do sistema pós-colonial, pois já necessitava de uma profunda modernização de suas estruturas produtivas. Contudo não pode fazê-la e isso foi determinante para a história haitiana. A solução lhe foi imposta e essa solução foi a ocupação norte-americana desde 1915 até 1934. Durante este tempo, a modernização foi buscada pela sociedade haitiana, de modo que estabeleceram-se acordos com os norte-americanos. A economia não foi modernizada. Não houve desenvolvimento do modelo de plantação como na República Dominicana ou em Cuba, mas exportou-se mão-de-obra aos países modelos de plantação. A ocupação não modernizou as estruturas econômicas, mas modernizou as estruturas políticas: democracia representativa, eleições, câmaras de representantes. Este modelo, que tinha como garantia o exército, funcionou muito bem de 1934 até os anos 50. Com a profunda defasagem econômica, nos anos 50 a crise retornou. E para poder resolver uma crise postergada, a solução foi ditatorial. Duvalier nasceu do sistema de ocupação, mas rompeu o sistema de democracia representativa. A ditadura se estendeu por muito tempo. Há um ator que diz que foi a ditadura a que formalizou a crise.¹²

François “Papa Doc.”¹³ Duvalier, em 1957, um médico, foi eleito presidente do Haiti, e o governou até 1971.

Para Grondin (1985), o estabelecimento do governo ditatorial e populista de Duvalier satisfez plenamente o governo norte-americano, principalmente nos anos seguintes, quando o impacto da revolução cubana representava um perigo para seu controle sobre a região.

Após a instauração de seu governo, que foi centralizador e autoritário, prevaleceu o terror e a Ditadura¹⁴. “Adotando uma série de medidas cada vez mais autoritárias, estabeleceu

¹² <http://desacato.info/nossa-america/suzy-castor-o-haiti-deve-ser-um-pais-soberano/>

¹³ Assim apelidado por se mostrar um sujeito passivo e brando, afetivo ao cuidar de pacientes camponeses (como um papai doutor).

Assumiu o poder seu filho Jean-Claude Duvalier, o Baby Doc, deposto em 1986.

um modelo fascista de dominação política: encarcerou, torturou e exilou seus adversários políticos”. (GRONDIN, 1985, p. 47).

Papa Doc Duvalier foi substituído por seu filho, Jean-Claude Duvalier, apelidado de *Baby Doc*, que seguiu os passos do pai.

Contando com a “ajuda” do governo norte americano, desejoso de assegurar seu controle sobre esse importante satélite situado a apenas 90 quilômetros de Cuba, Jean Claude contraiu consideráveis empréstimos, criou as Zonas Francas, onde as indústrias estariam livres de impostos; abriu grandes portas às empresas industriais de subcontratação, que empregavam mão-de-obra barata, principalmente a feminina, no estilo de Taiwan, Indonésia e Coréia do Sul; e convidou os grandes organismos internacionais – Banco Mundial, BID, PNUD, FAO, OMS, etc- e nacionais- China Nacionalista, Isrel, Estados Unidos (AID), Canadá (ACDI)- para implantar projetos destinados a modernizar o país e solucionar seu problema de miséria endêmica. Porém, depois de 12 anos de numerosos programas de desenvolvimento, a renda per capita permanece por volta de 150 dólares e o Haiti continua sendo o único país da América a pertencer ao Grupo dos 25 países mais pobres do mundo, criado pelas Nações Unidas. A fome generalizada, a fuga dos haitianos para outras terras, o drama dos boat-peoples e dos cadáveres de haitianos encontrados nas praias do Caribe, demonstram que a revolução econômica, depois de 12 anos, ainda não produziu seus tão anunciados efeitos benéficos. (GRONDIN, 1985, p. 50)

Com a crise econômica e o empobrecimento da população, o regime de terror perdeu força. Em 1985, *Baby Doc* fugiu e ficou exilado na França. O Haiti procurou estabilizar sua situação política. Vários protestos e sucessivos golpes surgiram, o que dificultou a organização do país. Em 1990, o Padre Aristide tornou-se presidente. Porém, um golpe militar depôs Aristide.

2.1.1 As missões de paz no Haiti

Em 1994 o Haiti foi ocupado por uma força multinacional que concedeu o poder novamente a Aristide. Em 2004, após eleições favoráveis a Aristide, grupos rebeldes começaram um levante armado que, rapidamente, se espalhou pelo país, levando à renúncia do presidente. Imediatamente a ONU, na tentativa de restabelecer a ordem, aprovou o envio de tropas armadas para o Haiti.

¹⁴ Papa Doc criou um grupo paramilitar cujos integrantes eram chamados de tontons macoutes (algo parecido como “bichos-papões”), que durante seu governo foram responsáveis pela morte de mais de 2 mil haitianos, tortura e perseguição de outras centenas.

Teve início a *MINUSTAH*¹⁵, missão de paz criada para restaurar a ordem no Haiti, após a deposição de Jean-Bertrand Aristide. Entre seus objetivos principais, estava a estabilização do país e sua pacificação; o desarmamento de grupos guerrilheiros, a promoção de eleições livres e contribuições para o desenvolvimento institucional e econômico do país.

O Conselho de Segurança da ONU, pela Resolução nº 1542 de 30 de abril de 2004 aprovou por unanimidade, a participação brasileira na Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (*Minustah*), que passou a enviar tropas regularmente ao Haiti. O contingente militar, enviado pelas Forças Armadas ao Haiti, é o maior efetivo enviado para fora do país desde a Segunda Guerra Mundial (aproximadamente 20 mil militares brasileiros, já passaram pelo Haiti) e tem dentre as suas principais tarefas: prover a segurança de pontos sensíveis incluindo os seus arredores; prover segurança ao longo da maioria das rodovias; deter grupos armados; proteger o acesso à infra-estrutura humanitária; realizar operações militares, junto com a Polícia Nacional Haitiana (PNH) e com a Polícia Civil Internacional, a fim de coibir a perturbação da ordem e da violência.

A presença de organismos internacionais no Haiti antecede a *Minustah*. Segundo Grondin (1985), em 1980; o Haiti contava com 80 organismos internacionais entre eles, 30 eram públicos. Essa “ajuda” externa beneficiava o país com aproximadamente 300 milhões e contava ainda com cerca de 400 especialistas internacionais, responsáveis pela execução e implantação dos projetos e atendimento das demandas da população, dos quais apenas cinco deles falavam a língua nativa. Proporcionalmente, quanto a sua população e espaço territorial, o Haiti é o país da América Latina, mais beneficiado.

A missão, que está no Haiti desde 2004, teve seu mandato ampliado até 2016 pelo Conselho de Segurança da ONU. Após dez anos de ocupação no Haiti, a missão sofre severas críticas, acusada de protagonizar massacres, estupros e exploração sexual.

Para o historiador Marcelo Carreiro da UFRJ, o objetivo inicial da missão era manter o Haiti longe de uma guerra civil até novas eleições válidas, a questão passa a ser por que a *Minustah* continua ativa.

Essa presença da *Minustah* tem sido, contudo, questionada por setores da população haitiana e organizações vinculadas a movimentos sociais e universidades no Brasil e no Haiti tanto no que se refere ao caráter imperialista e gerador de violência e insegurança que vem marcando o modo de atuar de seus integrantes, assim como em relação aos recursos destinados a essa operação e sua efetividade em favor da autonomia e reconstrução institucional e social do Haiti. (COGO, 2014, p. 23-42)

¹⁵ Sigla derivada do francês: *Mission des Nations Unies pour la stabilisation en Haïti*./ Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti

A presença de organismos estrangeiros no Haiti e a sua intervenção já eram, no passado, motivo para questionamentos e críticas. Ainda assim, segundo Grondin (1985), em 1961, questionava-se de forma crítica, a proposta de ajuda estrangeira presente em toda a ilha, os projetos de modernização que chegaram para dar sustentação às propostas nacionais. Mas, examinavam-se também os sistemas que sustentavam e inspiravam essa ajuda. E infelizmente ainda se questiona a eficiência desses projetos após 24 anos de sua implantação.

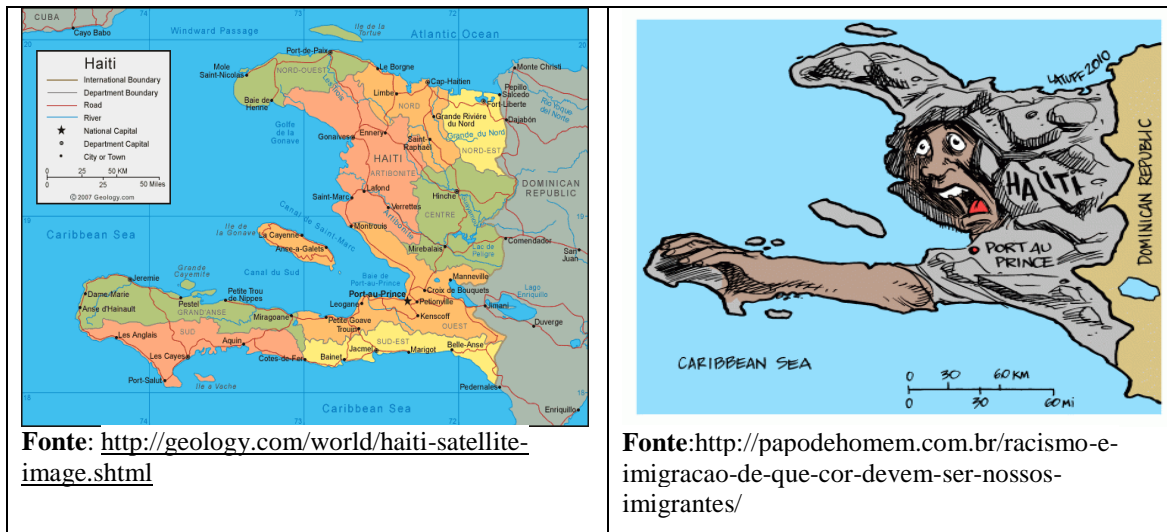
A partir da missão, o Brasil buscou e obteve maior visibilidade no cenário internacional. Porém, avaliando a relação custo-benefício, como observa Suzeley Kalil Mathias; integrante do Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional da Universidade Estadual Paulista (UNESP), o retorno da missão é menor que o custo financeiro necessário à sua manutenção, pois em 2004 o Brasil gastou mais de 148 milhões reais com a *Minustah*, em 2010 esse valor saltou para 673,88 milhões de reais, e em 2013 ultrapassou 179,69 milhões de reais. Desde o início da missão, segundo o Ministério da Defesa, o Brasil investiu quase 2,12 bilhões de reais na missão do Haiti.

Ainda hoje, vinte e nove anos após, as críticas continuam válidas. Além dos custos da missão, somam-se a situação ainda precária em que se encontra o Haiti e o fato de a missão corroborar com a deposição do presidente Jean-Bertrand Aristide, contrariando os princípios da democracia. Os objetivos da missão não foram cumpridos.

2.2 As migrações haitianas

A ditadura política e a exploração econômica vivenciadas no Haiti ao longo da trajetória histórica do país; são aspectos relevantes a se considerar na tentativa de compreender a saída e a conseqüente busca por melhores condições de sobrevivência em outros países pelos haitianos.

FIGURA 03: Mapa das Províncias e Charge sobre o Mapa do Haiti.



É impreciso o número de haitianos que deixa seu país de origem, assim como se torna impreciso calcular o número de haitianos que adentra os países de destino, pois a entrada dos haitianos ocorre, sobretudo, de forma ilegal, fazendo com que se trabalhe somente com estimativas e não com dados precisos. Assim, “o problema de ausência de fontes sobre a repatriação de haitianos é típico do tema que envolve a migração haitiana pelo Caribe” (SACARAMAL, 2006. p. 89).

Segundo a autora, há desinteresse, tanto do governo do Haiti, como dos governos dos países receptores de migrantes haitianos em desenvolver um programa para registro do fluxo migratório dessa população:

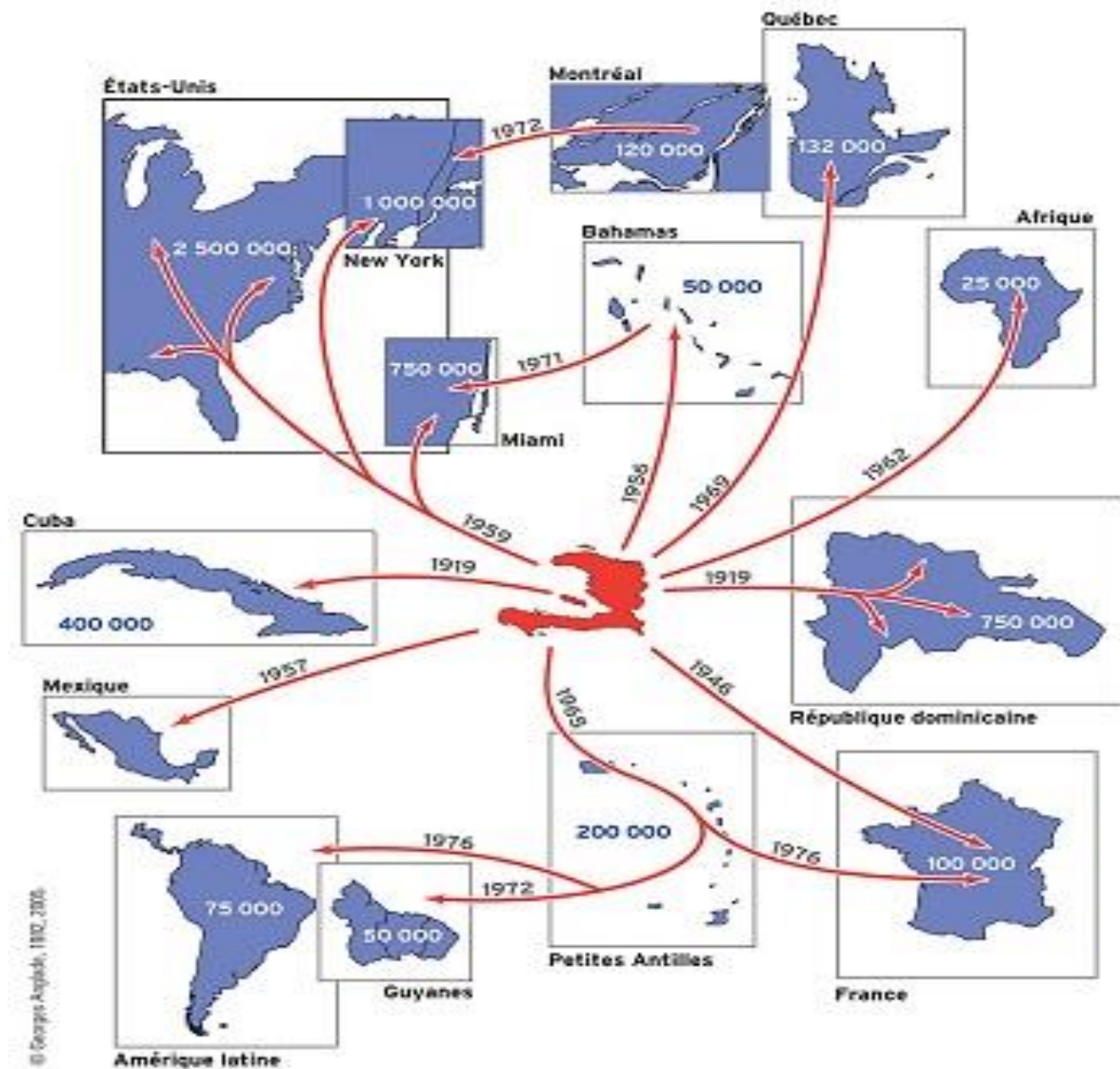
[...] é um problema que ninguém deseja tratar no âmbito do governo haitiano. Mesmo que o governo desejasse fazer frente a esse problema, carece de capacidade para fazê-lo, posto que não tem dados sobre os padrões de imigração, não pode acompanhar os deslocamentos de seus cidadãos (muitos deles não tem documentos oficiais de identidade) e a nova Polícia Nacional Haitiana dispõe de uma fraca força de patrulha fronteira e de guarda-costeira, que não consegue controlar o trânsito fronteira ou os deslocamentos por via marítima. (GAVIGAN, 1997, apud SCARAMAL 2006. p. 90).

As migrações haitianas são categorizadas como migrações forçadas repentinas (MENDEZ, 1997, *apud* SCARAMAL, 2006, p. 92), que se manifestam de forma súbita, quando um importante número de pessoas atravessa as fronteiras de seu país para fugir de situações que ameacem sua segurança física, a de sua família bem como o seu sustento. O Haiti tornou-se referência desse tipo de migração.

Em dezembro de 1956, violentos conflitos surgiram na capital e no interior do país. Enquanto explodiam bombas nos mercados centrais de Porto Príncipe, os estudantes deflagraram uma greve apoiada por vários segmentos trabalhistas. (SCARAMAL, 2006, p. 75).

Ao final de 1957, período em que se inicia a ditadura da família Duvalier, tem início, também, a primeira grande onda migratória haitiana na América Latina, quando opositores do regime: artistas, músicos, intelectuais, a fim de fugirem da repressão duvalierista, na condição de exilados políticos; buscam novos locais para residirem, fixando-se, principalmente, na República Dominicana, nos Estados Unidos e Canadá, conforme ilustração que se segue:

FIGURA 04: Diagrama do Fluxo Migratório de Haitianos pelo Mundo.



Fonte: © Georges Anglade 1982, 2005.

Vários foram os destinos escolhidos. A mais numerosa comunidade está nos Estados Unidos, seguida pela República Dominicana. Outros países da América e Caribe também recebem um grande contingente de haitianos com destaque para o Canadá, Cuba e Venezuela. Na Europa, o país de maior afluência é a França.

Os haitianos que vivem no exterior, a maioria está na República Dominicana, Estados Unidos, Canadá e Bahamas. Em menor número na França, Antilhas Francesas, Turcas e Caicos, Jamaica, Guiana Francesa, Cuba, Venezuela, México e Panamá.

Na República Dominicana vivem 11.000 os haitianos legalmente e muitos ilegalmente. Isso faz com que a diáspora haitiana represente 11% da população da República Dominicana, e 25% da força de trabalho total, com excelência nas áreas de agricultura e construção, que representam 60% e 80% da força de trabalho, respectivamente. Estima-se que 200 mil haitianos migraram para a República Dominicana durante os 10 meses após o terremoto de janeiro de 2010.

Nos Estados Unidos, vivem aproximadamente 600 mil haitianos, a maioria deles no sul da Flórida, principalmente em Miami. New Orleans e Louisiana têm muitos laços históricos com o Haiti, que remontam à Revolução Haitiana. A cidade de Nova York tem a segunda maior população do Haiti nos Estados Unidos, outras cidades dos EUA que têm haitianos em números significativos são Boston, New Jersey, Washington DC e outros.

Estima-se que mais de 100 mil haitianos vivam no Canadá, principalmente em Montreal e Quebec, e cerca de 80 mil haitianos vivam nas Bahamas. Existem também grandes comunidades do Haiti em Paris, Havana, Kingston, Miami e Cidade do México. (ECOBRAZIL, 2011, s/p.)¹⁶

Os processos migratórios pelo Caribe apresentam certos aspectos semelhantes, por exemplo, “[...] a recusa de certos tipos de trabalho por parte da população dos países receptores de mão-de-obra, sobretudo no corte de cana, nos trabalhos domésticos ou insalubres e na construção civil”. (SCARAMAL, 2006, p. 96).

A diáspora haitiana pelo Caribe tem início no século XX. A República Dominicana, por suas relações históricas e geográficas com o Haiti, foi o primeiro país a receber contingentes de migrantes haitianos. A primeira onda migratória haitiana para o país data de 1910 e, a partir de então, observam-se fases intensas de fluxo e refluxo desses migrantes. A partir dos primeiros anos do século XX Cuba também recebeu um importante contingente de migrantes haitianos que se dirigiram, normalmente, à parte oriental do país, onde se concentravam os Centrales, de propriedade de empresários dos Estados Unidos. Nessa mesma década, tanto as Bahamas quanto as Ilhas Turcas e Caicos também receberam vários contingentes de migrantes haitianos, com reincidência de fluxos e refluxos nas décadas de 1970 e 1990. Há ainda registro de uma presença menos importante de migrantes haitianos nas Guianas e na Venezuela nas últimas décadas do século XX. Os Estados Unidos passaram a receber um contingente massivo de migrantes haitianos a partir da década de 1980. (SCARAMAL 2006, p. 96)

¹⁶ Disponível em <http://www.ecobrasil.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=530&sid=79>

Nem sempre as migrações haitianas apresentam o desfecho esperado. Muitas vezes os migrantes não conseguem se estabelecer nos países a que se dirigem; em alguns casos, inclusive, são expatriados.

Um fato que ilustra bem esta situação é o caso 10.675/96, junto a qual Comissão Interamericana dos Direitos Humanos analisa a desobediência dos Estados Unidos ao acordo internacional estabelecido na Convenção de 1951 que, entre outros, estabelecia o princípio de *non-refoulement* (“não-devolução”).

Seguindo decisão da Assembleia Geral de 1950 (Resolução n. 429 V), foi convocada em Genebra, em 1951, uma Conferência de Plenipotenciários das Nações Unidas para redigir uma Convenção regulatória do status legal dos refugiados. Como resultado, a Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados foi adotada em 28 de julho de 1951, entrando em vigor em 22 de abril de 1954. A Convenção deve ser aplicada sem discriminação por raça, religião, sexo e país de origem. Além disso, estabelece cláusulas consideradas essenciais às quais nenhuma objeção deve ser feita. Entre essas cláusulas, incluem-se a definição do termo “refugiado” e o chamado princípio de *non-refoulement* (“não-devolução”), o qual define que nenhum país deve expulsar ou “devolver” (*refouler*) um refugiado, contra a vontade do mesmo, em quaisquer ocasiões, para um território onde ele ou ela sofra perseguição. Ainda, estabelece providências para a disponibilização de documentos, incluindo documentos de viagem específicos para refugiados na forma de um “passaporte”. (ACNUR)¹⁷

Segundo Scaramal, (2006), a abjeção ao migrante haitiano pode ser visualizada no caso 10.675/86, pois o mesmo apresenta o Decreto 4.865, expedido pela Ordem Executiva 12.324, promulgada em 29 de setembro de 1981, pelo então presidente Ronald Reagan, na qual se estabelecia que todos os haitianos interceptados no mar, deveriam ser devolvidos ao Haiti.

Os haitianos que conseguissem se esquivar do serviço da guarda-costeira seriam detidos por períodos prolongados em cárceres federais e nos centros do Serviço de Imigração e Naturalização (INS). Conforme informação do INS, foram interceptados 433 embarcações e, entre 1981 e 1991, 25.551 haitianos foram devolvidos a Porto Príncipe (GAVIGAN, 1987, p.14 *apud* SCARAMAL, 2006, p.94)

As deportações, além da humilhação e quebra da perspectiva de melhoria na vida dos haitianos, muitas vezes ainda contribuem para que a situação caótica em que vivem seja piorada.

¹⁷ Disponível em

http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados

Os riscos à saúde para deportados encarcerados aumentaram ainda mais desde outubro de 2010, quando teve início uma violenta epidemia de cólera que infectou cerca de 470.000 pessoas e matou mais de 6.500 – incluindo alguns prisioneiros. Especialistas em saúde afirmam que os deportados presos correm grande risco de contrair cólera, que se espalha rapidamente nas cadeias superlotadas, onde não há água tratada, sabonete e sistemas adequados de eliminação de resíduos. Uma vez expostas à cólera, as vítimas podem morrer em menos de 24 horas. (KUSHNER, 2011, s/p.)¹⁸

Em 2010, o Haiti sofreu um dos maiores desastres de caráter natural ocorridos em sua história; um terremoto de magnitude 7,0 na escala Richter que provocou um número elevado de mortos, feridos e desabrigados. Além do tremor principal, outros de intensidade menores seguiram espalhando a destruição para outras partes do país, o que é possível observar na figura seguinte:

FIGURA 05: Infográfico sobre o Terremoto no Haiti.



Fonte: Senado brasileiro, disponível em <http://www.senado.gov.br/noticias/agencia/quadros/haiti/index.html>

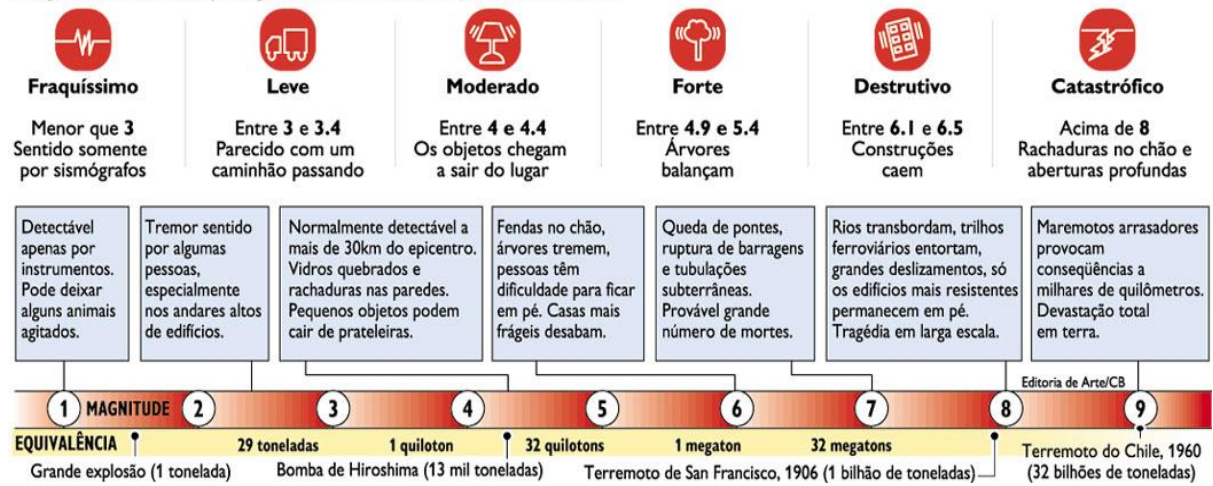
Nas dez horas seguintes ao primeiro tremor, sucederam-se mais 33 tremores. Residências e prédios do governo ficaram destruídos. Os efeitos ocorrem de acordo com a magnitude do fenômeno, que pode ser medida a partir de uma escala, a Richter.

¹⁸ Disponível em <http://apublica.org/2011/11/o-inferno-dos-haitianos-deportados-dos-eua/>

FIGURA 06: Diagrama Representativo dos Valores da Escala Richter.

A ESCALA RICHTER

Criada pelo físico norte-americano Charles Richter em 1935, mede os efeitos de um terremoto de acordo com a energia liberada. Cada unidade representa energia dez vezes maior que o grau anterior. A escala não tem limite definido



Nos dias que se seguiram ao terremoto, uma grande epidemia de cólera assolou o país, aumentando ainda mais o caos social.

O Ministério da Defesa, em nota à Imprensa, em 14 de janeiro de 2010, declarou:

Há um colapso nos serviços de saúde, já que os hospitais também desmoronaram. Em frente do batalhão brasileiro há um acampamento de pessoas que buscam socorro. Diante das limitações de meios, os militares brasileiros socorreram as que apresentam maior gravidade e montaram um hospital de emergência sob a cobertura de uma garagem. Nesse cenário de guerra, iluminado por holofotes de emergência, cerca de 70 pessoas são atendidas dia e noite por médicos militares. Algumas estão mutiladas [...]. Há grande preocupação com a existência de cadáveres abandonados nas ruas, o que pode provocar epidemias. Algumas pessoas estão sepultando seus mortos em encostas, com risco de exposição dos cadáveres nas chuvas [...]. (MD, nota nº 5, 14/01/10)

Após o terremoto que assolou o Haiti em 2010, agravaram-se ainda mais as precárias condições no país, o que fez com que se intensificasse novamente a onda migratória. Uma nova rota passou a fazer parte da trajetória haitiana em busca de melhores condições de vida. O Brasil entra em cena.

2.2.1 A viagem e a chegada ao Brasil

As precárias condições, historicamente construídas, em que vivem os haitianos, agravadas pelo terremoto de 2010, são mola propulsora para que deixem seu país e suas

famílias e se aventurem, empreendendo todos os esforços na tentativa de chegarem ao Brasil e se estabelecerem.

Na bagagem, além dos poucos pertences e mínima quantia em dinheiro, carregam a perspectiva de uma vida melhor. Inicialmente de forma tímida, esse fluxo migratório intensificou-se ao final de 2011 e nos anos de 2012 e 2013.

Segundo o Ministério da Justiça, 13.669 haitianos conseguiram o visto em 2013 (até 17 de dezembro). Em 2012, foram 4.658 haitianos contemplados. Os anos de 2011 (com 2.644 vistos) e 2010 (459) foram os períodos de menor fluxo. Com isso, o número de haitianos que receberam o visto humanitário no Brasil saltou de 7.761, em 2012, para 21.430 no final de 2013. (JUNQUEIRA, 2014, s/p.)¹⁹

A saga empreendida por essa população, fugindo da miséria e em busca de melhores condições sociais, mostrou caminhos nem sempre receptivos a esse fluxo migratório. Adentrando as fronteiras do Acre e Amazonas, os haitianos entram de forma ilegal no país, numa viagem que se inicia em Porto Príncipe e leva em média, de quinze a vinte dias para terminar, podendo durar mais.

De ônibus ou de avião saem do Haiti para a República Dominicana, país vizinho. Embarcam para o Panamá e, posteriormente para o Equador, países que não exigem vistos de entrada. De Quito, Capital do Peru, cruzam o Peru até Puerto Maldonado; por onde, de carro, atravessam a fronteira do Brasil e chegam à cidade de Assis Brasil no Acre. O último percurso é feito de táxi até Brasileia. Tudo vira comércio e exploração, numa viagem cujo custo é, em média, U\$ 3.000,00, conforme demonstra a figura abaixo:

¹⁹ Disponível em <http://noticias.r7.com/internacional/numero-de-haitianos-no-brasil-triplica-em-2013-e-ja-passa-de-21-mil-28012014>

FIGURA 07: Mapa-Diagrama do Trajeto dos Haitianos até o Acre.



Fonte: <http://www.agencia.ac.gov.br/noticias/acre/acre-continua-como-rota-de-entrada-de-imigrantes-brasil>

A viagem pode sair mais cara do que o previsto. Há relatos de que, ao longo desse trajeto, policiais peruanos exigem propina e que até mesmo outros imigrantes roubam os pertences dos viajantes. Dentre peças de roupas, objetos pessoais e dinheiro que pagam o silêncio da polícia e abrem as portas para a “liberdade” daqueles que entram de forma irregular no país. A rede de corrupção inclui, além do transporte, a venda de vistos e outros documentos falsificados.

Dessa forma, os relatos dos haitianos nas mídias brasileiras tipificam a rede de ciladas que se iniciam no seu país, quando depositam, muitas vezes, o mínimo que ainda resta à subsistência do grupo familiar nas mãos dos traficantes de pessoas.

Deixei mãe, meus irmãos e minha família. Temos grandes problemas lá, como o cólera e a Aids, e o Brasil é muito bom. Aqui todo mundo ajuda. Para chegar, foi difícil, no caminho, todo mundo me pedia dólares, mas estou bem agora. (Rosimarie Dorleans, haitiana, 51 anos)²⁰

²⁰<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/01/haitianos-chegam-ao-brasil-com-sonho-de-conseguir-emprego.html>

O grupo Conectas Direitos Humanos, uma organização não governamental internacional, sem fins lucrativos, fundada em setembro de 2001 em São Paulo; colheu cerca de vinte depoimentos em Brasileia. O trajeto é marcado por extorsões, prisões e roubos de dinheiro e documentos, até a chegada, e que na superlotação do abrigo que os acolhe, inicia-se um novo ciclo de condições sociais pouco condizentes com a idealização estabelecida ainda no país de origem.

Jean-Pierre tentou duas vezes. Na primeira, foi mandado do Equador de volta para São Domingos, onde foi preso, dormiu no chão frio da cela por sete dias e teve de voltar ao ponto de partida: Gonaives, na região central do Haiti. Apenas um mês separou as duas empreitadas – a segunda, bem sucedida. Tudo o que tinha foi vendido para financiar a longa e cara travessia, que custou quase US\$ 5 mil. “Tudo nos foi tirado no Peru e em São Domingos. No Brasil, não levaram nada”, apesar de não estarmos dormindo ou comendo bem, eu agradeço e cumprimento os brasileiros pela maneira como eles nos receberam. Nós viemos ilegalmente e mesmo assim eles nos toleram. Não quero que se cansem de nós.

Foram 14 dias de viagem para a vendedora Michelle Brenelus, de 26 anos, que veio na companhia de outras cinco mulheres. Em Gonaives ela deixou dois filhos, uma menina e um menino, que devem começar as aulas em outubro. “Ainda não consegui mandar um centavo”, preocupa-se. Talvez por isso ela mantenha anotado na memória cada moeda que lhe foi subtraída ao longo do percurso: US\$ 2 mil para atravessadores que organizaram a viagem, US\$ 500 para policiais peruanos, US\$ 450 dólares em uma agência em Quito, US\$ 200 em Lima, US\$ 250 em Cuzco e US\$ 120 em Maldonado. A família mandou US\$ 130 quando ela chegou ao Brasil. “Esse é o único dinheiro que não roubaram de mim”, diz. Ela ainda não sabe se o investimento valeu a pena, mas está certa de que era a única saída possível. “Não havia nenhum outro lugar para onde eu pudesse ir. Tentei na embaixada americana, mas eles rejeitaram o meu pedido em dezembro do ano passado. Todos estavam vindo para o Brasil por esse caminho, então eu vim também.” Michelle já conseguiu tirar o CPF e a Carteira de Trabalho e espera logo conseguir um emprego em algum lugar longe de Brasília. “Nossa viagem não acabou aqui. Ainda temos caminho a seguir.” (CONNECTAS, 2013)²¹

" Eu fui para a República Dominicana de ônibus e lá peguei um avião para o Panamá e segui para o Equador. A partir de Quito eu sabia que estava ilegal, que precisava de visto. No aeroporto, motoristas de táxi já nos mostram o caminho para pegar um ônibus e ir até Huaquilla, na fronteira com o Peru, onde você paga US\$ 100 (R\$ 218) para algum coitado te atravessar no meio de uma feira livre. Quando você está no caminho, você vai pagando para não ficar preso e chegar no destino. (Pierre Laricy, haitiano, 31 anos)²²

As condições da viagem são insalubres e perigosas. Os migrantes ficam sem comida, sem água, abrigados em locais inadequados à espera do momento da partida. Estão sujeitos a tudo. A imigração ilegal virou um grande negócio. As pessoas, desconhecendo, os trâmites para o visto, aglomeram-se na embaixada, tornando-se alvo dos aliciadores que se aproveitam,

²¹ <http://reporterbrasil.org.br/2013/08/organizacao-recolhe-depoimentos-de-haitianos-em-brasileia/>

²² <http://www.vozdabarra.com.br/imigracao-ilegal-ao-brasil-movimenta-economia-haitiana-pos-terremoto/>

oferecendo “vantagens” que facilitariam a viagem; os chamados coiotes, que compõem a rede de tráfico de pessoas em várias regiões de fronteira.

Nas primeiras horas da manhã de um dia comum, moradores de Porto Príncipe e de outras regiões do país caribenho se amontoam em frente ao Hexagone, o edifício onde fica a embaixada brasileira, com a esperança de conseguir uma vida melhor no Brasil. "Já faz dois anos que tento o visto para o Brasil", conta a vendedora de amendoim e frutas Janette Joseph, 45 anos, na fila desde às 7h. "Tentei permissão para viver nos Estados Unidos e no Canadá, mas hoje quero ir ao Brasil e estar com minha família que vive lá". O fato de ter parentes vivendo e trabalhando no Brasil também motiva Janvier Wiffrid, 41 anos, a buscar a permissão para morar no país sul-americano. Depois de dois de seus primos conseguirem se estabelecer em São Paulo, Wiffrid decidiu arriscar. "Há um ano que tento o visto", conta o ajudante de pedreiro. "Viver no Brasil deve ser melhor que em outros países próximos ao Haiti, como a República Dominicana, onde sofremos discriminação". (GOMBATA, 2014,s/p.)²³

Entre os motivos que os levam a deixar seu país e familiares é a busca por trabalho. A visão de país acolhedor, a terra das oportunidades, pode ser percebida na fala de alguns imigrantes veiculada pela mídia:

Sem filhos ou emprego no Haiti, o ex-encanador Azelain Stanley, 27 anos, diz enxergar no Brasil a possibilidade de ter um futuro. "Imagino o país como um lugar desenvolvido, onde há algo com o que trabalhar. Quando assisto TV, vejo o Brasil como um país de oportunidades. Por isso sonho em ir para lá" afirma. "Aqui só nos resta miséria e fome." (GOMBATA, 2014, s/p.)²⁴

Albertin Saint Louis veio para o Brasil com um objetivo: estudar. Aos 40 anos, não deixou apagar a chama de se formar engenheiro. Para se sustentar, Albertinho, como é chamado pelos colegas, trabalha como auxiliar na cozinha do Habib's, da avenida Bady Bassitt. Ele é técnico em agronomia. "Antes de procurar a faculdade, quero fazer um cursinho de português. Gosto daqui. A gente é tratado como qualquer pessoa." Mora com a mulher e um irmão no bairro São Manoel. Não esconde a saudade que sente de casa. "Faz tempo que não vejo meus pais. Quero me formar e voltar para o Haiti. Se não der, vou para qualquer parte. Vim para cá porque o Brasil é um País que cresce muito." (MARQUES, 2014, s/p.)²⁵

O professor de engenharia mecânica, deixou o filho de cinco anos e a mãe no Haiti para chegar ao Brasil com ajuda financeira do irmão. "*a vida lá está muito difícil. escolhi o Brasil porque aqui há trabalho.*" (Monexanti Noel, haitiano, 29 anos)²⁶

Durante dez anos morou na República Dominicana, onde trabalhava como vendedor em uma loja de roupas. Ele veio para o Brasil em busca de um emprego que lhe dê melhores condições de sustentar a mulher e seus dois filhos, de três e seis anos, que

²³ <http://www.gsnoticias.com.br/cansados-da-miseria-cronica-haitianos-buscam-nova.aspx>

²⁴ <http://www.cartacapital.com.br/internacional/cansados-da-miseria-cronica-haitianos-tentam-migrar-para-o-brasil-em-busca-de-uma-nova-vida-9882.html>

²⁵

<http://www.diarioweb.com.br/novoportal/Noticias/Cidades/170532,,Brasil+e+o+pais+preferido+para+o+haitiano+imigrar+.aspx>

²⁶ <http://esporte.ig.com.br/futebol/2012-08-08/haitianos-reforcam-time-de-operarios-nas-obras-do-mineirao-para-a-copa-de-2014.html>

ficaram no Haiti. “Vim para cá porque preciso de um futuro” (Auguste Lubain, haitiano, 28 anos)²⁷

Em Curitiba, no canteiro de obras da Arena da Baixada, que passa por reforma e ampliação para receber os jogos da Copa do Mundo, o encarregado de obras, que chegou ao Brasil no início de 2011, diz: “Por causa do terremoto, tudo foi devastado, e nosso povo teve que buscar refúgio em outros lugares. Precisamos ter um emprego e recuperar o que foi perdido” (Arnold Virgil, haitiano)²⁸

Segundo o Governo do Acre, cerca de 30 mil haitianos entraram pela fronteira do Peru, desde dezembro de 2010 e se instalaram de forma precária, se espalhando posteriormente para os estados de Rondônia, Paraná, Amazonas, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

A imigração ilegal de haitianos para o Brasil pode ser caracterizada hoje como tráfico de pessoas. A avaliação é do padre haitiano Onac Axenat estabelecido no Acre, estado que há dois anos mais recebe imigrantes sem visto. O missionário da Sociedade dos Sacerdotes de São Tiago (SSST), da Igreja Católica, disse à Agência Brasil que os haitianos gastam até US\$ 4 mil, por pessoa, para se submeter a uma “rede de tráfico” composta por vários coiotes que atuam em seu país. “Alguns [dos imigrantes] venderam tudo no Haiti. A promessa era de que receberiam salários no Brasil entre US\$ 1 mil e US\$ 2 mil”. (CHAGAS, 2012, s/p.)²⁹

O missionário afirma que os primeiros a chegar em 2010, eram “abertos e alegres”, comportamento que se alterou, tornando-os mais fechados e, segundo a interpretação do padre, percebe-os ameaçados; principalmente os que entram pela Bolívia e se tornam vulneráveis ao narcotráfico, afirmando que o Brasil recebeu muito bem o seu povo, mas que espera que se corte esse tráfico de pessoas.

Os relatos de Onac Axenat configuram o imigrante como o que ainda possui recursos disponíveis a sua unidade familiar, ou seja, não são pertencentes às camadas mais pobres. Segundo o missionário, com o valor empenhado ao tráfico, que lhes propõe possibilidades de ganho muito superiores às que encontrarão em Porto Velho, por exemplo; poderiam abrir um negócio, especialmente no comércio haitiano, visto que a maioria dos que saem do país possui boa formação escolar e profissional.

Nesse âmbito, os haitianos vivem numa rota diferente da que viveram muitos brasileiros da década de 1980: a teoria do mercado dual de trabalho Patarra (2006), também denominada teoria da segmentação do mercado de trabalho (Fusco, 2005) pode exemplificar

²⁷ <http://esporte.ig.com.br/futebol/2012-08-08/haitianos-reforcam-time-de-operarios-nas-obras-do-mineirao-para-a-copa-de-2014.html>

²⁸ <http://pt.fifa.com/worldcup/news/y=2013/m=10/news=pouco-haiti-copa-curitiba-2203069.html>

²⁹ <http://www.ebc.com.br/2012/11/padre-haitiano-diz-que-trafico-de-pessoas-sustenta-a-imigracao-ilegal-para-o-brasil>

que o movimento migratório haitiano está para o Brasil como o movimento migratório brasileiro esteve na década de 1980 para os Estados Unidos da América. A força de atração desses dois países está no mercado secundário, instável, com remunerações baixas e condições de trabalho desfavoráveis, tomado aqui o sentido do trabalho físico. O mínimo em que diferem os dois países de atração é que no mercado brasileiro os haitianos concorrerão com os nativos do país, a chamada mão de obra não qualificada, visto que a ascensão escolar do brasileiro ainda é tímida comparada à dos Estados Unidos e não há uma crise de rejeição de empregos no setor secundário.

2.2.2 Acolhida e inserção

Após a chegada, necessário se faz acolher e inserir os migrantes, seja no convívio social ou no mercado de trabalho. Dados do Ministério das Relações Exteriores – MRE mostram que o montante de haitianos em território brasileiro, supera a marca de 10.000, e segundo o Memorando nº 907/2013 da Secretaria Nacional da Justiça do MJ, até 30 de junho de 2013, somente 6.052 estavam com seus vistos permanentes regularizados.

Ao chegarem, os imigrantes são orientados a procurarem a delegacia da Polícia Federal e solicitar o refúgio. Preenchem um questionário e são entrevistados por policiais. A partir daí, é expedido um protocolo preliminar, onde passam a obter os mesmos direitos dos cidadãos brasileiros, como saúde e ensino. Recebem carteira de trabalho, CPF e passaporte, sendo assim, registrados oficialmente no país.

Após o registro, a documentação é encaminhada para o Comitê Nacional de Refugiados (CONARE) e para o Conselho Nacional de Imigração (CNIG), junto ao qual é aberto um processo para avaliação e concessão de residência permanente em caráter humanitário, com validade de até 5 anos. Isto se dá devido à defasagem do Estatuto do Estrangeiro, datado de 1980, que entrou em vigor durante a ditadura militar visando à segurança nacional, a fim de rejeitar anistiados políticos.

A Lei do Refugiado- Lei 9.474/97 é mais recente e atualizada. Por ela, qualquer pessoa pode solicitar o refúgio no Brasil, porém ele só é concedido às vítimas de perseguições políticas ou pessoas oriundas de países em guerra civil. Não é o caso dos haitianos que chegam ao Brasil. “Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

(ACNUR). 77% dos pedidos de refúgio recebidos em 2011 não foram atendidos por se tratar de pessoas que vieram ao Brasil em busca de trabalho. (...) ³⁰

De acordo com o presidente do Conselho Nacional de Imigração do Ministério do Trabalho e Emprego,

Não há motivos para os haitianos se submeterem a tantos perigos para entrar no Brasil. Desde janeiro de 2012, uma resolução normativa permitiu a emissão de até 1.200 vistos por ano a haitianos. Em 2013, a resolução foi modificada e determinou a emissão ilimitada de vistos até janeiro de 2014. No fim de 2013, o prazo foi prorrogado pelo Ministério do Trabalho até janeiro de 2015. Vamos estender os postos de emissão de visto até Quito para ver se diminui a vulnerabilidade dos imigrantes durante o trajeto. (ALMEIDA, 2014, s/p.) ³¹

Segundo a assessoria de imprensa do Itamaraty, o objetivo da medida é diminuir a entrada irregular de haitianos, evitando que estes caiam nas mãos dos “coiotes”, que fazem tráfico de pessoas nas fronteiras.

O local para expedição de vistos também foi alterado, para facilitar o processo. Antes, os documentos podiam ser emitidos apenas pela embaixada do Brasil em Porto Príncipe. Após a alteração, o Itamaraty está autorizado a habilitar outras embaixadas e consulados para a expedição dos vistos.

O governo do Acre mantém um abrigo para acolher os imigrantes que chegam a Brasileia, porém as condições de alojamento são insalubres.

É insalubre, desumano até. Os haitianos passam a noite empilhados uns sobre os outros, sob um calor escaldante, acomodados em pedaços de espuma que algum dia foram pequenos colchonetes, no meio de sacolas, sapatos e outros pertences pessoais. A área onde estão as latrinas está alagada por uma água fétida, não se vê sabão para lavar as mãos e quase todos com os que conversamos se queixam de dor abdominal e diarreia. Muitos passam meses nessa condição. (CHARLEAUX, 2013, s/p.) ³²

Cerca de 800 imigrantes vivem amontoados e confinados num galpão com capacidade para acolher 200 pessoas. Neste abrigo, há 10 latrinas e oito chuveiros. O esgoto corre a céu aberto e a temperatura beira os 40 graus. Em abril de 2013, foi decretada situação de emergência social nos municípios de Brasileia e Epitaciolândia em consequência da chegada maciça e descontrolada de imigrantes.

³⁰ <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/sem-estrutura-migratoria-brasil-quadruplica-emissao-de-vistos-humanitarios>

³¹ <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/rota-dos-haitianos-para-o-brasil-perigos-no-caminho-e-superlotacao>

³² Disponível em <http://www.conectas.org/pt/acoes/politica-externa/noticia/brasil-esconde-emergencia-humanitaria-no-acre>

Tudo é desilusão para Osanto Georges, de 19 anos. Pelo “sonho brasileiro”, quase um “El Dorado” para os jovens haitianos de sua idade, como ele mesmo expõe, Osanto deixou para trás seu estágio e o curso superior em tecnologias da informação. Seu discurso diverge bastante dos demais: sobre os roubos, as propinas, os desmandos das autoridades e coíotes que encontrou ao longo do caminho, apenas resignação, como se tudo fosse parte do roteiro; para os brasileiros, especialmente aqueles que coordenam o abrigo, críticas implacáveis. “A própria administração não sabe quem chega e quem sai. Essas condições não são normais, não são aceitáveis. Está tudo uma desordem”, desabafa. “Posso dizer que o que vivemos aqui em Brasília não é para um ser humano. Eles nos colocaram de novo no Haiti que tínhamos logo após o terremoto: a mesma sujeira, o mesmo tipo de abrigo, de água, de comida. Isso me machuca e me apavora. Eu sabia que o caminho até aqui seria duro, porque você está lidando com criminosos, mas, ao chegar aqui no Brasil, estar num lugar desses é inacreditável.” (CONNECTAS, 2013. s/p.)³³

Após desembarcarem em Brasileia e passarem pelo abrigo, alguns imigrantes conseguem trabalho. Empresários de vários estados brasileiros se dirigem ao Acre para recrutar trabalhadores.

Nos próximos dias, 40 haitianos que estão no Acre deverão fazer uma longa viagem de ônibus até a região de Cuiabá, em Mato Grosso, para trabalhar como ajudantes de pedreiro em um canteiro de obras da construtora mineira Urb Topo Engenharia, cuja sede fica em Contagem (MG). Para recrutá-los, o gerente de recursos humanos da construtora, Frederico Moraes, passou três dias em Brasileia. (GUIMARÃES, 2012, s/p.)³⁴

O secretário de Justiça e Direitos Humanos do Acre, Nilson Mourão, declara que a maior parte dos trabalhadores haitianos que entrou no Brasil pelo Acre nos anos de 2011 e 2012, foi absorvida para trabalhar nas obras das usinas de Jirau e Santo Antônio, no Estado de Rondônia. Segundo o secretário, a procura por funcionários haitianos por parte das empresas, cresceu tanto que uma equipe da Secretaria está sendo montada para dar início a um banco de dados com nome e profissão dos imigrantes, “Assim as empresas virão e já saberão quem está aqui. Assim não fica aquele tumulto, aquele recrutamento em praça pública como acontece agora”.

Cerca de 700 haitianos que chegaram ao Brasil pela fronteira de Brasileia, no Acre, já foram para Rondônia de ônibus desde janeiro de 2010 em busca de emprego, segundo estimativa do representante da Secretaria da Justiça e Direitos Humanos do Acre, Damião Borges Melo. De acordo com ele, Rondônia é um dos estados mencionados pelos haitianos, quando chegam em Brasileia, como uma das regiões onde eles esperam achar emprego. As outras são Manaus e São Paulo. Dos 700 haitianos que seguiram para Rondônia, cerca de 500 foram enviados pelo governo do Acre, que gasta R\$ 89 de passagem de ônibus por pessoa. De Brasileia, os haitianos vão para

³³Disponível em <http://reporterbrasil.org.br/2013/08/organizacao-recolhe-depoimentos-de-haitianos-em-brasileia/>

³⁴ Disponível em <http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/01/com-falta-de-mao-de-obra-empresas-brasileiras-contratam-haitianos-no-ac.html>

Rio Branco, numa viagem de cerca de três horas. Lá, são recebidos por equipes da Secretaria estadual de Direitos Humanos, que providencia as carteiras de trabalho. Após almoçar e jantar em Rio Branco, eles vão para Porto Velho - mais cinco horas de viagem. - Em Porto Velho, muitos já têm parentes que vão buscá-los. Outros vão se aventurar sozinhos. A gente explica que não tem como garantir a eles que vão conseguir emprego. Os haitianos que chegam em Brasileia já vêm com três palavras decoradas: São Paulo, Manaus e Porto Velho - diz Melo.

Segundo ele, muitos haitianos esperam conseguir emprego na construção das usinas hidrelétricas Santo Antônio e Jirau, em Rondônia. Mas, segundo a Odebrecht, nenhuma empresa do consórcio que constrói Santo Antônio contratou haitianos. A quantidade de haitianos em Rondônia deve crescer, pois o número de estrangeiros enviados de Brasileia a Porto Velho pelo governo do Acre deve chegar a 40 por dia. A média diária é de 35 enviados de Brasileia (AC) para Porto Velho (RO). (RIBEIRO, 2012,s/p.)³⁵

Em Porto Velho, a Secretaria do Estado de Assistência Social (SEAS), a fim de inserir esse novo contingente de trabalhadores, vem atuando de forma a amenizar as dificuldades enfrentadas não só pelos haitianos, mas também por muitos brasileiros, aqui nascidos e criados, por meio de programas como o Plano FutuRO de superação da pobreza e erradicação da extrema miséria.

Especificamente para auxiliar os haitianos, a SEAS e instituições parceiras, têm dado assistência a esses imigrantes inserindo-os no mercado de trabalho, cadastrando-os num banco de dados que é disponibilizado às empresas que necessitam de mão-de-obra. Muitas das vagas ocupadas por eles são na área da construção civil e nas Usinas de Santo Antônio e Jirau e demais empresas do ramo.

Há, porém, alguns segmentos que promovem uma minimização das diferenças entre o Haiti e o Brasil, quando se trata da inserção no mercado de trabalho, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), oferece qualificação profissional por meio de cursos gratuitos através do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) em mais de 30 segmentos entre eles: Alimento, Vestuário, Elétrica, Construção Civil, Gestão e outros.

Ao chegarem, os migrantes encontravam uma casa de apoio, onde era feita uma triagem do perfil do migrante com preenchimento dos dados cadastrais profissionais e familiares, verificação de documentos, validade do visto e caderneta de vacinas. Os imigrantes também recebiam três refeições diárias, café da manhã, almoço e jantar. De lá, eram encaminhados para os diversos serviços sócio assistenciais da rede.

³⁵ Disponível em <http://oglobo.globo.com/brasil/rondonia-ja-recebeu-700-haitianos-em-busca-de-emprego-3620089>

A Casa de Apoio Raimundo Neves, em Porto Velho, já recebeu desde março de 2011, mais de 200 pessoas encaminhadas pela Seas. O local abriga e fornece alimentação aos imigrantes que ainda não foram inseridos no mercado de trabalho.

A haitiana Compère Nadine, 32 anos, está em Porto Velho há um mês. Grávida de seis meses, deixou mais quatro filhos e o marido no Haiti para tentar uma vida melhor no Brasil. Já com visto de permanência, mas sem trabalho, ela recebe ajuda da casa de apoio. Wykell Olistín, 30 anos, chegou há um ano e dois meses em Porto Velho e há nove meses trabalha como ajudante de pedreiro. Com um salário de R\$ 800 paga aluguel, alimentação e, com o pouco que sobra, ajuda a esposa e os dois filhos que ficaram no Haiti. (AZAMBUJA, 2012, s/p.)³⁶

A casa de apoio fechou, mas os cadastros e direcionamentos para o mercado de trabalho ainda permanecem sendo feitos pela Secretaria, que também realiza agendamento para atendimento médico nos hospitais e unidades de saúde do município. A inserção no mercado de trabalho é feita em parceria com o SINE municipal e estadual, nos quais os imigrantes são cadastrados e ficam à espera de emprego.

Por meio da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), sob a coordenação do Departamento de Letras, os imigrantes têm aulas de Língua Portuguesa. São atendidos em quatro classes, em média com 30 alunos cada, às quintas-feiras e sábados, na Escola Estadual 21 de Abril em Porto Velho. Em parceria com escolas e igrejas, a universidade disponibiliza professores que ministram aulas de português, cultura e história de Rondônia, contribuindo para com a inserção dos haitianos, promovendo o intercâmbio cultural; visto que o conhecimento da língua contribui para sua inserção no mercado de trabalho.

Para que os haitianos tenham mais chances no mercado de trabalho, a secretaria fez uma parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) para oferecer cursos de pedreiro de alvenaria, armador e padeiro. Outro acordo, desta vez com a Universidade Federal de Rondônia (Unir), garantiu aulas de língua portuguesa. Até agora, 124 haitianos frequentam as aulas regularmente. (TEIXEIRA, 2013, s/p.)³⁷

Empresas, principalmente do setor de produção, procuram o SINE e os imigrantes algumas vezes já saem de lá empregados. Quando empregados, a SEAS mantém contato e faz o acompanhamento desses trabalhadores, realocando-os se necessário. Além de serem empregados em Rondônia, também são deslocados para outros estados, conforme quadro.

³⁶ Disponível em <http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2012/06/mais-de-800-haitianos-moram-e-trabalham-em-porto-velho.html>

³⁷ Disponível em <http://portalamazonia.com/detalhe/noticia/haitianos-ate-80-dos-imigrantes-conseguem-emprego-em-porto-velho/?cHash=e9ecfa4d90b04122a1e2294efc85e9e7>

FIGURA 08: Quadro demonstrativo do Deslocamento de Haitianos no Brasil.

ESTADOS	QUANTITATIVO
Rio Grande do sul	255
Goiás	192
Mato Grosso do sul	46
Mato Grosso	33
Minas Gerais	120
Santa Catarina	352
Paraná	380
São Paulo	315
Rio de Janeiro	134
Espírito Santo	18
Brasília	22
TOTAL EM OUTROS ESTADOS	1865
TOTAL EM RONDÔNIA	2013
TOTAL DE HAITIANOS	3878

Fonte: Secretaria de Estado de Assistência Social/SEAS- RO.

Estes números tiveram aumento significativo, principalmente após a alteração da autorização de concessão de vistos pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg) que publicou no DOU de 25/10/13, a Resolução Normativa nº 106, prorrogando por mais 12 meses a concessão de visto especial humanitário a haitianos. A medida, aprovada pela Resolução 97 de janeiro de 2012 que tinha validade até 2014, foi estendida até janeiro de 2015.

No plano internacional, o Brasil toma medidas para a implantação dos acordos bilaterais de livre trânsito entre os países do Mercosul e, em 2009, entra em vigor o acordo multilateral de livre trânsito de nacionais entre os países membros efetivos e associados deste bloco regional, acordo este ampliado em 2011 com a adesão do Equador e Peru. Também em 2009, o governo brasileiro concede uma anistia aos estrangeiros em situação irregular no país, o que permite a regularização de, 45.008 imigrantes. A situação econômica privilegiada do Brasil em relação a outras nações neste começo de década, fez com que aumentassem de forma constante as solicitações de vistos de trabalho de estrangeiros, muitos dos quais foram para funcionários de empresas que vêm investir no país. Em 2010, o número de vistos de trabalho concedidos pelo Ministério do Trabalho e Emprego ultrapassou a casa dos 55.000 vistos. (FERNANDES, 2014, s/p.)³⁸

Com a legalização, não se pode afirmar que haja grande mudança na condição social do imigrante, visto que ele disputará no mercado nacional as vagas de emprego, no segundo setor, com brasileiros que produzem mão de obra não qualificada; além de que, o fato de

³⁸ Disponível em

http://www.migrante.org.br/migrante/index.php?option=com_content&view=article&id=214:do-haiti-para-o-brasil-o-novo-fluxo-migratorio&catid=89&Itemid=1210

entrarem como refugiados, numa condição de dependência econômica do Brasil, e não como estrangeiros investidores; pode gerar preconceito por parte dos brasileiros.

O aspecto da disputa de empregos, com brasileiros que vivem socialmente numa condição semelhante, gera situações de exclusão ou isolamento social nas comunidades brasileiras; havendo a interpretação de que representam uma redução no número de vagas oferecidas. A legalidade ameniza, porém, a exploração passível de meios desumanos ou ilegais de trabalho.

Em Rondônia, a emissão do visto de trabalho e de Residência Permanente permite contratação tanto pelas corporações encarregadas da construção das hidrelétricas em Porto Velho, quanto por empresas e comércios locais; o que significa proteção legal nos aspectos trabalhistas, apesar de que, mesmo em condições estáveis, em curto prazo, torna-se impraticável a realização do principal objetivo dessas migrações: criar um fluxo de renda para toda a unidade familiar, sua subsistência, e a subsistência do núcleo familiar do país de origem.

Os haitianos que chegam ao Brasil trabalham em geral a fim de se manterem e enviarem dinheiro às suas famílias no Haiti. De acordo com o Banco Mundial, as remessas internacionais para o Haiti alcançaram US\$ 1,82 bilhões em 2012. Os que trabalham no Brasil, em média, enviam R\$ 500,00 por mês para os familiares.

2.2.3 A distribuição espacial dos imigrantes haitianos em território brasileiro e suas condições de trabalho

Há uma relação entre as atividades econômicas e os deslocamentos espaciais da população Ravenstein (1980), que tendem a se dirigir para áreas próximas a centros industriais, comerciais ou estudantis. No caso dos haitianos que, desde 2010 adentram as fronteiras do país, esse deslocamento não se deu de forma diferente.

Ao entrarem pela fronteira norte do Brasil, a princípio, os haitianos se concentraram na cidade de Brasileia no estado do Acre. Em abrigos, vivendo em condições insalubres, a espera de emprego.

Com o raiar do dia, vimos onde os haitianos eram recebidos — um galpão poeirento e superlotado, onde muitos deles passavam até dois meses em condições insalubres, para dizer o mínimo. Ali naquele abrigo, 90% dos moradores tinham diarreia, a temperatura passava dos 40^o e não havia perspectiva nenhuma de que a vida pudesse ser muito melhor do que antes da partida no Haiti. O campo tinha dez latrinas fétidas

que, nos dias em que eu estive lá, eram usadas por 832 pessoas. Para chegar até elas, ou até os oito chuveiros existentes, que ficam numa área contígua, era preciso, antes, caminhar sobre um terreno de barro, encharcado de água de esgoto onde duas galinhas pretas ciscavam alheias ao drama. Ao iniciar a viagem de 3.755 km de São Paulo a Brasileia, eu esperava encontrar muita coisa, mas não esperava chegar no Haiti de novo. Em muitos aspectos, o campo de haitianos em Brasileia se parecia aos campos de desabrigados que eu havia visitado como repórter em Porto Príncipe depois do terremoto. Minha impressão de que Brasileia e Porto Príncipe tinham muito em comum se provaria verdadeira. (CHARLEAUX, 2013, s/p.)³⁹

“O que vivemos aqui em Brasileia não é para um ser humano. Eles nos colocaram de novo no Haiti que tínhamos logo após o terremoto: a mesma sujeira, o mesmo tipo de abrigo, de água, de comida. Isso me machuca e me apavora. Eu sabia que o caminho até aqui seria duro, porque você está lidando com criminosos, mas, ao chegar aqui no Brasil, estar num lugar desses é inacreditável” (Osanto Georges, haitiano, 19 anos)⁴⁰

Milhares de haitianos passaram por este abrigo antes de rumarem para outros locais, ainda à procura de emprego e vida digna. Os destinos são variados e incertos. Após chegarem aqui, continuam seguindo fluxos.

Pelas condições insalubres a que eram submetidos os haitianos, o abrigo foi denunciado junto a entidades nacionais e internacionais e o governo do Acre decidiu pelo seu fechamento.

O Governo do Estado do Acre disse hoje (16/04/2014) à Organização de Direito Humanos Conectas que fechará o abrigo de imigrantes na cidade de Brasileia, na fronteira com a Bolívia. As autoridades acreanas prometeram retirar até sábado todos os imigrantes – a maioria, haitianos – que viviam abrigados, com a promessa de transferi-los para um centro de exposições na capital, Rio Branco e, de lá, despachá-los para Porto Velho, em Rondônia, de onde serão fornecidos ônibus para fazer o traslado a São Paulo, de acordo com informações do administrador do abrigo de Brasileia, Damião Borges.

Mais de 20 mil haitianos já passaram pelo abrigo de Brasileia em três anos e nas últimas semanas, mais de 2.500 pessoas chegaram a se amontoar no local, projetado inicialmente para receber 300 albergados. (CARTA CAPITAL, 2014, s/p.)⁴¹

Os haitianos foram então, mandados a São Paulo, onde de forma igualmente precária, foram recebidos. Cerca de 50 ônibus, fretados pelo governo do Acre, desembarcaram na rodoviária da Barra Funda após viagem de quatro dias.

Antes de rumarem para São Paulo, os imigrantes já estavam se encaminhando para outros estados e municípios. Uma das regiões de forte atração de haitianos é a região sul do país, onde cidades como Caxias do Sul, Passo Fundo e Lajeado; por terem se tornado

³⁹ Disponível em https://www.vice.com/pt_br/read/o-haiti-e-aqui-v5n2

⁴⁰ Idem 39.

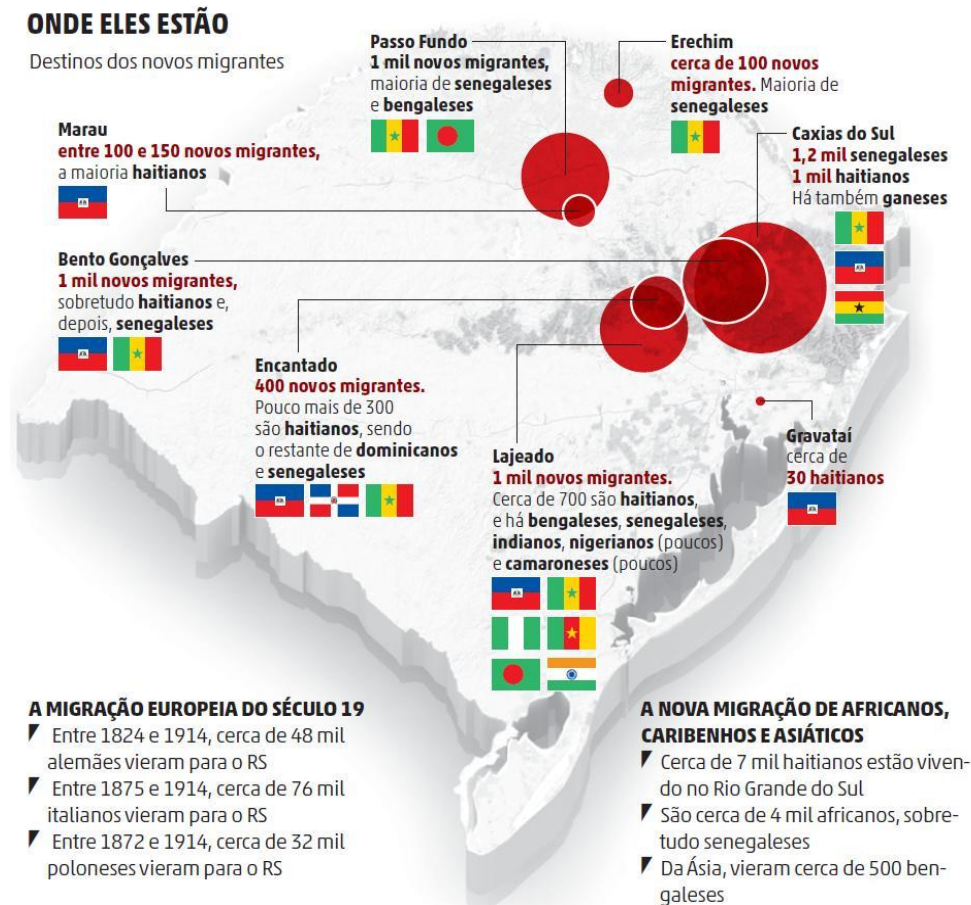
⁴¹ Disponível em <http://negrobelchior.cartacapital.com.br/2014/04/16/governo-do-acre-fecha-abrigo-para-haitianos-em-brasileia/>

importantes polos industriais, abrigam cerca de 11.500 estrangeiros negros entre haitianos e senegaleses que rumam para as cidades do interior devido ao custo de vida da capital.

As regiões cresceram, cidades como Caxias do Sul, Lajeado e Passo Fundo se tornaram pujantes polos industriais e hoje são ponta de lança do ciclo encabeçado por 11,5 mil estrangeiros negros – vindos não de zonas rurais, como seus antecessores, mas do meio urbano, e com pelo menos o Ensino Médio no currículo escolar. Fogem da pobreza: no Brasil, podem ganhar até seis vezes mais do que no seu país de origem. O território gaúcho é um dos principais destinos de senegaleses e haitianos, principalmente o Interior, pois em Porto Alegre o custo de vida é mais alto, e a demanda por essa mão de obra, menor. Nas pequenas cidades, eles mudam o retrato da massa trabalhadora. Em Encantado, fundada por italianos, os migrantes negros já representam 2% da população – e 30% dos funcionários de um frigorífico da Dália Alimentos (BDCI, 2014, s/p.)⁴²

Os migrantes que rumaram para a região sul do país nos séculos XIX e XX, e os haitianos que hoje lá estão possuem o mesmo objetivo: trabalhar.

FIGURA 09: Mapa-Diagrama da Localização do Novo Contingente de Imigrantes no RS.



Fonte: <http://www.bdciv.tv/novos-imigrantes-mudam/>

⁴² Disponível em <http://www.bdciv.tv/novos-imigrantes-mudam/>

Segundo o jornal Zero Hora, desde janeiro de 2012, chegam imigrantes ao Estado. O primeiro grupo foi levado pela indústria de massas Romena, de Gravataí; iniciativa que foi tomada também por outras empresas, que passaram a suprir a falta de mão de obra contratando os imigrantes haitianos:

Após viajar por três meses, Dameus chegou ao Acre. Na cidade de Brasileia, passou fome, sofreu com a falta de abrigo, mas não desistiu. Depois de alguns dias, recebeu a visita de recrutadores e foi um entre 416 haitianos que ganharam carteira de trabalho e conseguiram emprego no Rio Grande do Sul. Dameus faz parte da primeira leva de 50 haitianos contratados em setembro de 2012 pela Dália Alimentos, com sede em Encantado. O salário equivale ao piso da categoria, de R\$ 830,50. A Dália ainda oferece seis meses de estada em um hotel da cidade, três refeições diárias no refeitório da empresa e transporte de ida e volta. Além das condições de trabalho oferecidas, houve uma onda de solidariedade. Por mobilização da comunidade, foram recolhidas roupas e moradores se dirigiram até a fábrica para conhecê-los. A paróquia também oferece gratuitamente aulas de português semanais, já que a maioria dos imigrantes fala apenas o crioulo (língua nativa do Haiti). Com português quase fluente, Dameus e outros três amigos alugaram um apartamento no centro da cidade. O local tem poucos móveis — o que existe foi arrecadado pela paróquia. — Sou muito feliz. Assim que juntar um pouco mais de dinheiro, quero trazer minha família para morar aqui — afirma o pedreiro. Adaptado, Dameus conta que um vizinho o presenteou com cuia e bomba e o ensinou a fazer chimarrão: — Adoro sentar no final do dia em frente à TV e tomar chimarrão.” (KANNEMBERG, 2013, s/p.)⁴³

A procura por trabalho faz com que os haitianos migrem pelo país. Na figura abaixo, algumas das cidades a que se destinam.

FIGURA 10: Mapa-Diagrama da Rota dos Haitianos no Brasil.



Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/04/1439034-acre-vai-fechar-abrigo-para-imigrantes.shtml>

⁴³ Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2013/06/haitianos-tentam-reconstruir-a-vida-no-rio-grande-do-sul-depois-de-terremoto-4156820.html>

Os imigrantes, ao saírem dos estados do Acre e Rondônia, passam por Mato Grosso e se dirigem aos estados de Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Ao buscarem estes estados, novamente se sujeitam a enfrentar todo o tipo de condições tanto de viagem quanto de acolhida e inserção, pois correm o risco de logo conseguirem emprego ou de trabalharem em condições insalubres e/ ou sujeitos a exploração.

Um grupo com 31 pessoas foi resgatado em condições análogas à de escravos em São Paulo em duas operações da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego (SRTE-SP). Foi a primeira vez, segundo a SRTE, que os auditores encontraram trabalhadores de origem haitiana entre os resgatados na cidade de São Paulo. Doze haitianos e dois bolivianos foram resgatados em uma operação que foi realizada no Brás, na região central. Os auditores chegaram ao local após denúncia feita pelo Sindicato das Costureiras. Os haitianos e os bolivianos foram encontrados trabalhando e morando na oficina, que prestava serviço para a empresa de roupas "As Marias". A empresa foi multada pelos auditores. Em nota, a diretora Miriam Prado, da empresa "As Marias", responsabilizou uma empresa terceirizada pela situação e disse que desconhecia as ilegalidades. De acordo com a Superintendência, a carga horária chegava a 15 horas por dia e os haitianos não tinham salário. Nos últimos dois meses, eles receberam R\$ 100 cada. Uma das auditoras que participou do resgate, Elisabete Sasse, disse que algumas pessoas passavam a noite no chão da cozinha e foram deixadas sem comida quando reclamaram da exploração. "A oficina chegou a cortar a alimentação dos trabalhadores quando eles reclamaram da falta de pagamento" (G1,SP, 2014, s/p.)⁴⁴

Embora no Código Penal Brasileiro, o artigo 149 disponha:

"Reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto- Pena: reclusão, de dois a oito anos, e multa, além da pena correspondente à violência."

A fiscalização ainda é falha. Em alguns casos, a situação é totalmente oposta, e o salário dos imigrantes pode chegar a seis vezes o valor que recebiam no Haiti:

François Petit Compere, 27 anos, já se considera um vencedor. Saiu do Haiti de avião há três anos e cinco meses, rumo a Manaus. Passou horrores na jornada, dormiu ao relento, migrou para Bento Gonçalves, conseguiu emprego e hoje se diz "rico" para os padrões de seu país. Recebe R\$ 1,2 mil de salário na metalúrgica Zen e, por trabalhar com polimento, mais 40% de insalubridade. Gasta R\$ 300 com aluguel, almoça no bandeirão da empresa e a maior parte do dinheiro restante manda para Porto Príncipe, onde sustenta o filho pequeno e a ex-mulher.— A cada dois meses recebo, praticamente, o que levava um ano para conseguir no Haiti, como cabeleireiro — comemora François, que já trouxe a nova mulher, haitiana, para morar na Serra." (BDCI, 2014, s/p.)⁴⁵

⁴⁴ Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/08/haitianos-sao-resgatados-em-condicoes-de-escravidao-em-sp.html>

⁴⁵ Disponível em <http://www.bdcI.tv/novos-imigrantes-mudam/>

Mas nem todos os imigrantes têm as mesmas chances e tratamento. Além do Rio Grande do Sul, o estado do Paraná também recebeu imigrantes haitianos. Nas cidades de Cascavel e Maringá, igualmente há relatos de exploração:

O suor que escorre pelo rosto se junta à poeira negra do carvão e tinge a face e os braços de Ivon Belisarie. A fuligem avermelha seus olhos. Desde que chegou ao Brasil, há dois anos e meio, de segunda a sábado, das 8h às 17h, o imigrante haitiano corta madeira, abastece fornos que produzem carvão vegetal e ensaca o produto que será enviado a centros urbanos do país, numa carvoaria em Maringá. Ele não se senta um minuto. Emagreceu tanto que está abaixo do peso. No terremoto de 2010, além de nove parentes, Ivon perdeu o patrão, um empresário haitiano do ramo de arroz para quem trabalhava como motorista havia 15 anos. Percebeu então que a permanência no Haiti ficara inviável. Trocou o conforto do ar-condicionado de veículos esportivos pelo calor, a poeira negra e a insalubridade da carvoaria. E a companhia ruidosa dos filhos pela solidão de sequer ter dinheiro para telefonar para casa. (SANCHES, 2014, s/p.)⁴⁶

Não muito distante da carvoaria, mais desrespeito às normas de trabalho:

A 230 quilômetros da carvoaria, num frigorífico em Cascavel (PR), 380 migrantes haitianos fazem, cada um, cerca de 90 movimentos por minuto para desossar frangos e pendurar galinhas. Por um salário mensal de cerca de R\$ 1 mil, suportam a rotina de oito horas e 48 minutos diários sob um frio de nove graus, temperatura abaixo do limite de 12 graus estabelecido pelo Ministério do Trabalho. (SANCHES, 2014, s/p)⁴⁷

Por falta de opção e pela necessidade de sobrevivência e ajuda aos parentes deixados em seu país de origem; juntamente com outros imigrantes, nigerianos, senegaleses e bengaleses têm aceitado exercer funções que não requerem escolaridade, muitas vezes recusadas por brasileiros. Em sua maioria, esperam receber salários maiores do que os que realmente recebem:

O haitiano Marcelin Geffrard diz ter sido enganado por um supermercado que o levou do Acre a Cascavel: — Me prometeram quase R\$ 900. Quando cheguei ao Paraná, o salário era menor. Com os descontos, dava só R\$ 600. Isso não dava para comida e aluguel, e ainda tinha que mandar dinheiro para a minha filha, no Haiti. O alojamento era sujo, camas quebraram, e a gente tinha que dormir no chão. Em dois meses, dez quilos mais magro.

Em dois anos, Geffrard, pedagogo, com curso de arquiteto inacabado e domínio de cinco idiomas, mudou de emprego cinco vezes. Hoje, trabalha como cobrador de ônibus. Aos fins de semana, faz bicos em uma pizzaria para complementar a renda. Afirma que, apesar da longa jornada de trabalho, está muito melhor hoje do que em outras ocupações: — O pior lugar em que trabalhei foi o frigorífico. Ali aguentei só 45 dias. Fazia horas extras, mas nunca recebi por elas. Em menos de dois meses, perdi dez quilos. Muitos colegas ficaram doentes, mas os frigoríficos não aceitam

⁴⁶ Disponível em <http://haitianosbrasil.blogspot.com.br/search?updated-max=2014-08-18T10:42:00-07:00&max-results=7&reverse-paginate=true>

⁴⁷ Idem 46

atestado e descontam o dia, se você vai ao médico. Então, os haitianos preferem cair no chão, doentes no meio da fábrica a ir a um hospital. (SANCHES, 2014, s/p)⁴⁸

O Ministério Público do Trabalho do Paraná investiga denúncias dos sindicatos locais:

Empreiteiras têm sido constituídas apenas para contratar os imigrantes. Elas preenchem as folhas da carteira de trabalho, mas jamais registram o trabalhador efetivamente. Haitianos e africanos descobrem a fraude meses depois, quando o contrato termina, e eles não têm direito à rescisão e ao seguro-desemprego, ou quando sofrem acidentes e não contam com cobertura do INSS. Eles também receberiam menos do que o piso da categoria e cumpririam jornadas de trabalho superiores ao limite estabelecido pela legislação.” (SANCHES, 2014, s/p.)⁴⁹

Em Manaus, em função das obras da Copa de 2014, haitianos foram contratados para trabalharem na construção da Arena da Amazônia. Em fevereiro de 2014, o jornal inglês *Mirror* denunciou a exploração a que eram submetidos os imigrantes:

Centenas de imigrantes do país mais pobre das Américas vivem em situação precária em Manaus. Eles teriam uma jornada de trabalho de dez horas diárias e ganhariam, no máximo, 5 libras por dia- ‘Nós enviamos o dinheiro de volta a nossas famílias. Mas há muitos de nosso país que conseguem um trabalho no estádio, trabalham duro e não são pagos. Eles estão sendo muito mal tratados, declara Ronain, um dos haitianos. (ESPN, 2014, s/p)⁵⁰

Em São Paulo, a onda migratória de haitianos trouxe junto consigo empresários em busca dessa mão de obra estrangeira. Segundo o Ministério do Trabalho, empresas estão interessadas em contratar os imigrantes. As áreas da construção civil, limpeza e agronegócio são as que oferecem o maior número de vagas.

Os empresários alegam que os imigrantes, talvez pela situação de necessidade em que se encontram, são mais empenhados que os trabalhadores brasileiros.

O empresário do ramo da construção civil de Uberlândia, Minas Gerais, Lucas Moraes, 32 anos, veio com o pai para São Paulo atrás desses trabalhadores. “O brasileiro não quer trabalhar, ficam alguns meses e pedem demissão para receber o seguro-desemprego. Dizem que o haitiano valoriza mais o trabalho e tem alegria em trabalhar”, afirmou. Neste dia, eles levaram três profissionais para a cidade mineira: um pedreiro, um ajudante e um eletricista. “Vamos oferecer treinamento e aulas de português e fazer um teste por 90 dias. Se der certo com esses, contrataremos mais”, diz Moraes. Segundo ele, a empresa vai oferecer salário de cerca de R\$ 850 líquido, mais alojamento, alimentação e transporte. Após ver a situação dos haitianos pela

⁴⁸ Disponível em <http://haitianosbrasil.blogspot.com.br/search?updated-max=2014-08-18T10:42:00-07:00&max-results=7&reverse-paginate=true>

⁴⁹ Disponível em <http://oglobo.globo.com/brasil/imigrantes-haitianos-africanos-sao-explorados-em-carvoarias-frigorificos-13633084>

⁵⁰ Disponível em http://espn.uol.com.br/noticia/387275_haitianos-estao-trabalhando-na-arena-da-amazonia-em-regime-escravo-diz-jornal-ingles

televisão, o empresário do ramo de madeira Fernando Vendrame também percorreu os 509 quilômetros que separam Nhandera, no interior, até a capital atrás de funcionários. Ele diz ter encontrado três profissionais que se encaixavam no perfil que estava buscando, mas afirmou que precisa de mais 25 profissionais. “Se esse pessoal der certo, volto para contratar mais”, afirmou. Além do salário de R\$ 900 líquidos, Vendrame diz oferecer moradia, cesta básica e transporte. “A gente tem a vaga, mas não tem funcionário aqui no Brasil. Brasileiro não quer empurrar carrinho, não quer cortar madeira” (OLIVEIRA, 2014, s/p.)⁵¹

Se por um lado os imigrantes estão sendo vistos de forma positiva, por outro, estão sofrendo preconceito:

Segundo Geffrard, a hostilização começou quando foi divulgada a notícia de que havia um africano internado na Unidade de Pronto Atendimento (UPA), no Bairro Brasília, com suspeita de ter contraído o vírus. “Na quinta-feira, logo que se espalhou a notícia do ebola, um haitiano me contou que estava voltando do trabalho, e no ônibus as pessoas não queriam sentar perto dele por medo, ficaram afastadas”. “Os haitianos estão com medo, vários vieram falar comigo e pediram para explicar a diferença entre haitiano e africano e que não temos epidemia de ebola no nosso país. Peço para eles ficarem mais quietos, enquanto o medo das pessoas não passa, para não falarem muito”, (...) “É preciso divulgar que o Haiti fica na América Central e não na África e explicar sobre os sintomas e como é a transmissão.” (G1.PR, 2014, s/p.)⁵²

Allport (1954) define o preconceito étnico como uma antipatia baseada numa generalização falha e inflexível que pode ser sentida ou expressa e que pode ser dirigida a um grupo como um todo ou a um indivíduo porque ele faz parte daquele grupo.

É o que vem ocorrendo com os haitianos. Sofrem preconceito por ser quem são: negros e imigrantes.

Dieufene Louis, empregado na área da construção, 37 anos, veio para o Brasil há dois anos, procurando trabalho. Nascido na capital Porto Príncipe, Louis diz que o racismo é algo que sempre acontece. Aqui no Brasil foram poucas vezes, conta ele que prefere esquecer as situações relacionadas com preconceito racial. Em uma das vezes em que foi ofendido, a pessoa que o agrediu achou que ele não podia entender o que ela estava dizendo, já que muita gente na cidade gaúcha tem o hábito de misturar alemão com português ao falar. Mas ele entendeu e procurou a empresa para relatar o preconceito, que hoje já não se repete mais. Louis conta que um amigo seu, também do Haiti, foi abordado na rua e agredido. “Bateram muito e ele teve que passar oito dias no hospital”, conta. Por causa disso, ele não sai: “Tenho medo que me aconteça alguma coisa aqui, longe da minha família”

“Manasse Marotiere está no Brasil há dois anos. Segundo o haitiano, em todo lugar existe preconceito, mas quando chegou à cidade de Bento Gonçalves, no interior do Rio Grande do Sul, achou muito complicado. “Todos os haitianos que chegam aqui dizem que sentem o preconceito”, conta. Manasse diz que é comum as pessoas atravessarem a rua para não andarem ao seu lado. “Isso é preconceito porque somos

⁵¹ Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2014-05-09/trabalhadores-haitianos-em-sao-paulo-sao-cobitados-por-empresarios-do-pais.html>

⁵² Disponível em <http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2014/10/apos-suspeita-de-ebola-haitianos-enfrentam-preconceito-em-cascavel.html>

pretos, porque somos haitianos”, diz. Mesmo assim, ele quer ficar na cidade, onde atualmente mora com a esposa, também haitiana.” (TERRA, 2014, s/p.)⁵³

No tocante à Região Amazônica, os imigrantes haitianos buscam se estabelecer no Amazonas, Amapá e Pará; sendo que Rondônia aparece tanto como rota de passagem em direção aos outros estados, quanto como destino migratório. A oferta de empregos no setor da construção civil, alavancado pela construção das hidrelétricas do Alto Madeira, Santo Antônio e Jirau, justifica a permanência neste estado.

2.2.4 O perfil dos imigrantes haitianos

Considerando o grande afluxo de haitianos no Brasil nos últimos anos, e a intensa migração interna a que estão sujeitos, impõe-se a necessidade de se traçar um perfil desses imigrantes a fim de conhecê-los para que, através do desenvolvimento de políticas públicas, eles possam ser inseridos socialmente.

O perfil aqui relatado corresponde a estudos feitos pela UFAM- no Amazonas, UNIR em Rondônia, PUC-Minas Gerais e da UNILA em Cascavel, além de dados oficiais dos Ministérios do Trabalho e da Justiça, do CONARE e da Polícia Federal.

A caracterização dos migrantes foi feita a partir dos seguintes critérios: idade, escolaridade, sexo e profissão.

Um grupo de professores da UFAM coordenou a Atividade Curricular de Extensão (ACE), denominada Haitianos em Manaus, com a qual traçaram o perfil dos haitianos que vivem no município; constatou-se que a maioria dos haitianos apresenta idade entre 20 e 40 anos, em sua maioria são do sexo masculino e apresentam escolaridade em nível técnico.

A UNIR, em Projeto de Extensão, Migração Internacional na Amazônia Brasileira: Linguagem e Inserção Social de Haitianos em Porto Velho, coordenado pela professora Marília Pimentel; constatou que a maioria dos haitianos apresenta idade entre 20 e 35 anos, são em sua maioria homens e apresentam escolaridade que varia de analfabeto a nível técnico e superior.

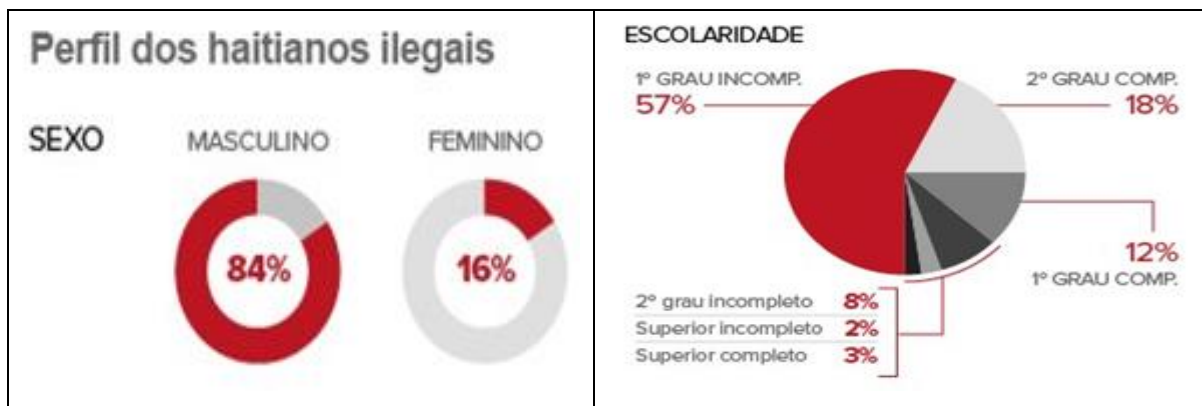
A Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA, no projeto intitulado “A diáspora haitiana: da utopia à realidade”, empreendido com a colaboração da Universidade de São Paulo (USP) e da Fundação Friedrich Ebert, traçou o perfil dos cerca de três mil haitianos que residem em Cascavel-PR. São, em sua maioria, adultos com idades que

⁵³ Disponível em <http://noticias.terra.com.br/brasil/imigrantes-haitianos-sofrem-racismo-e-xenofobia-no-brasil,a55e260ac95f5410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>

variam de 20 a 35 anos, do sexo masculino, com ensino médio completo e curso técnico profissionalizante.

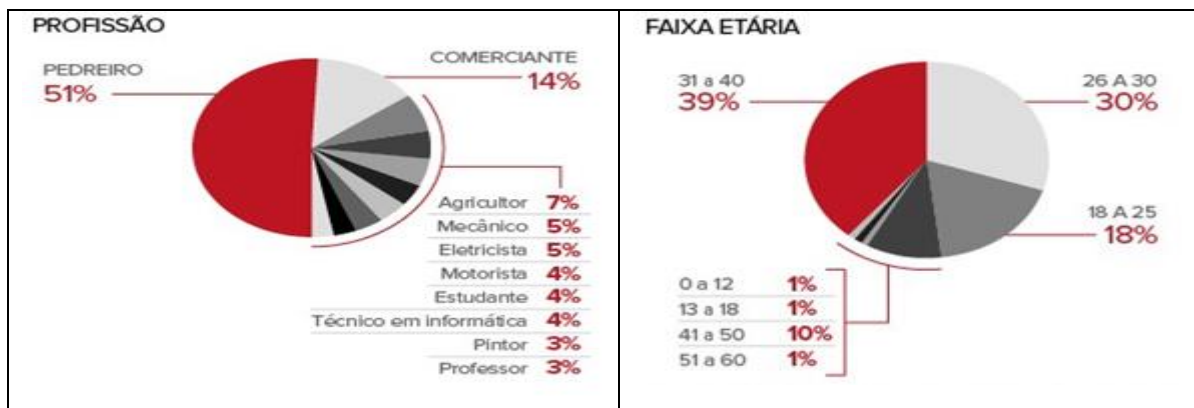
Dados da Polícia Federal, informados pelos próprios migrantes ao solicitarem visto de entrada no país, condizem com as pesquisas, o que pode ser observado nos gráficos a seguir:

FIGURA 11: Gráficos para Caracterização do Perfil dos Imigrantes Haitianos I (Sexo e Escolaridade).



Fonte: Polícia Federal. Elaboração- IG.

FIGURA 12: Gráficos para Caracterização do Perfil dos Imigrantes Haitianos II (Profissão e Faixa Etária).



Fonte: Polícia Federal. Elaboração- IG.

Assim, os haitianos que entram no país são em sua maioria do sexo masculino, adultos, escolarizados e possuem uma profissão.

“A ideia de que a maioria deles seja analfabeta não é verdadeira, sendo muito pequeno o número dos que não têm nenhuma instrução. Estamos ganhando com a presença deles aqui [...]”, afirma Duval Fernandes da PUC-MG, que também considera que, ao final de 2013, o

número de migrantes haitianos já teria ultrapassado a casa dos 20.000, com indicações de que esse número total possa chegar a 50.000 imigrantes.

A busca por emprego e condições dignas é o que os motiva, em sua maioria. Ao chegarem aqui, mesmo falando duas ou mais línguas; encontram dificuldade para se comunicarem, o que também dificulta conseguir o tão esperado emprego.

2.2.5 A inserção social do haitiano através do trabalho

Em busca de melhores oportunidades de vida e trabalho, da mesma forma que os imigrantes de tantos outros fluxos presentes na história do Brasil, milhares de haitianos enfrentam o desafio diário da sobrevivência em nosso país.

A Declaração dos Direitos Humanos visa garantir direitos civis, políticos e sociais. Entre esses, inclui-se o trabalho que, na condição de contribuinte para o processo de inserção social de um indivíduo, “[...] passou a significar um instrumento do valor e da dignidade humana [...]” (KRAWULSKI, 1998, p. 12).

O trabalho, ao longo da história da humanidade, que denotava a concepção de intermediar o atendimento às necessidades imediatas da sobrevivência, passou, nos últimos séculos, a ser considerado criador de riquezas e totalmente investido de conotação econômica. É também a atividade humana que cria a identidade pessoal e social, pois tem significado para aquele que o realiza.

Nesta passagem da condição de indivíduo, à condição de indivíduo trabalhador, a carteira de trabalho se torna um passaporte, uma ponte que garante a entrada num outro estrato social, inserção com mais prestígio e valor.

No contexto migratório, a carteira de trabalho, passa a desempenhar um papel que lhe é atribuído não pela matéria-prima da qual é constituída, muito menos pelo seu tamanho, cor, textura, espessura, peso ou forma; mas pela ideologia⁵⁴ que carrega, pela simbologia que se lhe mostra intrínseca: a de representar esperança, dignidade, inserção social, passa a representar a independência econômica, na história das migrações, assume a importância da sobrevivência dos membros ligados à história do trabalhador.

⁵⁴ Em seu livro *A Ideologia do Trabalho*, Paulo Sergio do Carmo conceitua o trabalho como uma atividade carregada de influências ideológicas, tendo sido exaltado ou desprezado em diferentes épocas e nações, desde a sociedade escravagista grega, passando pela atividade servil da Idade Média, até o produtivismo da Revolução Industrial.

Mesmo o trabalhador tendo as condições de trabalho asseguradas em lei, ele não possui a garantia do acesso a ele. Vários fatores como a crescente tecnologia e automação, o excesso de burocracia, a redução da oferta de postos de trabalho, aumentam a demanda o que implica redução no valor dos salários pagos, maior competitividade e, conseqüentemente, mais exigências na contratação.

As condições estáveis de trabalho, almejadas pelos imigrantes e muitas vezes não conseguida por eles, conferem um caráter simbólico de dignidade e cidadania, “[...] para gozar dos direitos é preciso trabalhar formalmente com carteira assinada, a cidadania é limitada à condição de empregado[...], ser trabalhador passa a ser um atributo para ser cidadão (BEZERRA, 2005, p. 70). Porém, mesmo em condições estáveis, em curto prazo, torna-se impraticável a realização do principal objetivo dessas migrações: criar um fluxo de renda para toda a unidade familiar, sua subsistência e a subsistência do núcleo familiar do país de origem.

Correlacionados, trabalho e carteira, pelo valor que lhe são atribuídos, passam a simbolizar ascensão social, valorização, pois “o trabalho integra”, o “trabalho socializa”, e o “trabalho redime”; conceitos estes que estão enraizados no pensamento social criando uma sociabilidade que une trabalho e trabalhadores. “O trabalho torna-se um poderoso instrumento de integração social”. (COSTA, 2006, *apud* BEZERRA, 2005, p.133)

A carteira de trabalho, na perspectiva do valor que lhe é atribuído; passa, então, a contribuir para com a construção da identidade do sujeito/ trabalhador.

No tocante à presença dos haitianos no mercado de trabalho brasileiro, é importante salientar que, para os haitianos que conseguiram sair do Haiti e chegaram ao Brasil, a “carteira assinada”; supõe-se, concorre para a melhor maneira de inserção no sistema produtivo, desenvolve autonomia ao trabalhador contrapondo-se ao assistencialismo público, pois promove a autoestima, oferece oportunidades para a auto-realização e oportunidades para o avanço na escala social; por outro lado, a falta de promoção da homogeneização da sociedade e a desvalorização financeira do trabalho a que são submetidos os haitianos pode aumentar a camada populacional marginalizada no país.

Inserir socialmente os milhares de haitianos refugiados exige, além da criação de vagas de trabalho, a adequação dessas vagas à condição de cada trabalhador, alojamentos e promoção da cidadania e não a mera massificação dos mesmos no trabalho braçal, como tem ocorrido.

CAPÍTULO III

ABORDAGENS METODOLÓGICAS, TIPOS DE PESQUISA, MATERIAIS E PROCEDIMENTOS.

Este capítulo tem como objetivo caracterizar a pesquisa realizada, indicando a trajetória metodológica percorrida até a sua finalização. Será apresentado o tipo de pesquisa escolhido para atingir os objetivos de investigação propostos, as características da amostra dos sujeitos em termos de quantidade, perfil e critérios de inclusão e também os materiais e procedimentos utilizados a fim de possibilitar uma melhor visualização das etapas empenhadas ao longo do processo.

3.1 Abordagem Metodológica

A pesquisa pode ser considerada como um “[...] processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”. (GIL, 1999, p. 42). Ela é, pois,

[...] atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados. (MINAYO, 1993, p. 23)

Para Demo (1996, p. 34), a pesquisa se insere no cotidiano, uma atitude, um “[...] questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático”. Para realizar esta intervenção a que se refere Demo, é necessário que haja um método. Os métodos referem-se a o que fazer.

Muitos pensadores do passado manifestaram a aspiração de definir um método universal aplicável a todos os ramos do conhecimento. Hoje, porém, os cientistas e os filósofos da ciência preferem falar numa diversidade de métodos, que são

determinados pelo tipo de objeto a investigar e pela classe de proposições a descobrir. (GIL, 2008, p. 08)

Como sublinha Gil, há variados tipos de métodos, mas para a realização desta pesquisa, optou-se pelo método fenomenológico, que

[...] propõe-se a estabelecer uma base segura, liberta de proposições, para todas as ciências. [...] Nas pesquisas realizadas sob o enfoque fenomenológico, o pesquisador preocupa-se em mostrar e esclarecer o que é dado. [...] O objeto de conhecimento para a Fenomenologia não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito. O intento da fenomenologia é, pois, o de proporcionar uma descrição direta da experiência tal como ela é [...] A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definições e conceitos [...] Assim, a pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado. As técnicas de pesquisa mais utilizadas são, portanto, de natureza qualitativa, não estruturada. (GIL, 2008, p.14)

A Metodologia é compreendida como a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser analisadas no processo de investigação de informações de uma pesquisa, visando encaminhar a resultados que levem a execução de problemas. Ela é construída ao longo da pesquisa através do agrupamento dos dados obtidos e da elaboração de instrumentos aplicados nas várias etapas que vão desde a adequação do problema à sua conclusão.

Como enunciado, o nosso problema de investigação é perceber como tem sido a inserção migratória de sujeitos haitianos, em termos de expectativas e experiências no município de Porto Velho- RO. Para isso buscamos saber quem são esses sujeitos, que fatores os levaram a sair do Haiti; quais eram suas expectativas em relação ao Brasil e como tem sido a experiência atual da migração por eles empreendida.

Nesse sentido, nos valem da história oral como metodologia de apreensão e registro de narrativas, pois ela nos permite lançar um novo olhar sobre as histórias dos migrantes, que não são isoladas, pois fazem parte de um emaranhado de relatos que se cruzam.

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

A História oral segundo Alberti é,

um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos

sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1989, p. 52).

Para Halbwachs (2004), toda memória é coletiva e, como tal, constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.

A História Oral é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito – assim como a sociologia e a antropologia – a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma. (PORTELLI, 1997, p. 15)

Assim, pretende-se, a partir da análise textual discursiva Moraes (1999), utilizando-se o método de pesquisa da História Oral, desenvolver reflexões acerca de temáticas como mobilidade e relações cotidianas no que se refere aos migrantes haitianos em Porto Velho.

Busca-se em Alberti a justificativa da história oral como opção metodológica para o tema pesquisado.

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos. (ALBERTI, 1989, 04)

Cabe aqui ressaltar que o processo migratório de haitianos para o Brasil é um fenômeno contemporâneo, o que dificulta a coleta de dados senão por este método, pois a bibliografia existente refere-se a outras rotas migratórias servindo de base apenas para comparações com esta nova rota empreendida que é o objeto de nosso estudo.

3.2 Tipo de Pesquisa

a) Quanto à abordagem

Segundo Gil (2002), no que se refere à abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa. Os dados foram coletados e analisados considerando a relação dinâmica entre o mundo objetivo e a subjetividade dos sujeitos, interpretando seus fenômenos e a eles dando significados.

A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados são básicos no processo qualitativo. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (SILVA; MENEZES, 2001. p. 20)

b) Quanto aos objetivos

Em relação aos seus objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória, pois buscou, a partir de entrevistas e fontes documentais, compreender o fenômeno migratório de sujeitos haitianos no Brasil após 2010. Segundo Gil, este tipo de pesquisa,

[...] visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso. (GIL, 1991 *apud* SILVA; MENEZES 2001. p. 21)

c) Quanto aos procedimentos e técnicas

No que diz respeito aos procedimentos e técnicas de trabalho utilizadas, a pesquisa é, segundo Gil (2001), considerada bibliográfica, pois foi elaborada a partir de material já publicado como, livros e artigos científicos; documental, pois se valeu de entrevistas e material de internet e mídias locais e de campo e envolveu a interrogação direta de pessoas envolvidas no fenômeno a ser conhecido.

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...]. (GONSALVES, 2001, p. 67)

Como principais fontes para a coleta de informações, utilizamos dados da Polícia Federal, do CONARE, dos Ministérios da Justiça e do Trabalho, estudos feitos por pesquisadores da UFAM no Amazonas, da PUC-MG, da UNIR- Universidade Federal de Rondônia e da UNILA- Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Cascavel-PR, mídias locais e depoimentos dos próprios sujeitos envolvidos.

As técnicas se referem ao como fazer a pesquisa. A entrevista, conforme a visão de Pádua (1997):

[...] é um procedimento mais usual no trabalho de campo. Por meio dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeito-objetos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. (PÁDUA, 1997, p. 64-65):

Bardin (1997) define a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42)

Assim, definimos como técnicas a serem utilizadas na execução desta pesquisa, a aplicação de entrevistas semiestruturadas e a análise de conteúdo.

3.3 Amostra dos sujeitos

Por população entende-se o universo a ser pesquisado, sendo a amostra, parte desse universo e o sujeito, aquele que será entrevistado.

Assim, dentro do universo de migrantes haitianos residentes no Brasil, nossa amostra se compõe de 05 (cinco) sujeitos moradores do município de Porto Velho.

A seleção dos sujeitos inseridos na pesquisa foi feita a partir de alguns critérios previamente estabelecidos. Tais critérios foram: ser haitiano, imigrante, morar em Rondônia, de preferência em Porto e apresentar disponibilidade para a entrevista.

A fim de ser resguardada a privacidade, os sujeitos serão identificados por letras e números (S1, S2, S3...).

3.4 Materiais e Procedimentos

A coleta de dados foi feita a partir de dados oficiais dos Ministérios da Justiça e do Trabalho, do CONARE e da Política Federal, além de universidades no Estado de Rondônia, Amazonas, Minas Gerais e Paraná; que foram coletados a partir das mídias ou de estudos em

forma de artigos e dissertações. Juntamente com o levantamento bibliográfico esta etapa ocorreu ao longo de toda a pesquisa e envolveu depoimentos e estudos sobre sujeitos de outras localidades do país.

Os dados referentes aos migrantes de Rondônia foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas que foram realizadas após o convite e o aceite dos entrevistados, em locais reservados para que não houvesse interrupções. Foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em anexo) em duas vias, para serem assinados pelos sujeitos da pesquisa, sendo uma via do participante da pesquisa e outra do pesquisador.

A entrevista foi gravada em áudio e transcrita posteriormente para o formato word. Os dados coletados foram analisados qualitativamente através da Análise de Conteúdo, que segundo MORAES, (1999, p. 9), é uma forma de análise que “[...] conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum”.

Nesse sentido, foi aplicada a entrevista semiestruturada, tendo como norteadoras as seguintes questões:

- 1- Seu nome? Qual a sua idade? Você estudou até que série? Seu estado civil? A sua profissão?
- 2- Quais os motivos que te trouxeram pro Brasil? Por que você saiu do Haiti?
- 3- Por que você veio para o Brasil e não pra outro país?
- 4- Quais as dificuldades que você tem encontrado de viver aqui?
- 5- E o que é positivo/bom aqui?
- 6- Que documento você recebeu quando chegou aqui?
- 7- Você já tinha alguém conhecido aqui?
- 8- Em relação a sua expectativa, como está sendo viver aqui no Brasil?

As questões foram lidas pela pesquisadora e os voluntários iam respondendo de acordo com a ordem, de forma que os participantes ficaram à vontade para responderem, não tendo nenhuma interferência externa.

Posteriormente, reunidos os dados e materiais colhidos em campo, passou-se ao processo de análise, comparando a realidade encontrada com as teorias descritas na literatura utilizada como fonte, o que se pretende conseguir no capítulo a seguir.

CAPÍTULO IV

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, foi entrevistado um total de cinco (05) sujeitos, sendo de ambos os sexos, com idade entre 30 e 38 anos. Todos são imigrantes haitianos, residem no Estado de Rondônia e se dispuseram a participar da pesquisa.

Respeitando o sigilo aos participantes a fim de preservá-los, eles foram identificados conforme tabela abaixo:

TABELA 01 – Perfil dos Sujeitos

Sujeito	Categorias					
	Sexo	Idade	Religião	Escolaridade	Profissão	Cidade que reside
S1	(F)	30	Evangélica	E. Médio	Faxineira	PVH
S2	(F)	32	Evangélica	Não Estudou	Faxineira	PVH
S3	(F)	32	Batista	Estudou- não informou a série	Cozinheira	PVH
S4	(M)	38	Católico	E. Médio incompleto	Desempregado	PVH
S5	(M)	28	Católico	Superior Incompleto	Auxiliar de Almojarifado	PVH

Fonte: Pesquisa realizada entre julho e novembro de 2014.

Os dados foram coletados no Município de Porto Velho, entre os meses de julho e novembro de 2014. Foi apresentado aos sujeitos participantes o objetivo da pesquisa e perguntado se aceitavam contribuir. Em seguida, foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que depois de lido e concordado pelos voluntários, foi assinado, dando então, início a entrevista.

A partir da leitura das questões, os voluntários iam respondendo na ordem em que eram feitas, sem interferências. As respostas foram gravadas em áudio, posteriormente transcritas no *word* de acordo com a metodologia proposta. Para resguardar a identidade dos sujeitos, os participantes foram nomeados de S1 a S5, seguido do sexo. A partir do problema já enunciado e dos objetivos da pesquisa, apresentaremos abaixo os dados coletados e classificados de acordo com as seguintes categorias e subcategorias:

4.1 Motivos da migração

Os imigrantes foram indagados sobre os motivos que os levaram a sair do Haiti. Após os relatos serem realizados, os depoimentos serão expostos e posteriormente analisados.

A questão que norteou os depoimentos que elucidarão esta categoria foi a tentativa de identificar a causa da saída do país de origem (Haiti).

TABELA 02 – Causa da Saída do País de Origem.

<i>Pergunta: O que te levou a sair do Haiti?</i>	
Sujeito	Respostas
S1 - (F, 30)	“Aqui no Brasil, é melhor que o Haiti, porque lá no Haiti tem família, muita família, depois tem problema, tenho onze filhos, e aí depois muitos não podem ajudar, pra trabalhar, ajudar lá, pra mandar dinheiro, vem aqui para ajudar o outro, porque você sabe coisas, terremoto, são muitas coisas entende?” (sic)
S2 - (F, 32)	“O problema, o terremoto. Lá tem muito das pessoas morrerem, agora eu vendo prima, primo morrer, aí eu vim pra cá que é melhor mesmo.” (sic)
S3 - (F, 32)	Eu não tinha mais capacidade de trabalhar mais lá. Era difícil, lá eu não tinha trabalho e aqui eu trabalho.” (sic)
S4 - (M, 38)	“Eu sai pelo problema do terremoto que acabou lá, muita gente morreu, perdi mãe e pai e mais 5 irmãos, caiu em cima de casa e perdeu tudo, e lá tem muita gente e pouco serviço e paguei uma passagem e vim buscar serviço no Brasil pra ajudar os filhos a pagar escola. E o Brasil nos ajuda, por que a gente trabalha, consegue serviço e tem gente boa que nos ajuda.” (sic)
S5 - (M, 28)	“É muita coisa, mas eu vou explicar um pouco. Quando eu era pequeno eu estava estudando lá e a vida estava sendo muito difícil e depois do terremoto que passou lá no Haiti a vida ficou ainda mais difícil de se viver, e eu lembro de um amigo meu que veio pro Brasil, mas antes do terremoto, e ele me falou que do jeito que o Haiti está agora é muito difícil de se viver e me perguntou se tinha como eu vir pro Brasil pra melhorar a minha vida.” (sic)

Fonte: Pesquisa realizada entre julho e novembro de 2014.

Podemos perceber o motivo econômico, ou seja, a busca por trabalho e condições de sustento familiar, tanto aqui no Brasil quanto através do envio de dinheiro para os familiares que ficaram lá, no Haiti; como o motivo central na fala da maioria dos entrevistados.

O terremoto também se mostra um motivo propulsor da saída do Haiti. Ele aparece nas falas dos sujeitos 1, 2, 4 e 5, o que confirmam a grande onda migratória iniciada em 2010, ano em que o abalo sísmico ocorreu.

Assim, dentre os motivos que justificam a saída do Haiti, os de ordem econômica prevalecem. As condições precárias de vida que já existiam no Haiti, pioraram após o terremoto. Os dois fatores se correlacionam. A miséria, historicamente instituída no país, agravada pela catástrofe natural, fazem com que milhares de haitianos se sujeitem às precárias e perigosas condições de viagem por que passam e às péssimas condições de alojamento que enfrentam quando chegam ao seu local de destino.

Dessa forma verificamos que há um encaixe entre os motivos narrados pelos imigrantes e as teorias que justificam o processo migratório. Nas falas fica clara a visão dos neoclássicos, a de que os imigrantes calculam o custo e o benefício da empreitada para decidir fazê-la, (HARRIS & TODARO, 1970). Ao avaliar a condição em que vivem e imaginar que indo para outro país essa condição possa melhorar, assim o fazem.

Conforme Ravesntein (1985), em uma de suas “leis”, cita que leis opressivas, dificuldades climáticas, agravamento de impostos são fatores responsáveis pelas migrações, mas que nenhum desses supera “[...] o desejo intrínseco da maioria dos homens de melhorar as suas condições materiais de existência [...]”. (LEE, 1969 *apud* TRINDADE, 1995. p. 74-75).

Tendo em vista as condições sub-humanas enfrentadas no Haiti, onde além da destruição, do desemprego, da falta de saneamento, a miséria e a falta de comida assombram a maioria da população. Adultos e crianças para não morrerem de fome, se alimentam de biscoitos feitos de terra, água, sal e manteiga, uma mistura sólida, ressecada e quebradiça, que são oferecidos no intuito de saciar a fome e preservar a vida no Haiti. Defende-se, assim, que os fatores econômicos desencadeiam o processo migratório deste povo.

4.2 Decisão pelo Brasil

Esta categoria pretende elucidar os motivos que levaram os imigrantes a escolherem o Brasil para se estabelecerem. O questionamento que a norteou foi: “Por que você escolheu o Brasil e não outro país?”; complementando a questão foi perguntado: “Você já tinha alguém conhecido aqui?”; ao que responderam:

TABELA 03 – Motivo da Escolha do Brasil como Destino.

Perguntas: Por que você escolheu o Brasil e não outro país? Você já tinha alguém conhecido aqui?	
Sujeito	Respostas
S1 - (F, 30)	“Porque muitas pessoas vêm primeiro, e aí uma pessoa disse que “o dinheiro não acaba porque outra cidade precisa de residência, mandar avisar porque aqui no Brasil não demora muito, e é mais barato” (sic);
S2 - (F, 32)	“Porque aqui é melhor pra mim, porque tenho muito mais de dinheiro pra viajar pra outro país.” (sic) (Você já tinha alguém conhecido aqui?) – “Já.” (sic) (Quem que já tinha vindo? Amigo ou parente?) – “Irmão que é Haitiano também, que me ajuda a vender o terreno também quando vem pra cá.” (sic)
S3 - (F, 32)	“Por que eu não gosto de outro país, eu gosto muito do Brasil e outro país não funciona muito bem.” (sic); (Você já conhecia alguém aqui ou você veio sozinha?) – “Eu tenho marido e filha aqui.” (sic)
S4 - (M, 38)	“Por que gostei do Brasil e vim em busca do trabalho pra depois trazer filhos.” (sic) (Você já conhecia alguém aqui?) – “Amigo.” (sic);
S5 - (M, 28)	“Desde criança eu gosto muito do Brasil e do futebol, e não conheço muito do brasileiro, pois a televisão lá não transmite nada do Brasil, e por causa do meu amigo também, e foi por isso que eu vim pra cá.” (sic);

Fonte: Pesquisa realizada entre julho e novembro de 2014.

Dentre os motivos que levaram à escolha do Brasil para se fixarem, fica claro primeiramente a maior facilidade de entrar pelas fronteiras do país, além de ser mais barato do que ir para outro lugar. O Brasil possui aproximadamente 17.000 km de fronteiras entre 10 países como pode ser observado na figura abaixo.

FIGURA 13: Mapa Representativo das Fronteiras Terrestres do Brasil.



Fonte: <http://www.revista100fronteiras.com.br/tag/fronteiras-do-brasil/>

Atravessá-las é algo fácil para diversos imigrantes, pois na maioria delas quase não há fiscalização, o que se justifica pela falta de efetivo tanto da Receita quanto da Polícia Federal e de condições materiais para fazê-la. Caminhando a passos largos, a Estratégia Nacional de Defesa, prevê uma capacidade de controle de todo o espaço aéreo, marítimo e terrestre, até 2030. Um dos projetos é o SISFRON (Sistema de Monitoramento de Fronteiras), que pretende vigiar com radares e sensores todo o espaço fronteiriço. Porém, enquanto isso não ocorre, milhares de imigrantes e traficantes atravessam nossas fronteiras livremente; fato que condiz com a fala dos sujeitos entrevistados que alegam a maior facilidade de entrada no Brasil do que em outros países.

Outra questão relevante é o fato de já conhecerem alguém que veio ou que falou sobre as facilidades de estar aqui, caracterizando as chamadas redes migratórias, que podem ser definidas como “[...] complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade”. (MASSEY, 1988, p. 396).

O fato de ficar mais barato viajar para o Brasil do que para outro país, evidente na fala do sujeito 2, também se mostra um fator relevante na decisão de escolha pelo Brasil, que também apresenta a característica de não realizar a deportação tão temida pela maioria dos imigrantes.

A relação dos haitianos com o futebol brasileiro, descrita na fala do sujeito 5, somadas à repercussão sobre a Copa do Mundo em nível mundial, também parecem influenciar a

decisão dos imigrantes. A perspectiva de trabalho condiz com as novas movimentações implementadas a fim de realizar o evento, como a construção de estádios ou a reforma dos já existentes.

4.3 Inserção

Mais importante que receber os imigrantes que adentram o país, é inseri-los socialmente. As questões que norteiam a verificação de como isso ocorre com os imigrantes haitianos em Porto Velho são:

4.3.1 Quais são os aspectos positivos de se viver no Brasil

TABELA 04 – Aspectos Positivos para se Viver no Brasil.

<i>Pergunta: Quais são os aspectos positivos para se viver no Brasil?</i>	
Sujeito	Respostas
S1 - (F, 30)	“Tudo é coisa boa pra mim, porque trabalhar, se não trabalhar, as coisas não ficam boas. Depois de trabalhar, ajudar família, pagar casa e energia e água, tudo fica bom pra mim. Depois sentar, pra pensar e ficar mal, porque todas as coisas estão melhores pra mim, graças a Deus.” (sic)
S2 - (F, 32)	“Quando eu cheguei aqui tinha muitos brasileiros ajudando, tem muito Haitiano também. Aqui é bom.” (sic)
S3 - (F, 32)	“É muito bom. Eu trabalho, ganho dinheiro, busco dinheiro pra família. Eu não tenho casa no Haiti e agora aqui no Brasil eu vou fazer a minha.” (sic)
S4 - (M, 38)	“E o Brasil tá muito bom para nós haitianos, e só Deus que abriu portas pra nós virmos pro Brasil, por que nosso Haiti tá com muito sofrimento e estávamos vivendo pouco lá, e aqui também está bem mais tranquilo.” (sic)
S5 - (M, 28)	“É melhor aqui por que tem muito emprego, por que o pessoal precisa de emprego pra viver, e se eu tiver mais capacidade eu posso trazer meu pai, minha mãe, e tenho um irmão aqui no Brasil e agora ele esta lá em Curitiba, e foi eu quem o trouxe pra cá e o Brasil nos da muita oportunidade pro Haitiano, por isso eu gosto muito do Brasil. Eu gosto muito da minha filha, muito mesmo. Nasceu aqui. E eu tenho que dar os parabéns ao povo do Brasil, por que eles receberam os Haitianos muito bem e o Haiti está muito longe daqui e os brasileiros são pessoas muito boas. Mas tem uma coisa, quando o pessoal quer viajar, a passagem é muito caro ainda, mais pra frente eu penso que vai melhorar um pouco, mas eu tenho outras coisas pra viver, como alegria e estou muito feliz com os brasileiros e não tenho palavras pra explicar como eu estou tão

	feliz.” (sic)
--	---------------

Fonte: Pesquisa realizada entre julho e novembro de 2014.

4.3.2 Quais são os aspectos negativos de se viver no Brasil

TABELA 05 – Aspectos Negativos de se Viver no Brasil.

<i>Pergunta: Quais são os aspectos negativos de se viver no Brasil?</i>	
Sujeito	Respostas
S1 - (F, 30)	“Tem oito meses que fiquei sem trabalhar, todo dia era chorando, de dia, de tarde, agora tá melhor pra mim. (...) Pro homem fica melhor, porque ser homem trabalha mais que mulher e aí ganha mais. (...) Eu tenho problema com residência porque tenho dois anos aqui e demora muito pra fazer residência. Pessoa veio e pegou tudo da residência, e fica demorando, demorando e não tenho residência, só isso. (sic)
S2 - (F, 32)	“Eu tenho problema pra filho e filha e eu quero trazer o governo pra cá. (...) Tá muito longe de filho e pra comprar a passagem muito caro, é 4 mil reais e é muito longe e a filha logo vem pra cá e vai ficar pra trabalhar e guardar dinheiro por que ir pra lá é muito longe, e se eu tenho mais dinheiro eu ajudo a filha pra vir pra cá e vai ficar bem melhor pra mim. (...) Só não alugar casa, não ajudar a família no Haiti, trabalhar muito e receber pouco, e não dá pra alugar casa, pagar conta de luz e água, aí sobra muito pouco pra família do Haiti.” (sic)
S3 - (F, 32)	“Não tenho problema”. (sic)
S4 - (M, 38)	“Aqui tem muito sofrimento, por que sofre um acidente, fica mal, aí volta pro Haiti e é por isso que eu não consigo muito benefício, e não trago filho por que está difícil pra nós e não temos dinheiro e o Brasil nos da pouco dinheiro pra trazer os filhos. (...) Tô sem trabalho” (sic)
S5 - (M, 28)	“O problema é que a língua é mais difícil pra nós, e quando eu cheguei no Acre eu não entendia nada, e agora eu aprendi e consigo falar um pouco, mas pra viver não se tem nenhum problema de dificuldade.” (sic)

Fonte: Pesquisa realizada entre julho e novembro de 2014.

Entre os pontos positivos, destacados pela maioria dos haitianos, podemos perceber a maior facilidade de encontrar emprego e a possibilidade de obter ganhos maiores em relação aos ganhos no Haiti. Paulo Sergio de Almeida, presidente do CNIg, destacando a crescente onda migratória haitiana; ressalta que somente no primeiro semestre de 2014 foram emitidas 14.669 Carteiras de Trabalho a trabalhadores de três nacionalidades (Haiti: 11.897, Senegal: 2.071 e Gana: 701), e que estes trabalhadores vêm ao Brasil “tão somente com a expectativa

de trabalhar”, sendo absorvidos no mercado de trabalho principalmente nas regiões Sul e Sudeste do Brasil.

Na abordagem econômica, a perspectiva neoclássica enfatiza que a migração internacional em busca por trabalho se dá devido às diferenças salariais entre os países. O migrante calculando o custo e o benefício da migração opta ou não por ela. No caso dos haitianos, essa perspectiva embasa a decisão de migrar, mesmo sendo conhecedores dos problemas que poderão enfrentar.

Entre os problemas enfrentados, ou pontos negativos, destacam-se a distância dos familiares que ficaram no Haiti, o pequeno ganho salarial, que, apesar de estarem empregados, dificulta, por exemplo, o envio de dinheiro para o país de origem, tanto para a subsistência dos que lá ficaram como para que eles possam também deslocar-se para o Brasil.

Portanto, muitos são os problemas enfrentados pelos imigrantes; a falta de infraestrutura nos serviços públicos de saúde, a falta de assistência jurídica, o que dificulta a tramitação de documentos, ausência de uma legislação atualizada, dificuldade de comprovar a escolaridade, atendimento lento e burocrático nas repartições. Isto nos demonstra que ainda há muito a avançar no Brasil no que se refere à temática da imigração.

A dificuldade da língua, mesmo com programas de estudos desenvolvidos, no caso dos haitianos em Porto Velho pela UNIR, ainda é um entrave que acaba dificultando o processo de adaptação do imigrante, pois, além da comunicação nos órgãos públicos, no trabalho ela também é dificultada.

Um exemplo é a falta de entendimento por parte dos trabalhadores imigrantes, em relação aos descontos feitos em folha de pagamento. Não entendem os cálculos realizados e, acreditando que estão sendo lesados, acabam se decepcionando com o valor recebido, muito aquém do esperado.

A busca pela moradia é outro desafio, pois o salário é baixo, não sendo suficiente para bancar o aluguel, o que os faz viver em casas compartilhadas por duas ou mais famílias ou em quartos alugados em quintais coletivos.

FIGURA 14: Alojamentos de Imigrantes Haitianos no Brasil.



FONTE: Dados da Pesquisa-Residências de haitianos em Porto Velho-RO.

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar de residência, das trocas materiais e do exercício da vida. (SANTOS. 2006, p. 140)

A inserção desse grupo de imigrantes na sociedade não se faz de maneira fácil, muitos são os entraves que dificultam este processo. A inexistência de políticas públicas que visem o acolhimento desse trabalhador no mercado de trabalho, a falta de uma maior articulação entre os diversos órgãos públicos pelos quais passam esses imigrantes, a falta de diálogo entre governo e sociedade civil, fazem com que o processo de adaptação seja penoso. As portas do país foram abertas aos haitianos, mas falta um maior controle e melhores condições para que se possa atender a essa demanda. O imigrante ao chegar, enfrenta tantos ou mais obstáculos quanto os enfrentados em seu país de origem ou durante o trajeto que realizaram. Na maioria das vezes não desenvolve o sentimento de pertencimento ao lugar no qual vivem. O sentimento que melhor se encaixaria para esse grupo de migrantes, especificamente os haitianos, é o de provisoriedade.

Afinal, o que é um imigrante? Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, neste caso, quase um pleonasma), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração) como imigrante, continua sendo tratado como um trabalhador definido e provisório, ou seja, revogável a qualquer momento (SAYAD, 1998, p. 54).

Até mesmo juridicamente o imigrante é visto como “provisório”, pois recebe um visto temporário ao adentrar o país. Provisoriamente, instala-se numa determinada cidade, mas que na perspectiva de algo melhor, muda para outra, muda de casa, emprego, enfim, de forma incerta, vai trilhando sua trajetória na busca pela integração através do trabalho.

Outro ponto a se considerar no processo migratório dos haitianos é a questão da mulher imigrante.

[...] as mulheres monolíngues (falantes apenas do Kreyòl) e sem qualquer tipo de acesso à educação formal constituem o grupo de maior vulnerabilidade social, pois embora os homens também compartilhem do mesmo grau de desamparo social, eles conseguem migrar em um percentual significativamente maior do que as mulheres, seja para a República Dominicana, para o trabalho no plantio e colheita de cana-de-açúcar ou para a construção civil, ocupações marcadamente masculinas, seja para os Estados Unidos ou Canadá porque gozam de uma rede de solidariedade muito mais consolidada nos países de destino, ao passo que as mulheres haitianas encontram muito mais dificuldade no processo migratório, pois não encontram o mesmo suporte que seus compatriotas. Isto ocorre devido à fragilidade nas redes de cooperação femininas de incentivo à imigração, na baixa exposição das mulheres à vida pública, obrigando-as à dedicação quase que exclusiva à reprodução familiar, limitando as chances de sobrevivência social fora do lar e do seu próprio país (ROSA, 2006, p. 22).

Nota-se que as mulheres migram em menor quantidade que os homens, mesmo com todos os obstáculos que enfrentam desde o trajeto, até sua chegada ao Brasil, ainda acabam por enfrentar outros problemas, por sua condição de mulher. Muitas vezes ganham menos que os homens, mesmo desempenhando as mesmas funções.

A Ir. Ires de Costa, da Pastoral do Migrante de Porto Velho/RO, a respeito do trabalho que desempenha, relata:

Eu estou dando uma atenção especial às mulheres, porque as mulheres não vão, normalmente para o curso que acontece a noite, o curso de português né, na escola XXI de Abril. Aí, uma vez por semana eu reúno as mulheres para ensinar a fazer coisas bem práticas, ensino o português e também é um momento de encontrar, delas se encontrarem, conversamos, comemos alguma coisa juntas, e isso porque elas ficam muito fechadas dentro de casa né. Aqueles que estão chegando, que ainda não falam bem o português, então elas não saem muito, e é uma forma de fazer elas saírem e virem lá e a gente ficar junto (...). (sic) (Entrevista concedida durante a pesquisa)

Sendo indagada sobre as maiores dificuldades que os imigrantes enfrentam, de forma geral, a irmã respondeu:

Dificuldade é o trabalho, até que eles encontram, mas no início às vezes demora um pouquinho, e as mulheres tem mais dificuldade ainda pra encontrar trabalho. Mesmo porque aquelas que tem criança, tem filho pequeno não tem tempo, não se consegue creche. É muito difícil porque pagar eles não podem e teria que ser essas do

município que estão sempre cheias, então elas tem que ficar com a criança. Tem muitas que assim mesmo vão fazer algumas horas de trabalho e deixa a criança com uma amiga ou qualquer coisa e vão trabalhar. (sic)

Ainda segundo a Irmã, os salários são baixos e não dão para pagar as despesas que têm no Brasil e ainda enviarem aos parentes que ficaram no Haiti.

Realmente ganham pouco porque não é fácil pagar o aluguel, já é caro um quartinho, quatrocentos reais, e ainda paga luz. Tem que mandar quem ganha um salário mínimo, paga o aluguel, comer, e o que sobra pra mandar pra família né? (...) A família tá lá, os filhos, e é caro, tem que pagar o estudo, tem que mandar dinheiro pra comida, tem e às vezes o dinheiro não dá né, então eles vivem com uma certa angústia né, longe dos filhos, então eles sentem muita saudade, as vezes chora porque pensa “ah meu filho tá lá”, e quando telefona perguntam “ah mãe, por que você não vem?” Então a gente pode imaginar né o sofrimento também deles, ficar longe da família, fora da pátria, não saber ainda falar e se comunicar bem né. Então nós tentamos ver o que, dentro das nossas possibilidades, o que a gente dá pra amenizar um pouco os sofrimentos, as informações né, a questão da saúde, saber que eles têm que fazer a carteirinha do SUS, e quando precisa de advogado, quando tem muitos casos que são injustiçados no trabalho. Então nós temos uma equipe da pastoral dos migrantes com advogado que assume esses casos né, e trabalha pra nós e, então temos diversos casos que já entrou na justiça, e assim, a gente faz aquilo que é possível fazer. (sic)

Assim, pensar o imigrante, segundo MARTINS, (2003, p. 145), é pensar não apenas em quem migra, mas no “[...] conjunto da unidade social de referência do migrante que se desloca”. Pois, mesmo sendo somente uma parte da família que migra, “[...] todos padecem as consequências da migração, embora não sejam estatisticamente migrantes. Todos vivem cotidianamente o sonho do reencontro”.

A afirmação de que a imigração constitui, no século XXI, a principal fronteira dos direitos humanos convida à reflexão e sugere duas ideias: a primeira, de que a imigração está pondo à prova a capacidade do mundo de universalizar os direitos humanos; a segunda, de que a imigração está desvelando a face dupla com que atuam os países centrais, generosos quando se trata de plasmar declarações internacionais de direitos humanos, mesquinhos na hora de fazer efetivos esses mesmos direitos dentro dos seus próprios territórios. Com pouquíssimas exceções, as políticas de imigração dos países centrais estão sendo construídas de cima para baixo e tendem a funcionar como políticas repressivas e excludentes, com práticas que priorizam o controle de fronteiras sobre a integração dos imigrantes. Assim, nesses países, conquanto desfrute de certa proteção social, o estrangeiro legalmente admitido costuma ser acolhido com os braços fechados, o que resulta em uma integração incompleta e de má qualidade. (SCHWARZ, 2009. p. 181)

Para a irmã Rosita Milesi, diretora do Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH); o fenômeno da imigração perpassando a ordem política e econômica mundial, interpela as autoridades e também a Igreja a “[...] escutar a voz dos excluídos da sociedade e a

reconhecer a toda pessoa uma “cidadania universal” pelo simples e fundamental fato de ser membro da família humana, partícipe da sociedade mundial”.

Para ela tem o direito de “ocupar um espaço digno e poder contribuir com sua presença e trabalho pelo bem comum”.

A COMIGRAR (Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio), realizada pelo Ministério da Justiça, conta com um grupo de especialistas e é composta por etapas municipais, estaduais e uma nacional, onde representantes eleitos nas duas primeiras instâncias, que participaram de debates sobre temáticas relacionadas ao imigrante, priorizam propostas que são encaminhadas para a etapa nacional. O objetivo maior é que, através das discussões possam ser elaboradas propostas que sejam encaminhadas e aprovadas na forma de projeto de lei, pelo Congresso Nacional. Entre os temas discutidos estão o acesso aos direitos fundamentais, de igualdade e respeito às diferenças; revisão da legislação atual com vistas à sua alteração para que seja criado um mecanismo permanente de solução humanitária que garanta a assistência jurídica, social e psicológica ao imigrante.

Além dessa iniciativa governamental, grupos de imigrantes vêm se organizando em busca de propostas mais efetivas em relação à política migratória. Em Navegantes, município de Santa Catarina, criou-se a Associação dos Haitianos de Navegantes (ASHAN), cujo principal objetivo é dar assistência jurídica e social aos cerca de 700 haitianos que vivem na cidade. O professor da rede estadual e municipal João Edson Fagundes é o diretor-executivo da entidade e o único brasileiro engajado no projeto, que leciona a língua portuguesa para a comunidade estrangeira. Da prefeitura, a única iniciativa foi à concessão de uma sala de aula para que as aulas aconteçam. O objetivo da associação é amenizar o problema da comunicação e encaminhar e orientar nas questões relativas ao trabalho.

Haitianos de vários estados estão tendo a iniciativa de unirem-se. A USIH – União Social dos Imigrantes Haitianos foi fundada no dia 01 de fevereiro de 2015 na sede da APEOESP em São Paulo. A entidade é filiada a CSP Conlutas- Central Sindical e Popular e conta com o apoio de várias entidades filiadas a Conlutas, como Movimento Mulheres em Luta (MML), Sindicato dos Trabalhadores da USP (SINTUSP), Assembleia Nacional de Estudantes Livre (ANEL). O presidente Fedor Bacoua conduziu o evento que contou com a presença de membros da Associação dos Haitianos de Itajaí-SC, disse na abertura:

Reunimos os haitianos para organizar a nossa luta para resolver problemas de trabalho, discriminação, a falta de documentos (...). Acima de tudo, é um enorme orgulho saber que estas vozes vão ecoar em nossas reuniões, congressos e mobilizações. Isso só faz reforçar a certeza de que, um dia, iremos calar os capitalistas, afugentar os opressores e racistas, fazendo ecoar um sonoro “basta” a

todos que nos exploram mundo afora. Viva a luta do povo haitiano! Foras às tropas do Haiti! Legalidade e condições dignas de vida para os imigrantes!

FIGURA 15: Centro de Recepção de Imigrantes Haitianos.



Fonte: <http://www.pstu.org.br/node/21269>

Assim, a vulnerabilidade do imigrante requer, por parte da sociedade e das instituições governamentais, proteção e assistência. Por vulnerabilidade entenda-se aqui a condição do imigrante em país estrangeiro e não a pessoa do imigrante em si.

“es el estado o condición de carencia de derechos y de acceso a recursos para su protección lo que aquí se entiende por vulnerabilidad de los migrantes como sujetos de derechos humanos” (BUSTAMANTE, 2002, p.3)

As pessoas que deixam sua pátria, não podem ter seus direitos econômicos, sociais, culturais, políticos e religiosos, violados. Têm o direito à sobrevivência em condições minimamente aceitáveis, devendo ser resguardados de situações extremadamente precárias e sacrificadas. Para isso é necessário que haja o fortalecimento de ações que, articulando poder público e sociedade civil, garantam a cidadania e a integração dos imigrantes, evitando assim a discriminação e garantindo o respeito aos direitos considerados fundamentais a qualquer ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou abordar, numa visão histórica, a trajetória dos imigrantes haitianos e sua inserção no Município de Porto Velho/RO. Considerou-se para a sua elaboração os determinantes historicamente construídos e os atuais que levaram à saída do Haiti e promoveram o estabelecimento desses sujeitos no Brasil.

A incessante onda migratória que se estabeleceu em Porto Velho/RO, pode ser remontada a partir de um processo histórico apontando a migração como decorrente de um rito econômico, político e social estabelecido, principalmente em países como o Haiti, que apresenta um quadro de exploração e miséria, instituído ao longo de sua formação, o qual foi agravado pelo terremoto ocorrido em 2010.

Para os neoclássicos, o migrante calcula o custo e o benefício da experiência migratória e é isso que influencia e determina a sua decisão. No caso dos haitianos; foi possível perceber que consideram maiores os benefícios, apesar das condições de chegada e de fixação no Brasil, tendo em vista as condições precárias que enfrentam em seu país.

Observou-se que o fenômeno migratório haitiano está correlacionado aos fatores econômicos que, segundo RAVEINSTEIN (1985), ainda são a principal causa desencadeadora do processo.

Dessa forma, o trabalho buscou a discussão em torno de uma revisão sobre algumas abordagens teóricas a fim de compreender os fatores determinantes da imigração haitiana, relembando os principais fluxos migratórios ocorridos ao longo da história de nosso país, suas causas e consequências, na tentativa de comparar estes fluxos em termos de motivos de atração ao Brasil.

Ademais, buscamos caracterizar a imigração haitiana, com a retomada de aspectos econômicos e políticos do Haiti, a fim de compreender os fatores que contribuíram para o estabelecimento das precárias condições existentes no país, o que nos leva a crer, foi um dos fatores causadores da saída dos haitianos de seu país de origem.

Os relatos colhidos através de materiais de diferentes mídias juntamente com os dados oficiais, foram fundamentais para se verificar as condições de viagem desses imigrantes, sua acolhida em território brasileiro e sua distribuição espacial e inserção após a chegada ao Brasil. Percebeu-se que esses relatos não se diferem dos relatos dos sujeitos entrevistados. Ambos caracterizam as péssimas condições de vida no Haiti, as precárias condições de

viagem até o Brasil e a exploração em relação às atividades desenvolvidas e aos baixos salários recebidos, o que dificulta também as condições de permanência no Brasil.

O desenvolvimento metodológico, aplicado ao longo deste estudo, especifica-se a partir do tipo de pesquisa que foi realizada e as características dos sujeitos em termos de quantidade, perfil e critérios de inclusão, bem como dos materiais e procedimentos utilizados. Assim, nos valem da história oral como metodologia de apreensão e registro de narrativas, pois ela nos permite lançar um novo olhar sobre as histórias dos migrantes, que não são isoladas, pois fazem parte de um emaranhado de relatos que se cruzam. Pretendemos, pois, possibilitar uma melhor visualização das etapas empenhadas ao longo de todo o processo de realização da pesquisa.

As análises das entrevistas, distribuídas por categorias e subcategorias, embasadas pelas abordagens teóricas revisitadas, foram feitas a fim de se identificar elementos que caracterizassem os motivos da migração, a decisão de destino pelo Brasil, aspectos positivos e negativos da escolha da questão da inserção no contexto social.

No âmbito da categoria motivo da migração, ao serem indagados sobre os motivos que os levaram a sair do Haiti; pudemos perceber que a busca por trabalho e condições de sustento familiar, tanto aqui no Brasil quanto através do envio de dinheiro para os familiares que ficaram no Haiti, são os de maior relevância. A miséria, historicamente instituída no país, agravada pela catástrofe natural, justificam o processo migratório. Romper o ciclo de miséria que os cerca, na tentativa de alcançar uma condição de vida mais digna e justa, é o que move milhares de imigrantes a deixarem seu país e se aventurarem em novas terras.

Com relação à decisão pelo país de destino, na decisão pelo Brasil e não por nenhum outro país, inclusive mais próximo geograficamente, pudemos perceber que dois fatores foram levados em consideração. O primeiro é a facilidade que se tem em atravessar os quase 17 km fronteiriços brasileiro, pois quase não há fiscalização, o que se justifica pela falta de efetivo tanto da Receita quanto da Polícia Federal e de condições materiais para fazê-la, o que permite que milhares de imigrantes e traficantes, as atravessem livremente.

Outro fator relevante são as chamadas redes migratórias, que compõem os laços interpessoais, vínculos de parentesco e/ ou conterraneidade MASSEY (1988, p. 396); que ligam esses imigrantes, que, em sua maioria, tem um parente ou conhecido que já vieram ou estão para vir ao Brasil e que ao relatar sua experiência, os incentiva à migração.

Na questão da inserção, subdividida em aspectos positivos e aspectos negativos, temos como positivo a maior facilidade de encontrar emprego e a possibilidade de obter ganhos maiores em relação aos ganhos no Haiti. Em todos os relatos observou-se de forma clara a

constatação de que as condições de vida e trabalho aqui no Brasil, mesmo que ainda precárias, são melhores que no Haiti.

Dentre os aspectos negativos, destacam-se a distância dos familiares que ficaram no Haiti, o pequeno ganho salarial que resulta em péssimas condições de moradia e sobrevivência, a falta de infraestrutura nos serviços públicos de saúde, falta de assistência jurídica que dificulta a tramitação de documentos, dificuldade de comprovar a escolaridade, atendimento lento e burocrático nas repartições; além da dificuldade de comunicação pela língua desconhecida.

É, no entanto, um estado social penoso por que passam estes sujeitos, pois são vítimas do tráfico de pessoas, contrabando, fraudes e violência, possibilitados pela desestrutura social a qual está submetido o seu país.

Com o desenvolvimento da referida pesquisa nos foi possibilitado apresentar, de forma explícita, a problemática em que vivem os nativos advindos do Haiti para regiões brasileiras como Porto Velho- Rondônia advertindo, a população em geral, autoridades e políticos em particular, o caos social a que estão submetidas estas pessoas, o que nos faz crer, urgente, a criação de políticas públicas que versem sobre a viabilização de acesso aos direitos inerentes a qualquer ser humano tais como: emprego, moradia, alimentação, inclusão social, entre outros.

Desta forma, concluímos que há muito a avançar no Brasil no que se refere à temática da imigração, fato que não nos deixa visualizar um esgotamento na abordagem desta questão, pois muitos outros desdobramentos podem ainda se dar face ao fenômeno migratório pelo qual estamos passando.

BIBLIOGRAFIA

ACNUR e IMDH – **Cadernos de Debate “Refúgio, Migrações e Cidadania.** ° 1,2,3 e 4, 2006, 2007, 2008, 2009.

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALLPORT, G. W. ***The nature of prejudice.*** (3ª ed.). Wokingham: Addison-Wesley, 1954.

BANDEIRA DE MELLO, C. A. **O Conteúdo Jurídico do Princípio da Igualdade.** São Paulo: Malheiros, 3ª ed., 14ª tiragem, 2006.

BARDIN, L. (1977). **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal: Edições 70

BEZERRA, Ocicleide de Lima. **Vai Trabalhar, Vagabundo: valores e representações sobre o trabalho.** Natal, RN ,2005.

BRITO, FAUSTO. Brasil, final do século: a transição para um novo padrão migratório. In:

BUSTAMANTE, A. Jorge. La vulnerabilidad de los migrantes internacionales como sujetos de derechos humanos. Revista Inter-forum, n. 107, a. 3, (diz -2002), p. 3. Disponível em: http://www.revistainterforum.com/espanol/pdfes/jorge_5Fbustamante_5Fvulner_5Fesp.pdf

CASTLES, S.; MILLER, M. J. ***The Age of migration — International Population Movements in the Modern World.*** London: Macmillan Press, 1998.

COGO, Denise. **Haitianos no Brasil: comunicação e interação em redes migratórias transnacionais.** Chasqui - Revista Latinoamericana de Comunicación, n. 125, marzo 2014, p. 23-32

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. **Migração e a desigual distribuição espacial do capital humano.** Revista Raízes, Campina Grande, v.21, n.2, 2002.

CUNHA, M. J. C. (Org.). **Migração e identidade: olhares sobre o tema.** São Paulo: Centauro, 2007.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1998.

FERNANDES, D. et all. **Estudos sobre a Migração haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral**. Duval Fernandes, Maria Consolação Castro, Bruna Pimenta, Vanessa Carmo, Tais Xavier e Paula Guedes. Belo Horizonte, 2014.

FERNANDES, Duval M. DINIZ, Alexandre – *Brain drain or brain gain in which direction does the brazilian diáspora go? XXVI IUSSP International Population Conference, Marrakech- 2009*.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Miniaurélio*, 7.^a ed., Curitiba: Positivo, 2008.

FERREIRA, R. H. **Migrações internacionais: Brasil ou Japão. O movimento de inserção do dekassegui no espaço geográfico pelo consumo**. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

FUSCO, W. **Capital cordial: a reciprocidade entre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos**. 2005. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.

GEORGE, P. **Geografia da População**. 2^a ed., São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Maria Ortelinda Barros. **Migrações e Desenvolvimento. Porto: Fronteira do Caos**, 2009

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

GRONDIN, Marcelo. **Haiti: cultura, poder e desenvolvimento**. Brasiliense, 1985

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HENRIQUES, Maria Adelina. **Argumentos para uma viagem sem regresso- A imigração Palop por via da saúde: um estudo de caso**. Lisboa, 2009

JAMES, C.L.R. 2010. **Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos**. São Paulo: Bontempo Editorial.

JANSEN, Clifford J. (1969), *“Some sociological aspects of migration”*, in J.A. Jackson (Ed.), *Migration*, Cambridge, Cambridge University Press, p. 60-73.

KRAWULSKI, E. (1998). **A orientação profissional e o significado do trabalho**. Revista da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais, Florianópolis, LEAL, João- Açores, EUA, Brasil: **Imigração e Etnicidade**. Nova Gráfica, 2007.

MARTES, Ana Cristina Braga. **Gestão multicultural dos deslocamentos populacionais**. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 1, p. 1-2, 2008.

MARTINE, G. **A globalização inacabada — migrações internacionais e pobreza no século XXI**. In: SERVIÇO PASTORAL dos Migrantes. (Org.) *Travessias na desordem global* — Fórum Social das Migrações. São Paulo: Paulinas, 2005.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo. Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis. Vozes, 2003, p. 145.

MASSEY, D.S. *Social Structure household strategies, and the cumulative causation of migration*. *Population Index*, 1990)

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MINCER, J. *Family Migration Decisions*. *The Journal of Political Economy*, v.86, 1978)

MORAES, R. **Análise de conteúdo**. Educação, Porto Alegre, v. 22, n.37, 1999.

MOREIRA, Julia Bertino. **O acolhimento dos refugiados no Brasil: políticas, frentes de atuação e atores envolvidos**. Campinas: NEPO/ UNICAMP, 2007

MOREIRA, M. A. S. P- **Situações de Risco, Trabalho e Saúde de Imigrantes Brasileiros: Representações Sociais**. Doutorado em Ciências da Saúde, Medicina/UFRN), . 2007

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. Campinas, Papyrus, 1997.

PATARRA, N. L. **Migrações Internacionais: Teorias, Políticas e Movimentos Sociais**. Revista Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, v.20, n.57, p.7-24, São Paulo, 2006.

PATARRA, Neide Lopes. **Movimentos Migratórios no Brasil: Tempos e Espaços**. Texto para Discussão nº7 . Escola Nacional de Ciências Estatísticas. Rio de Janeiro; 2003.

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

RISERIO, Antonio. **A utopia brasileira e os movimentos negros**. São Paulo: Ed. 34, 2007.

RODRIGUES, Leôncio Martins. **Industrialização e Atitudes Operárias (Estudo de um grupo de trabalhadores)**. São Paulo: Brasiliense, 1970.

RODRIGUES, N, Raymundo. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010.

ROSA, Renata de Melo. **A construção da desigualdade no Haiti: experiências históricas e situações atuais**. In. Revista Universitas: Relações Internacionais v. 4, n. 2. Brasília: 2006.

SALT, John, "*Contemporary trends in international migration study*", *International Migration*, Vol. 25, (1987)

SASAKI, E.M. e Assis, G.O. **Teorias das migrações internacionais**. XII Nacional da ABEP. Caxambu, 2000.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCARAMAL, Eliesse dos Santos Teixeira. **Haiti: fenomenologia de uma barbárie**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.

SEITENFUS, Ricardo. **Haiti: a soberania dos ditadores**. Porto Alegre: Solivros, 1994.

SEYFERTH, Giralda. **Concessão de terras, dívida colonial e mobilidade**. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 7, 1996^a

SILVA, E.L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Ensino a distância da UFSC, 2001

SINGER, Paul. **Economia Política da Urbanização**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

SPOSITO,E,S e BOMTEMPO, D,C- **Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidades**. Expressão Popular, 2010

STARK, Oded & BLOOM, David E. – *The new economics of labour migration, in American Economic Review*, vol. 75, 1985.

TEIXEIRA, R.S- **Pobres Dignos: Imigrantes Italianos em Conflituosas Relações De Trabalho**. Barbarói, 2009

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TRINDADE, Maria Beatriz Rocha et al, (1995), **Sociologia das migrações**, Lisboa: Universidade Aberta.

ZAMBERLAN, Jurandir. **O Processo Migratório no Brasil e os desafios da mobilidade Humana na globalização**, Porto Alegre, 2004.

ANEXOS

ANEXO A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Roteiro de perguntas:

Seu nome?

Qual a sua idade?

Você estudou até que série?

Seu estado civil?

A sua profissão?

E você faz o que lá?

Quais os motivos que te trouxeram pro Brasil? Por que você saiu do Haiti?

Por que você veio para o Brasil e não pra outro país?

Quais as dificuldades que você tem encontrado de viver aqui?

E o que é positivo/bom aqui?

Que documento você recebeu quando chegou aqui?

Você já tinha alguém conhecido aqui?

Em relação a sua expectativa, como está sendo viver aqui no Brasil?

ANEXO B- TRANSCRIÇÃO INTEGRAL DAS ENTREVISTAS.

SUJEITO 1(M)

Seu nome?

Qual a sua idade? – 30 anos

Você estudou até que série? – Não estudei aqui, lá no Haiti sim, aqui não. – Lá você estudou até que série? – Terceira –

Seu estado civil? Casada ou solteira? – Morando junto – É haitiano? – Sim! –

A sua profissão? No que você trabalha? – Na empresa de - E você faz o que lá? – Faço limpeza. –

Quais os motivos que te trouxeram pro Brasil? Por que você saiu do Haiti?

– Aqui no Brasil, é melhor que o Haiti, porque lá no Haiti tem família, muita família, depois tem problema, tenho onze filhos, e aí depois muitos não podem ajudar, depois saiu aqui pro Brasil pra ajudar o outro lá, pra trabalhar, ajudar lá, depois se mandar, tem um outro mandar aqui, pra mandar dinheiro, vem aqui para ajudar o outro, porque você sabe coisas, terremoto, são muitas coisas entende? Eu tenho irmão que falou pra mim “Vem aqui pro Brasil depois pra trabalhar, pra ajudar outro”. Depois aqui, graças a Deus, trabalhar, ajudar, agora ter um irmão tá doendo muito. –

Por que você veio para o Brasil e não pra outro país? O que fez você pensar em vir para o Brasil? – Porque muitas pessoas vêm primeiro, e aí uma pessoa disse que “o dinheiro não acaba porque outra cidade precisa de residência, mandar avisar porque aqui no Brasil não demora muito, e é mais barato” –

Quais as dificuldades que você tem encontrado de viver aqui? – Dificuldade eu tenho aqui no Brasil, porque depois fico com meu marido, tenho 8 anos com meu marido, sem brigar, assim não fala alto. Outro mês já passou e aí brasileiro pegou marido e tem 4 meses que ela ficou, por isso. Só isso, não tenho mais problema, porque tudo brasileiro e brasileira gostou de haitiano, muito, muito e, onde eu trabalho eu gosto, eu gosto da igreja, eu gosto de tudo. – O seu marido trabalha? Em que? – Sim, em marquise. –

E o que é positivo/bom aqui? – Tudo é coisa boa pra mim, porque trabalhar, se não trabalhar, as coisas não ficam boas. Depois de trabalhar, ajudar família, pagar casa e energia e água, tudo fica bom pra mim. Depois sentar, pra pensar e ficar mal, porque todas as coisas estão melhores pra mim, graças a Deus. –

Depois que você começou a trabalhar tudo melhorou? – Sim. Tem oito meses que fiquei sem trabalhar, todo dia era chorando, de dia, de tarde, agora tá melhor pra mim. –

Ser mulher aqui é mais difícil? – Pro homem fica melhor, porque ser homem trabalha mais que mulher e aí ganha mais. –

Tem mais alguma coisa que gostaria de falar? – Não, eu tenho problema com residência porque tenho dois anos aqui e demora muito pra fazer residência. Pessoa veio e pegou tudo da residência, e fica demorando, demorando e não tenho residência, só isso. – A dificuldade é o documento? – É. – Que documento você recebeu quando chegou aqui? – CPF, carteira de trabalho. – Você trabalha registrada? – Sim.

S2 (M)

Qual o seu nome?

A sua idade? - 32 -

Você estudou? Até que série? - Não. -

Você é casada? Não. - Solteira? - Sim. -

A sua religião? - Evangélica -

E a sua profissão? - Eu só trabalho. - Com o que você trabalha? - No salão. - Salão de beleza? - Sim, fazendo faxina. -

O que te levou a sair do Haiti? O problema, o terremoto. - E como era a vida lá? - Lá tem muito das pessoas morrerem, agora eu vendo prima, primo morrer, aí eu vim pra cá que é melhor mesmo. -

Por que você escolheu o Brasil? Por que você não foi pra outro país? - Porque aqui é melhor pra mim, porque tenho muito mais de dinheiro pra viajar pra outro país. - Era mais barato vir pra cá? - Isso. -

Você já tinha alguém conhecido aqui? Conhecia alguém que já tinha vindo? - já. - Quem que já tinha vindo? Amigo ou parente? - Irmão que é Haitiano também, que me ajuda a vender o terreno também quando vem pra cá. -

O que você tem encontrado de problema aqui? - Eu tenho problema pra filho e filha e eu quero trazer o governo pra cá. - Eles estão la no Haiti? - Sim. -

Então o problema é ficar longe deles? - Sim, por que ta muito longe de filho e pra comprar a passagem a muito caro, é 4 mil reais e é muito longe e a filha logo vem pra cá e vai ficar pra trabalhar e guardar dinheiro por que ir pra lá é muito longe, e se eu tenho mais dinheiro eu ajudo a filha pra vir pra cá e vai ficar bem melhor pra mim. - Tá, fora isso tem mais algum problema que você enfrenta aqui? - Só não alugar casa, não ajudar a família no Haiti, trabalhar muito e receber pouco, e não dá pra alugar casa, pagar conta de luz e água, ai sobra muito pouco pra família do Haiti. -

E o que é bom morar aqui? - Quando eu cheguei aqui tinha muitos brasileiros ajudando, tem muito Haitiano também. Aqui é bom. -

Você quer falar mais alguma coisa? - Só que aqui no Brasil se entrar filho vai ajudar, por que eu necessito muito da ajuda dos filhos aqui no Brasil, por que ta muito longe pra vir, e faz 3 anos que eu não vejo eles e nos falamos por telefone e fico com muita saudade e falam (Mãe que dia eu vou?) e eu falo que é muito longe e a passagem ta muito caro e tem que esperar, e esperar. Só isso que tem no Brasil. - As pessoas te tratam bem? - Sim. - Tem preconceito

aqui com o Haitianos ou não? – Não.

S 3 (M)

Qual o seu nome? A sua idade? 32. – Você estudou? Fez até que série? – Estudei no Haiti. – Você é casada ou solteira? – Casada. – Qual a sua religião? – Batista. – E qual é a sua profissão? Você trabalha com o que? – Trabalho com restaurante.

– O que te levou a sair do Haiti e vir pro Brasil? – Eu não tinha mais capacidade de trabalhar mais lá. – Você veio pra trabalhar? – Isso, pra trabalhar. – A condição de vida lá era ruim? – Era difícil, lá eu não tinha trabalho e aqui eu trabalho.

– Você escolheu o Brasil por quê? O que te fez vir pro Brasil? – Por que eu não gosto de outro país, eu gosto muito do Brasil e outro país não funciona muito bem.

– Você já conhecia alguém aqui ou você veio sozinha? – Eu tenho marido e filha aqui. – Mas quando você veio com a sua família pra cá, já conhecia alguém que estava aqui ou você veio só com a sua família? – Só família.

– Quais os problemas que você tem encontrado de viver aqui no Brasil? – Não tenho problema. – Tá melhor que o Haiti? – Melhor. –

E quais são os benefícios de viver aqui? O que é bom? – É muito bom. – Por que é bom? – Eu trabalho, ganho dinheiro, busco dinheiro pra família. – Você manda dinheiro pra família no Haiti? – Mando.

– Em relação a sua expectativa, como esta sendo viver aqui? – Tá bem. Eu não tenho casa no Haiti e agora aqui no Brasil eu vou fazer a minha. – Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar? – Tem muita coisa, mas vou lavar roupa agora. – Esta com pressa né? Obrigada.

S4 (H)

Qual o seu nome? A sua idade? - 38 – Você estudou? Até que série? – Não sei o nome, eu aprendi a fazer tecelagem e falta quase 3 anos pra eu terminar os estudos. – Qual a sua Religião? – Católico. – Seu estado civil? É casado? – Sou casado. –

O que te fez vir do Haiti pro Brasil? – Eu sai pelo problema do terremoto que acabou lá, muita gente morreu, perdi mãe e pai e mais 5 irmãos, caiu em cima de casa e perdeu tudo, e lá tem muita gente e pouco serviço e paguei uma passagem e vim buscar serviço no Brasil pra ajudar os filhos a pagar escola. E o Brasil nos ajuda, por que a gente trabalha, consegue serviço e tem gente boa que nos ajuda. –

Por que você veio pro Brasil e não foi para outro país? – Por que gostei do Brasil e vim em busca do trabalho pra depois trazer filhos. –

Você já conhecia alguém aqui? – Amigo.

– Quais os benefícios de viver aqui? - Não tem muito benefício por que aqui tem muito sofrimento, por que sofre um acidente, fica mal, ai volta pro Haiti e é por isso que eu não consigo muito beneficio, e não trago filho por que esta difícil pra nós e não temos dinheiro e o Brasil nos da pouco dinheiro pra trazer os filhos. E também esta ruim Por que aqui tem muito serviço e pouca gente também, que algumas são boas e outras são ruins, mas o Brasil nos ajuda. –

Qual é o lado negativo de viver aqui? Tem alguma coisa que é ruim? Discriminação, preconceito? – Preconceito. –

Você esta sem trabalho agora? – To sem trabalho. –

Com relação as pessoas daqui, você é tratado bem? – As pessoas me tratam muito bem, mas não é todo mundo. –

Você tem mais alguma coisa que gostaria de falar? – Nós temos que pedir ajuda ao governador né e tem pessoa que tem um bom coração, pessoa boa, e pedir ajuda pra nós pagarmos o aluguel pro Haiti mandar pra nós, por que aqui tem muito serviço e lá também, mas maltratava um pouco as pessoas, mas já melhorou e o Brasil ta muito bom para nós Haitianos, e só Deus que abriu portas pra nós virmos pro Brasil, por que nosso Haiti ta com muito sofrimento e estávamos vivendo pouco lá, e aqui também esta bem mais tranquilo.

S5 (H)

Qual o seu nome? A sua idade? – Eu tenho 28 anos. – Você estudou até que série? – Até o 3º grau incompleto. – Qual era o curso? – Economia. – Seu estado civil? – Casado. – A sua Religião? – Cristão. – E a sua profissão? – Aqui no Brasil é auxiliador de almoxarifado. – E lá no Haiti? – Lá eu sou agricultor.

– O que te levou a sair do Haiti? – É muita coisa, mas eu vou explicar um pouco. Quando eu era pequeno eu estava estudando lá e a vida estava sendo muito difícil e depois do terremoto que passou lá no Haiti a vida ficou ainda mais difícil de se viver, e eu lembro de um amigo meu que veio pro Brasil, mas antes do terremoto, e ele me falou que do jeito que o Haiti esta agora é muito difícil de se viver e me perguntou se tinha como eu vir pro Brasil pra melhorar a minha vida. –

E por que você escolheu o Brasil? – Desde criança eu gosto muito do Brasil e do futebol, e não conheço muito do brasileiro, pois a televisão lá não transmite nada do Brasil, e por causa do meu amigo também, e foi por isso que eu vim pra cá.

– Então você já tinha esse amigo aqui né? – Já. –

Quais os problemas que você vem enfrentando aqui no Brasil? – O problema é que a língua é mais difícil pra nós, e quando eu cheguei no Acre eu não entendia nada, e agora eu aprendi e consigo falar um pouco, mas pra viver não se tem nenhum problema de dificuldade. – Tudo é bom? – Tudo, eu acho que tudo é melhor pra mim.

– O que é melhor de viver aqui? – É melhor aqui por que tem muito emprego, por que o pessoal precisa de emprego pra viver, e se eu tiver mais capacidade eu posso trazer meu pai, minha mãe, e tenho um irmão aqui no Brasil e agora ele esta lá em Curitiba, e foi eu quem o trouxe pra cá e o Brasil nos da muita oportunidade pro Haitiano, por isso eu gosto muito do Brasil. –

Vim para o Brasil para trabalhar, porque ali na minha terra é muito difícil encontrar emprego. Minha viagem é muito difícil porque a gente não tem o visto brasileiro porque lá, encontrar um visto brasileiro é muito difícil e vir pra cá, antes do Brasil, eu passei mais ou menos em três países, primeiro me colocaram na Itália, segundo no Equador, e terceiro no Peru. Dinheiro, é, eu gastei mais ou menos oito mil reais pra chegar aqui. Se a gente tem visto, é mais fácil, só pagar a passagem e tem direito. Eu não tenho visto, passei em três países e gastei muito dinheiro, mais do que oito mil reais. É muito, muito difícil pra mim porque passei bastante dias na rua e bastante dias na polícia militar, mais do que uma semana, e depois é muito ruim, porque lá conheci quem rouba dinheiro, haitianos que são muito maus.

Eu acho que, eu vim pro Brasil porque é mais fácil. Lá nos Estados Unidos e na França é muito difícil, e depois o povo do Haiti gosta muito de futebol brasileiro. Agora, é Copa do Mundo, se você vai lá você vai ver bastante bandeira do Brasil, nos carros, nas casas, amigos, porque lá é muito quente, água muito quente porque os haitianos gostam muito do futebol do Brasil. Vir para o Brasil é meu sonho, trabalhar não. Na minha vida eu falei com amigos e disse que vinha pro Brasil pra visitar, só visitar e depois voltava. Acho que depois de 2010, do terremoto, as coisas são muito difíceis. Lá perdi o ... depois bastante amigos e depois comecei a pensar, porque a gente conseguiu emprego que é difícil encontrar. Uma vez que conseguiu um, é só por quatro meses, depois tem que ficar procurando até encontrar.

E eu pensei: vou pro Brasil, mas quando eu vou lá, começar é muito difícil, porque a língua brasileira é muito difícil, é muito diferente da minha, porque lá na minha terra é fácil encontrar gente que fale o francês, o inglês, o espanhol, o crioulo e o português não. Agora, eu acho que mais ou menos tem um pouco de quem fala português, mas antes não. Quando eu cheguei aqui, pra duas pessoas conversarem, é muito difícil porque nunca vi ou nunca encontrei quem fala português, é difícil, mas vou aprender devagar. Eu perguntei à alunos na rua, perguntei à pessoas, depois eu falo um pouco. Mas, o problema pra mim, é que eu posso escrever o português, eu posso ler, mas falar é muito doido, porque as palavras portuguesas são muito diferentes. O português é uma língua que é parecida com o espanhol, mas a pronúncia não, é diferente. Diferente do inglês, diferente do francês, diferente do crioulo, e por isso eu não posso falar muito bem o português. Lá, eu trabalhei de pedreiro, trabalhei também de sapateiro, no Haiti mesmo, morava na Capital, Porto Príncipe. Não fiz faculdade, eu só fiz o ensino técnico.

Tenho família lá, Eu mando dinheiro pra lá a cada mês. Quando você chegou ficou em Brasília um tempo ou não ou veio pra Porto Velho? Não, antes veio pra Acre, depois pra Porto Velho sete meses agora, mais um, oito meses no Brasil –

Você veio com visto ou não? – não, é difícil pra mim dar o visto brasileiro, porque bastante gente quer, bastante gente, encontrar é difícil – e como foi pra você vir ilegal, como foi essa entrada no país? – é difícil mas é meio sujo, porque um dia eu vou lá pra autoridade do Brasil, falei preciso visto falou pra mim é muito difícil, tem bastante tem bastante, fui de novo, fui de novo, fui com dinheiro, foi um dia, o que? É criminal é criminal, entendeu? Somente gasto muito, muito dinheiro, gastei oito mil reais, só importante pra mim eu vir dei quinze mil nada, o importante foi eu vir pra cá - e como foi, você acertou a viagem com alguém, tinha uma pessoa um coioite, alguém que fez isso, esse trajeto? – é, alguém que fez – mas era como com carro? – não, não tinha, Haiti tem um país vizinho do Haiti, é República Dominicana, eu

tenho visto da república Dominicana, ah, eu esqueci meu passaporte – não tem problema – tenho visto República Dominicana, peguei ônibus eu fiz uns dias do Haiti, saí do Haiti para Republica Dominicana, quando eu cheguei lá na República Dominicana, eu esperei a gente que organiza a viagem, depois e fiz mais que duas semanas, porque tem bastante gente que estava esperando ele, antes esperando, ele comprar passagem de avião da República Dominicana pro Equador, quando eu cheguei lá no Equador, agora avião não só ônibus, saí do Equador pra Peru, principalmente Lima, capital do Peru, chegou lá eu fiz quatro dias de Equador até Peru, capital do Peru, depois, capital do Peru até Cuzco eu fiz mais ou menos dois dias eu, sim de capital do Peru até Cuzco, quando eu cheguei lá eu fiz mais ou menos dois dias de novo à fronteira do Brasil, é muito, é tudo custo e dinheiro, paga, paga, paga hotel, paga comida, paga passagem, é policial do Peru muito fome, é muito doido – Violento ou não? – tem gente que falou pra mim, violento, eu não, Graças à Deus, não. Somente quando eu viajo não tem bastante haitiano, quando tem bastante, policial precisa mais dinheiro, me dá esse dinheiro, falo não, eu não fui com bastante, então acho que só, mais ou menos seis ou sete eu acho, passei bastante posto policial, entendeu? Que quando eu via o policia falei com outro haitiano ei tem policia aqui, aí chega entendeu? Eu paguei não só bolsa, pois se me perguntarem “ei, você é haitiano?”, respondi ele: sim. O que você tem, se você pagar passagem, é mais ou menos cedo e aí na hora de sair, todas as pessoas, policia, quer dinheiro, é porque perto do Brasil, é mais rápido e depois tudo acabou, cada gente dá vinte dólares americano, cada um, vinte dólares, só isso. Mas, tem gente não, tem gente que paga mais que cem dólares haitiano e americano, entendeu? Tem gente que paga trezentos, quatrocentos, oitocentos reais, entendeu? Mas eu, graças a Deus não, mas tem gente que sim. – E como você veio do Acre pra cá? Alguém foi te contratar lá ou você veio arriscar? – É uma longa história, mas vou falar. É, quando eu morei lá no Acre, Acre é um lugar muito difícil, muito doído, porque lá no Acre, cada semana é emprego que vem buscar haitianos, cada semana.

O problema pra mim, quando eu cheguei lá, tem emprego lá, eu fiz uma semana, duas semanas, três semanas. No começo era muito difícil porque não tem bastante dinheiro, meu dinheiro já acabou na rua, pra pagar hotel, pra dar comida, pra pagar passagem, pagar ônibus, entendeu?

Hoje é difícil pra mim, um dia eu encontrei um brasileiro, encontrei ele, e perguntou: você é haitiano? Eu disse sim, mas por quê? Mas antes, eu tenho quase dois anos, mas todo mundo fala, eu falo um pouco português, muito mal, pouco, pouco, ele fica tranquilo, ele perguntou de mim: e você é haitiano? Sim. Você trabalha aqui? Eu respondi não, por que? Porque aí não

tem serviço, procura já mais enquadrar ou não, aí ele falou pra mim: se você quer, aqui tem uma cidade não muito, muito longe de você, por ir aí que você vai encontrar serviço, e você quer cozinheiro? Ele falou pra mim: vou pra Porto Velho, e quando chegar vou te ligar, certo? Ele pegou meu número e CPF e tudo e, ele falou: vou comprar passagem pra você, mas de manhã você vai pra Porto Velho. E eu disse sim, e explicou pra ligar pra esposa dele e ele falei pra mim: como assim? É meu número, você vai retirar passagem de nós com a Eucatur em Rio Branco, somente pegar o busão aqui pra Rio Branco, na capital. E tá bom, ele escreveu o nome dele, o nome da esposa dele, o telefone dele, tudo. Quando eu cheguei aí, ele pagou uma casa pra nós ficar aí com ele, e faltava uma semana, falta três dias e a gente não tinha dinheiro, ele falou pra mim de novo: é não pode ficar com fome aí, quando você precisar de algumas coisas aí, vem pra cá, vem buscar. Ele comprava a comida, água, tudo, porque a gente não tinha. Depois eu falei pra ele: meu amigo, eu não quero todos os dias comer aí, eu não quero. E ele: por quê? Disse não, porque sou homem, você é um homem e eu também, eu quero trabalhar, se eu vou trabalhar cada dia vem pra cá não, mas se eu não encontrar serviço é homem. Ele disse: é verdade, vou procurar pra você. Depois de uma semana ele falou pra mim: ainda não consegui serviço, espera um pouquinho, vem comer aí três dias. Eu disse: não, eu to com fome, mas não vou não, entendeu? Porque quando eu to lá na minha terra não, falar com ninguém além da comida não. Minha mãe tem o, eu trabalhei, fazer comida, comprar comida, falar com gente, e me dá comida segunda, terça, quarta, quinta é muito doido né? Eu falei pra ele não. Disse: não, não, não. Eu quero trabalhar, não quero dinheiro de você ou a comida na sua casa, eu não. Se um dia sim, mas todos os dias não. Depois a gente conseguiu o primeiro serviço lá no Restaurante, o patrão é muito legal, muito, muito legal. Eu fiz dois meses ali, depois a gente trabalha, economiza um pouco, paga casa depois compra comida, compra coisas, depois se sobrar pra mim. Mas antes, quando eu recebi o dinheiro, é muito fraco, porque muito bom pra brasileiro sim, pra mim não porque aqui, eu pago casa, pago água, luz. Porque quando eu recebi o dinheiro, é muito fraco, porque por exemplo se eu recebo oitocentos reais, pra pagar casa, pagar a luz, comprar comida, monte de dinheiro lá. Nada economiza. Se a gente trabalhar e economizar, tudo bem, mas se trabalhar hoje, gasta tudo em uma semana, gasta tudo, por que trabalhar? Porque aí pagamento é muito fraco, muito fraco. Agora falar com outros amigos e amigas que moram lá na outra cidade, falaram pra mim, o resto é dinheiro e pergunta porque? Sim, porque aqui é sempre mais e tem muitas pessoas, povo do Haiti também que não paga casa no Brasil. Por exemplo, lá no São Paulo e Santa Catarina, Curitiba, Porto Alegre, têm bastante haitianos que não paga casa, não paga internet, não paga luz, mas eu recebo menos e pago tudo. É difícil economizar, entendeu? É,

eu tenho um amigo meu que trabalha lá em São Paulo, ele recebeu mais que mil reais e ele não paga casa, não paga internet, não paga luz, ele tem cartão alimentação, entendeu? E quando eu fiquei aí, recebi oitocentos e poucos reais, pra pagar casa, pagar luz, pagar água, monte de coisa lá, colocar crédito é muito caro, porque coloca vinte reais, fazer uma chamada lá só dá três minutos e já acabou, entendeu? Lá na outra cidade também, depende, porque tem haitianos que vem pra cá, pra trabalhar só, tem gente que vem pra cá e só trabalha. É difícil falar o português muito bem sozinho.

E você quer ir pra onde? – Pra Porto Alegre. – Mas já tem conhecido lá? – Sim, tenho, já falei com amigos meus, já falei. Porque eu vou lá só. Lá (...) depende, depende. Se a gente tem tempo, vou trabalhar a noite e ir pra escola de dia ou vou trabalhar a noite e vou trabalhar de dia também, porque eu quero economizar um pouco entendeu? Eu quero economizar um pouco, porque se um dia der problema lá, minha mãe, ou meu irmão ou meu primo, vão me ligar “Ah, deu problema lá, precisa mil reais, ou oitocentos, seiscentos” Aí é fácil pra mim, vou no Bradesco ou Caixa e tiro, entendeu? Mas se a gente trabalhar só pouco aqui, comida, pagar casa, pagar luz, manter um pouco, tudo acaba a comida. Porque se eu não fizer um curso ou trabalhar mais e economizar mais, um dia vou fazer a minha vida aqui ou no Haiti, não sei, mas vou fazer minha vida. A vida da gente não. Não sei pra outra pessoa, pra mim não. Porque meu sonho é trabalhar bastante e economizar e depois fazer um curso. – Hoje você tá legalizado aqui? Você tem documento, tem visto, tudo certinho? – Agora, preciso de visto não. Já tenho comprovante com a polícia federal, CPF e carteira de trabalho certo, somente isso. Esperar morar residência. Porque só polícia federal me deu residência, depois ficar tranquilo. –

E você pensa em continuar no Brasil, você não quer voltar mais pro Haiti? – Pode ser que sim, voltar só fazer um mês, quinze dias com a minha família, depois volto de novo. Vou trabalhar, trabalhar é a primeira coisa na vida. Vou trabalhar na noite, depende. Se tiver a possibilidade de trabalhar duas vezes, sim quero ganhar dinheiro lá, mas economizar também. Porque aqui no Brasil tem bastante serviço, e no Haiti e Brasil se você pensar hoje, você que foge você tem respeito também, você, como fala, você pode trabalhar entendeu? Porque lá é mais, meu sonho vai... – Vai conseguir mais rápido atingir o que você quer. – Sim, mais rápido. Nem só por isso, mas gostei dali. Quando eu sair daqui, meu coração vai ficar aqui. Sim, porque é verdade. Aqui, tenho bastante amigos, bastante amigas, bastante. Aqui não tem discriminação, entendeu? Todo mundo gosta de estrangeiro. Agora sou brasileiro. Eu também. Somente, principalmente, eu respeito todo mundo também. Se quer respeito, respeitar também. Depois todo mundo, vou sair daqui, to muito triste, porque bastante amigo, chama

“mas você vai embora” sim, triste, muito, porque sim, perdoar o inimigo, mas não sabe o que você, a gente vai conseguir lá, é que tudo mais aqui, sei aqui, lá não sabe. Se eu não quero ir pra escola ou fazer um curso, mas meu sonho é estudar.

O que você mais gostou do Brasil? – Respeito. Porque sem o respeito não tem nada, porque quando a gente consegue o respeito, fica tranquilo, trabalhando tranquilo, mas quando não tem respeito, tem discriminação, respeito. Respeito primeiro, depois trabalho. – Você falou do futebol. O que mais que te chama atenção no Brasil? – Aqui, é eu gostei do Flamengo, mas quando você tá lá em seleção, é a Seleção brasileira. Copa do Mundo aqui é como no Haiti, bastante gente fala “ah é Brasil, Brasil vai campeão, o melhor.” Porque lá tem bastante, bastante camisa brasileira, tem bastante também. E a gente vai comprar bastante agora, bandeira, camisa, tudo Brasil, tudo, tudo. –

Você sabe que tem uma força-tarefa lá de militares brasileiros no Haiti. Como é essa relação? O que eles fazem? – Lá, na verdade, os brasileiros que trabalham lá, eu não gosto, porque eu gosto dos brasileiros, mas o critica, porque um país é um país, mas quando tem gente estrangeira, fica com armas, entendeu? Aqui Brasil tem muito brasileiro, policial brasileiro, de outras nações não, entendeu? Eu também tenho um problema, um problema político.

Eu mais ou menos gosto porque quando os brasileiros foram em 2004, o Haiti estava muito, muito perigoso, muito perigoso, especialmente na capital. Tinha bastante gente, armas, drogas, entendeu? Ladrões. Ajuda policial do Haiti é bom, é bom, mas muito tempo não. Ajuda depois, ajuda, mas um tanto de tempo não, porque se eu venho pra cá é só a casa, entendeu? “eh minha amiga vou ajudar você, limpar pra você, limpando tudo, beleza?” Não vou ficar aqui não, entendeu? Só isso. A política, armas, militares, eu não gosto, porque aí Haiti não precisa de política mais. Haiti precisa de política e emprego, política e boa educação, como eu vou falar, política boa, purificado, entendeu? Porque aí é falta de emprego, falta de emprego, mas não falta armas, militares, prisão, não. Haiti não falta não, porque se tem menos emprego, vai ter bastante bandido, se tem poucas escolas, vai ter bastante crianças na rua, entendeu? Não, bastante armas, militares, não. Porque tem bastante países que chegou lá. Eu gostei nada não, porque bastante países ricos chegou lá, não fazem uma coisa normal, não fazem, por exemplo Estados Unidos, mais perto de nós, é quarenta e cinco minutos, já chegou minha avião. Primeiro país do mundo. Por que Haiti tem problema político, por que Haiti tem problema policial? É muito fraca, e tem cidade que tem quatro ou cinco policiais, porque a gente faz qualquer coisa né. Aqui tem bastante bandido, Haiti tem um pouco. Somente, Haiti tem só problema, de trabalho, bastante emprego. Eu acho que deveria ter, sim.

Mas aí vem pra cá não, tem mais que cinquenta mil agora, cinquenta mil já chegou aí. – Cinquenta mil? – Haitianos aqui no Brasil. Cinquenta mil. Tem Angola um pouco, Senega um pouco, Colombiana um pouco, dominicanos um pouco, mas haitiano bastante. Cinquenta mil, é cinquenta mil jovens vem pro Brasil, Estados Unidos, França, República Dominicana, um pouco Chile, Equador, um pouco Peru. Muito, muito pouco, entendeu? Porque tudo foi mais uns cinquenta mil. Cinquenta mil! – Muita gente. – É muita gente, porque lá precisa de emprego, não precisa de boas palavras, não precisa bastante (...), bastante nações, não. É emprego. Porque aqui é uma cidade mais perigosa do que a capital. Tem gente que tem armas, que fala “vou dar armas, mas eu quero emprego, quero trabalhar” Aqui no Brasil encontra isso? Não! Entendeu? Armas, tenho armas sim. Vou dar uma arma, mas eu quero trabalho, por que? Entendeu? É um povo muito legal, muito educado, mas o problema é trabalhar, porque se uma pessoa não encontra o trabalho, o que ela vai fazer? Ela quer comer, ela quer comprar roupa também, quer falar no celular, quer ficar no Facebook, ou na internet qualquer, entendeu? Ela tem um sonho, cada gente, cada pessoa tem um sonho, mas tem bastante jovens encontrando serviço. É difícil, é difícil. Se uma pessoa é crente ou é uma pessoa muito educada, pode fazer muita coisa não, mas se tem uma pessoa só fazendo, vai fazer mais fácil, porque diz “ah eu quero comida, vou fazer, vou roubar” porque ele não encontra serviço, mas aqui no Brasil tem bastante e por isso bastante gente vem pra cá também. Mais coisa que eu quero falar só obrigado a todos, todos brasileiros, porque o povo do Brasil são legais, muito, muito, muito. Eu acho que Deus vai abençoar o Brasil mais, porque o Brasil abriu a porta pra nós, entendeu? Porque agora tem mais ou menos trinta e cinco, quarenta mil pessoas que vão fazer transferência do Haiti cada vez, entendeu? Eu por exemplo, vou fazer segunda de duas pessoas, porque aí, quando uma pessoa sai de lá pra cá, fala “Ah, Brasil melhor, Brasil rico” mas Brasil trabalha bastante também né. As vezes ele não sabe e fala “ah, Brasil é melhor, quero dinheiro”, entendeu? Tem dia que eu não tenho bastante, falo pra mim: eu quero! Tá, vou trazer, mas não tenho bastante. É, tem casa, tem comida, tá, porque eu gosto de ajudar a minha família, entendeu? E você estava lá na época do terremoto? – Sim, eu estava lá. – Como foi tudo isso? – Foi muito doido pra mim, porque quando o terremoto passou lá, eu tava na minha casa, eu trabalhei lá um dia, mas sei que um dia, terça-feira eu acho, pelas quatro horas e quarenta e cinco, eu tava na minha casa, trabalhei fazendo solas, sapateiro, eu fiquei com os três meninos e duas meninas, e quando eu fiquei minha casa ficou tremendo e eu falei “ah, é terremoto” porque já aconteceu terremoto, na firma, na minha escola. “De novo?” Sim, é terremoto. Eu não saí, todo mundo saiu, viu bastante casa, bastante gente falando “oh meu Deus”. Viu bastante gente, caiu, caiu. Todo mundo viu problema. É minha

casa é muito alta, perigosa, vou para frente, perto de uma casa baixa, ficar lá. Tem gente que passa rápido, muito porque tem muita casa alta, porque quando tem uma situação difícil, é melhor, não vai como uma pessoa doida não. Eu não, ficar perto de uma casa baixa e ficar lá. Tem gente que passa no rio, eu não. Quando o terremoto vai sumindo, diminuindo, vou pro espaço. Só que na hora é muito difícil e não tem contato de telefone, não tem contato internet, não tem água, tudo, tudo é doido. O problema mais é hospital caiu. Se hospital caiu, aonde vai atender? É prisão caiu também. Foi na rua, mata polícia, pega armas. É, todo mundo libera gente, armas. Muito perigoso né. O perigo é sair da prisão, pegar armas, depois de passar terça-feira quatro horas e quarenta e cinco minutos, eu acho, quarta tem gente que vai roubar, é bandido roubar supermercado, mercadinho, tudo, tudo, tudo. Roubar tudo, é muito doido. É bastante gente na rua falando “ah preciso doutor” preciso doutor não, porque doutor morreu também, hospital caiu, entendeu? Não tem autoridades, não tem bombeiros, não tem nada, nada, nada, todo mundo, caiu todo mundo, bastante. Trezentos mil pessoas. É uma situação muito difícil pra minha vida. Vi meu amigo, uma amiga cair, e eu não posso fazer nada. Ninguém pode fazer nada, ninguém, porque quem chamar “eh, ajuda a gente”, quando a gente tem um pouco de água, bastante gente fala “me dá um pouco, me dá um pouco” e não é suficiente pra eu, entendeu? É, como fala, mulher grávida muito mal, é uma situação muito mal pra mim. É 2010 e 2004 também. É problema com política. Em 2004 teve bastante jovens que tem armas, rouba, mata policial, mata é. Muito triste pra mim. Eu acho que meu Deus vai trazer alguma coisa pro Haiti, eu acho, porque Haiti já passou bastante problema já, bastante. Muito triste.

S6 (M)- Irmã- Pastoral do Imigrante

Seu nome?

_____ Eu tô aqui há um ano, um ano e pouco, trabalhando com migrantes que é essa a nossa missão, o nosso carisma, como congregação é o serviço evangélico dos Migrantes. - É da pastoral? – Sim, é a pastoral dos Migrantes, aqui de Porto Velho.

Eu queria que a senhora falasse um pouquinho do seu trabalho, irmã.

– Então, eu trabalho como já falei, específico nosso, do trabalho onde nós estamos, trabalhamos com os migrantes e nós procuramos ir também onde se concentram o maior número de migrantes. Estamos aqui em Porto Velho, somos duas irmãs, Irmã _____ trabalha na CPT e coordena a pastoral dos migrantes e eu trabalho direito com os migrantes haitianos, onde nós moramos tem um centro de apoio migrante, a gente atende lá em casa, eles vêm quando tá com problema, querendo algumas coisas, algumas informações né que a gente pode dar e, tem curso de português né, uma vez por semana, pros homens na escola junto com a equipe da Universidade, em parceria com a Universidade Federal, a UNIR é, tem curso de português. E eu to dando uma atenção especial às mulheres, porque as mulheres não vão, normalmente não vão pro curso que acontece a noite, o curso de português né, na escola XXI de Abril. Aí, uma vez por semana eu reúno as mulheres para ensinar a fazer coisas bem práticas, ensino o português e também é um momento de encontrar, delas se encontrarem, conversamos, comemos alguma coisa juntas, e isso porque elas ficam muito fechadas dentro de casa né. Aqueles que estão chegando, que ainda não falam bem o português, então elas não saem muito, e é uma forma de fazer elas saírem e virem lá e a gente ficar junto. –

Qual é a maior dificuldade que eles encontram?

– Dificuldade é, trabalho até que eles encontram, mas no início as vezes demora um pouquinho, e as mulheres tem mais dificuldade ainda pra encontrar trabalho. Mesmo porque aquelas que tem criança, tem filho pequeno não tem tempo, não se consegue creche. É muito difícil porque pagar eles não podem e teria que ser essas do município que estão sempre cheias, então elas tem que ficar com a criança. Tem muitos que assim mesmo vão fazer algumas horas de trabalho e deixa a criança com uma amiga ou qualquer coisa e vão trabalhar. Mas a dificuldade é essa, eu acho que realmente ganham pouco porque não é sólido pagar o aluguel, já é caro um quartinho, quatrocentos reais, e ainda paga luz. Tem que mandar quem ganha um salário mínimo, paga o aluguel, comer, e o que sobra pra mandar pra família né? Então muitos deles estão divorciados por tudo isso, muitos que você entrevistou também, porque a família tá lá, os filhos tão aí, e é caro, tem que pagar o estudo, tem que mandar

dinheiro pra comida, tem e as vezes o dinheiro não dá né, então eles vivem com uma certa angústia né, longe dos filhos, então eles sentem muita saudade, as vezes chora porque pensa “ah meu filho tá lá”, e quando telefona perguntam “ah mãe, por que você não vem?” Então a gente pode imaginar né o sofrimento também deles, ficar longe da família, fora da pátria, não saber ainda falar e se comunicar bem né. Então nós tentamos ver o que, dentro das nossas possibilidades, o que a gente dá pra adivinhar um pouco os sofrimentos, as informações né, a questão da saúde, saber que eles têm que fazer a carteirinha do SUS, e quando precisa de advogado, quando tem muitos casos que são injustiçados no trabalho. Então nós temos uma equipe da pastoral dos migrantes com advogado que assume esses casos né, e trabalha pra nós e, então temos diversos casos que já entrou na justiça, e assim, a gente faz aquilo que é possível fazer.

Esses casos na justiça geralmente são por quê?

– Por que são injustiçados no trabalho. Trabalharam e não assinaram a carteira, ou porque não pagaram né, trabalharam meses sem pagar. São essas coisas assim que eles comunicam pra gente e aí faz a rescisão de contrato, a gente vê quando as coisas não são justas, a gente encaminha para o advogado. Eles já ganham pouco né, e que não sejam injustiçados. Pra mim me revolta muito, quando eu vejo isso, que fazem trabalhar, porque trabalham até mais ou a mesma coisa dos outros ganhando menos, que é o caso dela também né. A brasileira faz o mesmo trabalho dela, ganhando um salário maior, então, elas percebem essas coisas e é injusto né. Então eu acho que as coisas que são injustas, quando eu posso combater eu combato né, quando tem coisa que pode ir na justiça, quando o advogado pode entrar, aí a gente acompanha né ela pro advogado. –

E como a senhora vê essa inserção deles aqui?

– Eles, até que os primeiros que estão aqui, aqueles que já fazem uns anos que estão aqui, até que estão se integrando muito bem, já se comunicam, então já tem mais facilidade, já tem amigos brasileiros. É maior o sofrimento no início né, quando chega, então é lá que a gente tem que dar o maior apoio né, no início que é mais sofrido. Depois aos poucos eles começam a se integrar, fazer amizade, aí se torna mais fácil. Mas sempre eles sabem que nós estamos aí pra qualquer coisa, precisando nós vamos ajudar, inclusive nessas cidades também não conseguem com aquilo que ganha, pagar aluguel, mandar pra família e comer né, então fizemos umas campanhas lá, tem um pessoal que nos dá umas cestas básicas e aí a gente ajuda também com alimento.

E com as crianças, tem algum trabalho?

– As crianças, nós acompanhamos as gestantes, e também depois as crianças. Isso nós fizemos junto com a pastoral da criança da paróquia. Então como eu não dava conta de tudo, falando com o padre, falando também com a ajuda da paróquia, conseguimos que a pastoral da criança assumisse, e está assumindo muito bem. Vão visitar uma vez por mês, tem dois pediatras que são da paróquia e atendem aqui também uma vez por semana; elas seguidos, junto comigo, também sozinhas, visitam, levam pra cidade, levam pro médico se precisa. Tentamos dar, para aquelas que nós conseguimos, que estão mais aqui por perto, porque tem muitas que estão mais longe né, a gente incentiva as paróquias para ficarem atentas, para poder ajudar as crianças da paróquia e dar um atendimento especial para os mais necessitados. –

Tem mais alguma coisa que a senhora queira falar?

– Acho que é mais isso, acho que agora a gente tá lutando aqui, esse ano fizemos até a comigrar, com o ministério da justiça, então a gente tem que criar umas políticas migratórias. O Estado não tem, o Brasil não tem. Entraram, fizeram uma ----- comunitária né, abriram as portas, porém depois abandonaram. Agora estão aqui na nossa casa, o que a gente pode fazer? Vamos deixar assim? É no início tem que dar uma assistência, ajudar na integração, porque depois de uns anos eles se integram, aí não precisa mais, mas no início acho que falta esse apoio, também como país, como Estado né. E dar um apoio porque muitos são desanimados e sofrem, muitos ficam angustiados, preocupados porque não conseguem, com a língua também, as vezes não conseguem se comunicar, então vivem muito isolados, especialmente as mulheres, elas se isolam. Eu vou às casas, elas tão fechadas em casa, lá sozinhas.

A senhora percebe que existe algum tipo de preconceito na cidade, das pessoas que vivem aqui com eles, ou não?

– Olha, não percebi claramente. Tem certa discriminação das pessoas dizerem assim: “ah por que eles vêm aqui? Por que já não ficam lá?” E eu tento explicar a situação pra eles né, mas assim, é a minoria, pessoas que realmente não entendem que eles têm direito de viver também, buscando, tentando uma vida melhor né, tentando viver, eu acho que é um direito que eles têm, fundamental o direito à vida né. Mas são poucos, a gente até ouve uns casos, que nem fui eu, foi a outra irmã que ouviu, por exemplo, um que tava jogando lixo, porque a maioria trabalha na marquise, aquela que recolhe o lixo né, são haitianos, 90% são haitianos, então ia jogando o lixo dentro dela e ia caindo no chão né, e aí um falava “olha aí tá caindo no chão! Ah mas depois os haitianos juntam”. Pois é, tem certa discriminação sim, tem no fundo, e eles às vezes sentem isso, o trabalho a diferença, como eu disse antes do pagamento, do salário menor. Então, talvez não diretamente, não por parte de todos, mas existe certa discriminação.

ANEXO C – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO.**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título da Pesquisa: De Porto a Porto: O Eldorado brasileiro na percepção dos imigrantes haitianos em Porto Velho

Prezado Sr(a), _____

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que estudará sobre os motivos da crescente imigração haitiana para o Brasil, que faz parte do curso de mestrado em História da PUC-RS. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Você foi selecionado (a) porque é adulto, imigrante, haitiano, morador de Porto Velho.

- A sua participação nesse estudo consiste em oferecer informações que se dará por meio de uma entrevista semiestruturada, onde a mesma terá a gravação de áudio, posteriormente transcrita.
- Seus dados pessoais e outras informações que possam lhe identificar serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos nesta pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos propostos.
- Sua participação é muito importante e voluntária. Você não terá nenhum gasto e também não receberá nenhum pagamento por participar desse estudo.

As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação, quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou educativa, uma vez que os resultados serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. Você poderá se recusar a participar ou a responder algumas das questões a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a sua decisão.

Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelos sujeitos da pesquisa, deverão, obrigatoriamente, ser **arquivados pelo pesquisador responsável, durante um período mínimo de 5 (cinco) anos** após o encerramento do estudo (Res. CNS 196/96 – Item IX.2.e).

Os resultados dessa pesquisa servirão para conhecimento acadêmico sobre imigração, especialmente a haitiana, além de contribuir a partir dos dados obtidos, para análise e possíveis implementações de políticas públicas voltadas a atender a este público em específico.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisador responsável: Prof^a: Ana Paula P. Gottardi. Rua Delmiro João da Silva, 2238, Brizon, Cacoal, RO- Tel 9911-2230/ 3441-8978

Dados Gerais:

Nome: _____ Idade: _____ Sexo: __ (M) __ (F)

Porto Velho, novembro de 2014.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

Nome do participante: _____

Assinatura do participante: _____

Data: ____/____/____

Obrigado pela sua colaboração e por merecer sua confiança.

Nome do Pesquisador Responsável: __Ana Paula P. Gotatrdi_____

Assinatura do pesquisador: _____

Data: ____/____/____